CRISTIANE CARVALHO DE PAULA BRITO

ESCRITA NO VESTIBULAR: QUANDO O SUJEITO (DES) APARECE

2004 08 4135

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada, à Comissão Julgadora do Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos.

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

- 2004 -

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/Unicamp
B777e
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 58435
PROC 16-117-04
C ____ D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 28-06-04
Nº CPD ____

CM00198117-8

Bibid: 317255

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Brito, Cristiane Carvalho de Paula.

B777e Escrita no Vestibular : quando o sujeito (des)aparece / Cristiane Carvalho de Paula Brito. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientadora : Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Subjetividade. 2. Linguagem. 3. Escrita. 4. Dissertação. 5. Ensino. I. Mattos, Maria Augusta Bastos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Maria Augusta Bastos de Mattos

Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos - orientadora

Profa. Dra. Raquel Salek Fiad

Profa. Dra. Ana Luiza Marcondes Garcia

Profa. Dra. Denise Telles Leme Palmiere - suplente

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Cristiane Carvalho de Paula Brito

e aprovada pela Comissão Julgadora em 26/04/2004.

Maria Augusta Bastos de Mattos

DEDICATÓRIA

A **Deus**, por gerar os Seus sonhos em meu coração e me capacitar a realizá-los.

AGRADECIMENTOS

À **Maria Augusta**, pela orientação preciosa;

À **Maura**, por me iniciar nos caminhos da pesquisa;

Aos **meus pais**, Eugênio e Adiema, pela dedicação, apoio e incentivo;

Ao **Davi**, meu esposo, por incentivar-me a prosseguir;

Aos **meus amigos**, por estarem sempre por perto;

À **Raquel** e à **Ana Luiza**, pela leitura crítica e sugestões enriquecedoras;

À **CAPES**, pelo apoio financeiro;

À **Comvest**, por fornecer-me o material para pesquisa.

RESUMO

Este trabalho, fundamentado no dialogismo bakhtiniano e nos referenciais teóricos da Análise do Discurso, de linha francesa, tem o objetivo de analisar dissertações de candidatos ao Vestibular da Unicamp (1999), a fim de evidenciar como a subjetividade se constitui ao longo do texto. A subjetividade nas redações será analisada por meio de três categorias: 1. **posicionamento** – que nos permitirá evidenciar os recursos utilizados pelo sujeito ao se posicionar em relação ao tema (ou questões com este envolvidas) proposto para a dissertação; 2. **retextualização** – em que evidenciaremos os recursos utilizados pelo sujeito ao se relacionar com os trechos de textos apresentados na prova; e 3. **estilo** – que investigará o trabalho do sujeito com os aspectos meramente lingüísticos.

Por fim, pode-se dizer que esta pesquisa pretende, de forma mais ampla, problematizar o ensino de escrita na escola, a partir de uma visão que considera a multiplicidade dos sentidos como fundamental em qualquer trabalho com a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

1. Subjetividade; 2. Linguagem; 3. Escrita; 4. Dissertação;
5. Heterogeneidade.

ABSTRACT

This work, based on the bakhtinian dialogism and on the principles of French Discourse Analyzes theory, aims analyze essays of candidates to the University entrance's examination for Unicamp (1999), on the purpose of evidencing how subjectivity is constituted along the text. The subjectivity in the essays will be analyzed through three categories: 1. **positioning** – which will enable us to evidence the means used by the candidate when discussing the theme (or matters related to it) proposed to write the essay; 2. **retextualization** – which will enable us to evidence the means used by the candidate to relate with the texts presented in the examination; and 3. **style** – which will investigate the candidate's work with linguistic aspects.

Finally, we can say that this research intends, in a greater extension, to think about the teaching of writing in school, starting from a vision that considers the multiplicity of sense as fundamental in any work dealing with language.

KEY-WORDS

1. Subjectivity; 2. Language; 3. Writing; 4. Essay; 5. Heterogeneity

SUMÁRIO

0. Introdução **15**

1. Fundamentação Teórica **19**

1.1. Sobre a noção de linguagem 20
1.2. Sobre a noção de texto e sentido 21
1.3. Sobre a noção de formações imaginárias 23
1.4. Sobre a noção de sujeito 24
1.5. Outros conceitos 26
1.5.1. A questão da oposição objetivo x subjetivo 26
1.5.2. A questão da literalidade 28

2. Escrita na escola: e a história se repete **29**

2.1. E por falar em escola: o discurso pedagógico 29
2.2. Escrita na escola: alguns estudos 33

3. Linguagem e texto no livro didático **39**

3.1. A questão do gênero 41
3.2. Análise do primeiro livro 42
3.3. Análise do segundo livro 49
3.4. Sobre o gênero escolar 58
3.5. Sobre o discurso da criatividade 59

4. Escrita no Vestibular: produção ou reprodução? **63**

4.1. A Metodologia 63
4.2. A Coletânea 72
4.3. Redações selecionadas e analisadas 74
4.4. Consideração das análises 118
4.5. Uma consideração pelo "Outro" 122

5. Considerações Finais **133**

6. Referências Bibliográficas **137**

7. Apêndice **141**

INTRODUÇÃO

Não meu, não meu é quanto escrevo.
A quem o devo?
De quem sou o arauto nado?
Por que, enganado,
Julguei ser meu o que era meu?
Que outro mo deu?
Mas, seja como for, se a sorte
For eu ser morte
De uma outra vida que em mim vive,
Eu, o que estive
Em ilusão toda esta vida
Aparecida,
Sou grato Ao que do pó que sou
Me levantou.
(E me fez nuvem um momento
De pensamento.)
(Ao de quem sou, erguido pó
Símbolo só.)

Fernando Pessoa

"Vou escrever isto, porque sei que a professora vai gostar!". Apesar desta ser uma fala recorrente em minhas aulas de redação, tenho certeza de que não foi "originalmente criada" por mim. Entretanto, se não é fruto de minha "criatividade", não posso, por outro lado, afirmar que este enunciado seja uma mera reprodução.

Sem dúvida, tratava-se de um "discurso do outro", mas que pôde ser ressignificado, dadas certas "condições de produção", no "discurso do eu", em especial, nos momentos em que a tarefa na escola era: "escreva um texto dissertativo, de 25 a 30 linhas, sobre o tema...".

Contudo, o mais interessante era receber a redação "corrigida" com um "Parabéns" ou um "Continue assim", e tentar me encontrar no intervalo daquela primeira fala e destas avaliações.

Esta pequena retrospectiva, de caráter quase autobiográfico, toma proporções maiores quando se pensa no ensino da escrita no contexto escolar. Quando se pensa na situação das aulas de redação...

Há muito que se coloca a questão: "Escrita na escola: produção ou reprodução?". Grande parte dos estudos apontam a segunda opção. Entretanto, na tentativa de apontar a primeira é que surgiu este trabalho. Talvez ele tenha mesmo se iniciado nas aulas de redação de outrora...

Neste sentido, este trabalho se propõe a responder à seguinte pergunta de pesquisa: *Como é constituída a subjetividade em dissertações de vestibulandos?*

O meu interesse é investigar a forma com que os candidatos ao Vestibular se colocam como sujeitos de sua escrita, no intuito de fazer desta um espaço de construção de sentidos. O meu objetivo é, pois, **analisar dissertações de candidatos ao Vestibular da Unicamp (1999), a fim de evidenciar como a subjetividade se constitui ao longo do texto**.

Vale ressaltar que a escolha do texto dissertativo deve-se ao fato deste tipo de texto requerer um maior uso de recursos argumentativos, elevando, assim a chance da retomada dos lugares-comuns, dos clichês etc, que, por sua vez, tendem a contribuir para a não constituição da subjetividade. E é isto que talvez torne o trabalho mais "arriscado", porém, ao mesmo tempo, mais interessante: a tentativa de encontrar o diferente no mesmo; o "eu" no "outro", ou o "outro" no "eu".

As análises desenvolvidas fundamentaram-se no dialogismo bakhtiniano e nos referenciais teóricos da Análise do Discurso (AD) francesa, sendo que esta segunda opção se deve ao fato de a AD ser, mais que um método de análise, uma "forma de conhecimento da linguagem". (Orlandi, 2001a). Forma esta que me possibilitou uma maior compreensão de meu objeto de estudo, justamente por levar em consideração alguns dos termos[1] que coloquei entre aspas no início desta introdução.

No Capítulo 1, apresentarei os principais conceitos teóricos que embasaram este estudo, destacando, dentre outras, a noção de linguagem, texto, sujeito e sentido.

O Capítulo 2, por sua vez, é dedicado a algumas considerações sobre o discurso pedagógico e à apresentação de estudos sobre a situação da escrita no contexto escolar.

O Capítulo 3 é dedicado à análise das concepções de linguagem e de texto dissertativo em dois livros didáticos de Português para o Ensino Médio, a fim de explicitar os referenciais teóricos em que se fundamenta o ensino da escrita na escola (mais especificamente, o ensino da dissertação). É necessário esclarecer que os livros didáticos foram analisados como um parâmetro, dentre tantos outros existentes na escola. Eles são, pois, vistos aqui como um meio que nos permite consideravelmente avaliar as bases teóricas em que se assentam as práticas pedagógicas.

No Capítulo 4, que se destina à exposição de meu objetivo, propriamente dito, apresentarei as análises das dissertações dos vestibulandos, com o propósito de evidenciar como emerge a subjetividade ao longo do texto.

Finalmente, pode-se dizer que, ao se constituir como um espaço de reflexão sobre o ensino da escrita (e sobre o sujeito desta), este trabalho espera contribuir para futuras

[1] "Discurso do outro", "discurso do eu", "condições de produção", "criatividade" serão conceitos desenvolvidos ao longo do trabalho.

propostas que tenham a multiplicidade de sentidos e a heterogeneidade da linguagem como ponto de partida para qualquer ação pedagógica.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Das idéias

Qualquer idéia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

Mário Quintana

Iremos nos apoiar no dialogismo bakhtiniano[2] e nos referenciais teóricos da Análise do Discurso francesa, sobretudo no que diz respeito às concepções de linguagem, texto, sentido e sujeito. Vale deixar claro que nos inscrevemos em seu quadro teórico por ele nos permitir uma compreensão mais ampla dos fenômenos de linguagem que desejamos analisar.

Comecemos, então, pela noção de linguagem que fundamenta este trabalho.

[2] Como será visto no decorrer do trabalho.

1.1. SOBRE A NOÇÃO DE LINGUAGEM

Concebemos a linguagem como mediação necessária para a interação entre o homem e a realidade; deste modo, não há como estudá-la fora da sociedade, "uma vez que os processos constitutivos da linguagem são histórico-sociais". (Orlandi, 2001a:82).

A linguagem não é, pois, exterior ou anterior à realidade, antes está emaranhada nesta de tal forma que seria impossível qualquer tentativa de separação ou distinção entre as duas. A realidade e o homem, bem como a realidade do homem, são construídos pela e na linguagem.

Dentro desta perspectiva, a linguagem não é um instrumento, já que considerá-la como tal pressupõe a aceitação de que em algum momento na História houve um homem que, desprovido da linguagem, interagia com seu semelhante. Nas palavras de Benveniste, "isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a". (Benveniste, 1995:285). Assim, a linguagem não pode ser vista como um produto a ser apropriado pelo sujeito, mas como um processo responsável pela própria constituição deste.

Neste sentido, a função referencial aparece como uma dentre as várias funções da linguagem. Afirmar que esta é apenas um instrumento de transmissão de informações ou de comunicação é simplificar sua própria natureza; de fato a língua serve para comunicar e para não comunicar; serve para informar, mas também é usada para persuadir, para inculcar, para excluir... Além disso, concordamos com Pécora, para quem "qualquer tipo de linguagem, desde que efetive um vínculo intersubjetivo, desde que se possa reconhecer nele um efeito de sentido, constitui uma argumentação". (Pécora, 1999: 96).

Esta perspectiva rejeita a concepção logocêntrica que preza a transparência da linguagem, como se, dado um material lingüístico qualquer, o sentido fosse óbvio, o que é incoerente com a idéia de intradiscurso e interdiscurso, tal como enunciada por Pêcheux (1997a).

O intradiscurso diz respeito ao fio do dizer, à dimensão horizontal, linear da linguagem verbal; trata-se da relação entre o que digo agora, o que disse antes e ao que aponto. O interdiscurso, por sua vez, refere-se à dimensão vertical da linguagem, à relação entre o dito e o não-dito, é a dimensão do discurso que excede à formulação. Vale ressaltar que o interdiscurso[3] compreende o **pré-construído** – componente histórico-social que fornece "a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como "sujeito-falante", com a formação discursiva que o sujeita" (Pêcheux, 1997a:167) – e o **discurso transverso** – possibilidades de substituição entre palavras, expressões, ou proposições que possuam o mesmo sentido.

1.2. SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO E SENTIDO

O texto não se define por sua extensão nem é tampouco uma somatória de frases; antes, se constitui em um todo coeso, porém de natureza intervalar. Em outras palavras, apesar de se constituir em uma unidade de significação (e, portanto, ser passível de análise), o texto não é um produto fechado em si mesmo, pois seu sentido é construído na interação entre os interlocutores. Além disso, todo texto dialoga com outros textos (tanto com aqueles

[3] No nível interdiscursivo de análise, estuda-se o funcionamento da implicitação que é da ordem das determinações ideológicas e inconscientes, que constituem o sentido de todo discurso.

dos quais se origina, quanto com aqueles para os quais aponta), o que nos permite considerar a intertextualidade como elemento constitutivo da unidade do texto. E isto deve-se ao fato de que todo e qualquer texto está vinculado às suas **condições de produção**, que abrangem, por sua vez, um contexto imediato (as circunstâncias da enunciação: interlocutores, assunto, situação, formações imaginárias[4]), e um contexto mais amplo (contexto histórico-social) de produção do texto.

O texto é, pois, o lugar do trabalho da linguagem, por excelência, e, devido ao fato de esta não ser concebida de forma transparente, tem-se que a tarefa do analista é a de investigar não o que um determinado texto significa, mas como ele o faz, tendo sempre em vista que "há tensão, confronto, reconhecimento e mesmo conflito na tomada da palavra. Há tensão, entre o texto e o contexto (social, histórico-social). Há tensão entre interlocutores: tomar a palavra é um ato social com todas suas implicações". (Orlandi, 2001a:151).

Dentro desta perspectiva, o **sentido** não existe em si nem está depositado em um texto, à espera de que alguém o encontre; antes "está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos/nos dois interlocutores". (Orlandi, 2001a:160). O sentido é, pois, construído por meio da interação entre os interlocutores e determinado pelas posições ideológicas que entram em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Desta forma, uma mesma palavra pode assumir sentidos diferentes, uma vez que se considere as posições ideológicas daqueles que a empregam.

Conforme Pêcheux:

[4] As formações imaginárias, que explicaremos melhor posteriormente, referem-se às várias representações (e às suas combinações) que os participantes da interação lingüística têm de si, do outro e do referente discursivo.

> *Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente "evidentes" – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva*[5]*, é porque (...) uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.* (Pêcheux, 1997a:161).

1.3. SOBRE A NOÇÃO DE FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

O conceito de formações imaginárias, conforme enunciado por Pêcheux (1997b), permeará, de um modo geral, as análises, portanto, faz-se necessário esclarecê-lo.

Para Pêcheux, "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro". (Pêcheux, 1997b:82).

Este conceito é de extrema importância para compreendermos a razão do aluno escrever como escreve, uma vez que será justamente a imagem que ele faz da imagem que o professor faz do referente (este também tido como objeto imaginário e não como realidade física), em nosso caso a escrita, mais especificamente o texto dissertativo, que dominará o discurso.

---

[5] A formação discursiva refere-se ao que pode e deve ser dito de um lugar social historicamente determinado.

Assim, tendo A como aluno e B como professor, no contexto escolar entrariam em cena, dentre outras, as seguintes imagens:

IA(IB(A)) – a imagem que o aluno faz da imagem que o professor faz do aluno;

IA(IB(R)) – a imagem que o aluno faz da imagem que o professor faz do referente.

Em nosso caso, A pode ser substituído por candidato e B por corretor da prova.

Isto nos permite compreender de forma mais ampla a escrita na escola (seu ensino, seus problemas etc), ou em qualquer outro contexto, já que nos permite mobilizar elementos além daqueles presentes em uma situação imediata.

1.4. SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO

Brandão (1998), ao traçar uma linha retrospectiva da questão da subjetividade na linguagem, apresenta duas tendências principais: uma positivista/cartesiana, em que a língua é vista como **representação do real**, e a ênfase está no conceito de verdade, não havendo, pois, questionamentos sobre o papel do sujeito; e uma segunda[6] que considera a língua como **função demonstrativa**, sendo a verdade representada por um sujeito que lhe confere sentido. Em outras palavras, aqui se desloca a noção de representação do eixo da verdade para ser solidária com a de subjetividade, a qual, por sua vez, se constitui na e pela linguagem.

[6] Aqui há de se destacar o trabalho de Benveniste (1995) que, ao estudar os pronomes, traz à tona a questão da subjetividade na linguagem. Para ele, a subjetividade é tida como a capacidade do locutor para se propor como sujeito do seu discurso. E, apesar do autor relacionar a noção de subjetividade à primeira pessoa do singular (*eu*), não se pode ignorar a contribuição de seus estudos para esta questão.

De fato, "é porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo: porque falo, aproprio-me da linguagem, instauro a minha subjetividade e é enquanto sujeito constituído pela linguagem que posso falar, representar o mundo". (Brandão, 1998:37).

Um aspecto que caracteriza o sujeito é o fato de ele acreditar ser a fonte de seu discurso. Pêcheux (1997a) afirma que esta "ilusão discursiva do sujeito" é vista por meio do que ele denomina de esquecimento n° 1 e n° 2.

O esquecimento n° 1 seria da ordem do inconsciente e ideológico. Orlandi (1978) afirma que "a ilusão do sujeito, em relação ao esquecimento n° 1, origina-se em um apagamento: apaga-se, para o sujeito, o processo pelo qual uma seqüência discursiva concreta é produzida ou reconhecida como tendo um sentido. O fato de um texto estar associado, biunivocamente, a um sentido é uma ilusão do sujeito". (Orlandi, 1978:35). O esquecimento n° 2, por sua vez, refere-se à seleção lingüística pré-consciente feita pelo sujeito no interior de uma formação discursiva. Aqui ele elegeria certos enunciados (formas ou seqüências lingüísticas) e se "esqueceria" de outros.

Na perspectiva discursiva aqui adotada, o sujeito é definido historicamente; em outras palavras, ele não é nem um sujeito livre, fonte de seu dizer, uno, nem um sujeito totalmente assujeitado. Possenti ilustra isso ao afirmar que:

> *O falante nem é imútil, nem todo-poderoso. Entre ele e o ouvinte está a língua, e, na verdade, o que foi dito, se, por um lado, é a garantia à qual pode apelar o locutor, se acusado de produzir um efeito que não intencionava, pode ser a garantia do interlocutor de que tal efeito decorre do que foi dito. É que é possível um trabalho diferente sobre a mesma coisa.* (Possenti, 2001a:77).

Trata-se, pois, de conceber o sujeito no intervalo da liberdade e da determinação, e compreender como ele age sobre, na e através da linguagem.

1.5. OUTROS CONCEITOS

Embora não se constituam no fundamento do trabalho, alguns conceitos, decorrentes da perspectiva adotada, devem ser esclarecidos, uma vez que, subjazem às análises realizadas, sobretudo no que se refere às concepções de linguagem e de texto encontradas nos livros didáticos selecionados.

1.5.1 A QUESTÃO DA OPOSIÇÃO OBJETIVO X SUBJETIVO

Pêcheux (1997a), ao traçar o caminho do desenvolvimento histórico da relação entre a "teoria do conhecimento" e a retórica, traz à tona a oposição característica do idealismo filosófico moderno: trata-se do par objetivo/subjetivo, enunciado por Husserl.

Segundo o filósofo, uma expressão é objetiva "quando sua significação depende ou pode depender simplesmente de sua realidade de fenômeno fônico e quando, consequentemente, ela pode ser compreendida sem que, necessariamente, se tenha que levar em consideração a pessoa que a exprime nem as circunstâncias nas quais ela se exprime". (Husserl apud Pêcheux, 1997a:54).

Em relação à expressão subjetiva, Husserl afirma:

> *Nomeamos como essencialmente subjetiva e ocasional ou, sem mais, essencialmente ocasional, toda expressão à qual pertence um grupo que apresenta uma unidade conceptual de significação possível, de tal maneira que seja essencial para essa expressão orientar, a cada vez, sua significação atual segundo a ocasião, segundo a pessoa que fala ou sua situação.* (p.54).

Tal distinção reflete a pretensão de se alcançar um universo de enunciados "unívocos e fixos", conforme as palavras de Husserl. De fato, tais idéias ecoam nas concepções de linguagem e de texto veiculadas por livros didáticos de português, como veremos posteriormente. Aliás, se trazemos essa distinção aqui é justamente para mostrar o quão atual ela é em nossas aulas de língua materna.

É importante ressaltar que não estamos afirmando que não haja textos – ou melhor, gêneros textuais – que requeiram uma linguagem mais impessoal. Obviamente a linguagem de um poema difere da de uma tese de doutorado, por exemplo. Na verdade, o que questionamos é a concepção de linguagem que subjaz tais proposições.

Por mais impessoal ou objetivo que pareça um texto científico, ou uma bula de remédio, jamais se pode dizer que esta objetividade é inerente à linguagem, ou que a compreensão de tais textos dependa exclusivamente do material fônico. Há, pois, sempre que se considerar as condições de produção do texto, já que estas determinarão a forma de sua produção e/ou recepção.

1.5.2 A QUESTÃO DA LITERALIDADE

O conceito de literalidade merece espaço aqui, uma vez que também subjaz às concepções de linguagem e texto encontradas nos livros didáticos.

Na perspectiva adotada neste trabalho, abandona-se a idéia da existência de um sentido literal/central. Na verdade, "todos os sentidos são de direito sentido possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido sem por isso se perder a relação com os outros (implícitos)". (Orlandi, 2001b: 20-21).

Desta forma, a tarefa proposta ao analista é a de verificar como um determinado sentido se cristalizou na história da língua, tornando-se o sentido dominante ou "literal".

Vale ressaltar que há controvérsias em torno desta questão. Possenti (1990), por exemplo, elenca uma série de argumentos comumente usados para negar a existência do sentido literal, explicando a razão de tais argumentos não se aplicarem justamente. Seriam eles: a- a noção de convencional: para o autor o sentido literal não se opõe a histórico, mas a convencional; b- a questão da polissemia do sentido: Possenti afirma que uma palavra pode ter vários sentidos literais em uma certa época; c- a questão da vaguidade do sentido: para ele o fato de uma palavra não fornecer todas as informações necessárias à compreensão do que é dito em todas as circunstâncias denuncia o sentido preciso e exato, e não o literal; d- o sentido literal não precisa incluir a totalidade dos predicados do objeto referente, ou de uma representação criada por uma determinada cultura; e- para ser literal o sentido não precisa ser duradouro; e f- para ser literal o sentido não precisa ser universal.

CAPÍTULO 2 – ESCRITA NA ESCOLA: E A HISTÓRIA SE REPETE...

Poema do beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
- O que eu vejo é o beco.

Manuel Bandeira

2. 1. E POR FALAR EM ESCOLA: O DISCURSO PEDAGÓGICO

Já que falaremos de escrita na escola, nada mais coerente que entender a própria escola, ou mais especificamente, o discurso pedagógico (DP), já que ele será, em grande parte, o responsável pelo modo de ensino da escrita.

Orlandi (2001a) mostra como, na escola, o ato de ensinar é feito pela inculcação, que, por sua vez, se fundamenta: 1. na quebra das leis do discurso, enunciadas por Ducrot; 2. no "é porque é"; e 3. na cientificidade.

Em relação ao primeiro aspecto da inculcação, teríamos, na escola, a quebra das seguintes leis:

1. Lei da informatividade – que refere-se à necessidade do desconhecimento, por parte do ouvinte, do fato a ser informado. Ducrot adverte que:

Evidentemente, todo representante da autoridade escapa a tal lei. (É um privilégio ligado às profissões de professor, moralista, de autor, e, em geral, de intelectual ter o direito de aborrecer: quem as exerce goza da reputação de ter palavras que por si mesmas merecem ser ditas. Porque, entrando na definição do verdadeiro, do belo e do bem – em nosso universo intelectual –, elas justificam ipso facto sua própria enunciação e são sempre "boas para dizer"). (Ducrot, 1972:17).

2. Lei do interesse: diz respeito à necessidade de interesse, por parte do ouvinte, em relação ao que será dito;
3. Lei da utilidade: refere-se às razões para se falar, isto é, os motivos envolvidos em um ato de fala.

De fato, para camuflar a quebra das leis do discurso, a escola recorre ao conceito de motivação. Assim, se o aluno não aprende é porque não está motivado; em outras palavras, o DP atribui ao aluno a responsabilidade pelo fracasso na escola.

Em relação ao segundo aspecto, o "é porque é", nota-se que o DP não explica as razões do objeto de estudo, restringindo-se ao "é porque é". Nesse sentido, o DP utiliza, no nível da linguagem sobre o objeto, os dêiticos, a objetalização, a repetição, as perífrases. E, ao nível da metalinguagem, usa as definições rígidas, os cortes polissêmicos etc.

O terceiro fator (a cientificidade) diz respeito ao fato de a informação transmitida pelo discurso pedagógico carregar consigo o *status* de ser científica, sendo este assegurado pela:

a) Metalinguagem: o discurso pedagógico não prioriza o conhecimento do fato, mas a forma de procedimento, a via de acesso a ele. Nas palavras de Orlandi:

"Através da metalinguagem, o que se visa é a construção da via científica do saber que se opõe ao senso-comum, isto é, constrói-se aí o reino da objetividade do sistema". (Orlandi, 2001a:19).

O trabalho de Mattos (1989) ilustra tal fato. A autora, ao analisar as características do curso supletivo, tendo por base a linguagem dos alunos e professores, destaca que "o problema do "como dizer" é a questão da assimilação de uma metalinguagem. Importa que o aluno tenho o dito escolar, isto é, o saber legitimado pela metalinguagem. Esse dito escolar, como discurso, determina uma distinção no dizer do aluno, entre o seu dever e o seu poder". (Mattos, 1989:34).

b) Apropriação do cientista feita pelo professor: o professor toma o lugar do cientista, mas o modo pelo qual tal apropriação ocorre é silenciado. Desta forma, o professor torna-se a fonte do saber e da verdade; não pode ser questionado.

Neste sentido, o discurso pedagógico é um discurso que se pretende neutro, já que se recobre do status de cientificidade, tendo por objetivo maior a transmissão de informação. Desta forma, o discurso pedagógico:

> *Não teria sujeito na medida em que qualquer um (dentro das regras do jogo evidentemente) poderia ser seu sujeito (credibilidade da ciência), e onde existiria a distância máxima entre emissor e receptor (não haveria tensão portanto), tendo como marca a nominalização e como frase de base a frase com o verbo ser (definições). Do ponto de vista de seu referente, o DP seria puramente cognitivo, informacional.* (Orlandi, 2001a:29).

Além disso, o DP seria ainda um discurso autoritário[7], uma vez que "a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida". (Orlandi, 2001a:154).

Quando o assunto é escrita (ou leitura), observa-se que o DP caminha, exatamente, na direção contrária à emergência da subjetividade, pois promove o apagamento do conflito, da tensão, características estas constitutivas da linguagem.

Coracini (1997), ao questionar a relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira, observa a ausência de conflitos no espaço da sala de aula. Para ela, a escola abafa as diferentes vozes constitutivas do sujeito, tornando-o mero "repetidor" da voz do livro didático e/ou do professor. A autora questiona a noção de sujeito uno, fonte de seu dizer, consciente e logocêntrico veiculada por diferentes metodologias de ensino; e a noção estática e acabada de identidade (em sua visão existem momentos de identificações, já que o sujeito é sempre constituído pelo outro). Segundo Coracini, "é necessário repensar a escola, em especial, as aulas de língua (primeira e segunda), para garantir ao aluno momentos de significação e de ressignificação, de apropriação e de observação do outro para melhor se observar e se reconhecer na heterogeneidade e no estranhamento, já que o outro nos constitui". (p.167).

[7] Orlandi (2001a), além do discurso autoritário, distingue ainda o discurso lúdico e o polêmico. O critério para a distinção destes três tipos de discurso é a interação (modo como os interlocutores se consideram) e a polissemia (derivada da relação dos interlocutores com o objeto do discurso). O lúdico é aquele em que há total reversibilidade entre interlocutores, mantém-se o objeto do discurso como tal na interlocução, e como resultado há a polissemia aberta, sendo que o exagero é o *non sense*. No polêmico, por sua vez, a reversibilidade ocorre sob certas condições e objeto do discurso está presente, entretanto os interlocutores tentam dar-lhe uma direção, sendo a polissemia controlada; o exagero é a injúria.

2. 2. ESCRITA NA ESCOLA: ALGUNS ESTUDOS

"Meus alunos não sabem escrever!", "Os textos são todos iguais!", "A única diferença é a letra!"... Estas e outras proposições (ou exclamações!) ressoam nas falas de centenas de professores quando o assunto é redação. A produção escrita aparece ora como um verdadeiro obstáculo a ser vencido, ora como um alvo quase inatingível.

De fato, inúmeros trabalhos têm se dedicado a investigar a situação do ensino da escrita na escola. Apresentaremos a seguir alguns exemplos, e ressaltamos que, apesar de seguirem linhas teóricas distintas, pode-se afirmar que os estudos abaixo têm em comum o fato de comprovar a tendência à homogeneização quando se trata de escrita escolar.

De Lemos (1977) propõe-se a realizar um levantamento das estratégias utilizadas pelo vestibulando na organização sintático-semântica de sua redação, e a sua identificação como estratégias de aplicação de regras de uso na oralidade ou como "estratégias de preenchimento" de um arcabouço previamente dado. Os resultados mostram como a imagem do discurso dissertativo escrito feita pelo aluno o leva a se utilizar de "estratégias de preenchimento" durante a produção de seu texto, o que resulta em um discurso vazio, desprovido de significado.

A autora parte das hipóteses de que: (i) apesar da exposição a textos dissertativos escritos e do treinamento para a elaboração da redação, o vestibulando não adapta os recursos sintáticos de que dispõe – e utiliza na modalidade oral – à modalidade escrita; e (ii) a instrução recebida pelo vestibulando impede ou bloqueia a adaptação destes recursos ao discurso reflexivo escrito.

Pécora (1999), em seu bem conhecido *Problemas de Redação*, elenca treze problemas comuns em redações, tais como: problemas de pontuação, de norma culta, de emprego lexical, de coesão textual, de emprego de noções confusas etc.

O autor observa como estes problemas contribuem para a anulação do sujeito na escrita. Na verdade, "tudo se passa como se a escrita não tivesse outra função que não a de ocupar, a duras penas, o espaço que lhe foi reservado, como se a sua única vocação fosse ser mancha de, aproximadamente, vinte linhas de expressão". (p.85).

Kleiman (1997), em seus estudos sobre letramento, comenta a escolarização da escrita causada pela ausência de funções e usos sociais desta. Segundo a autora, uma diferença fundamental entre a escrita na escola e a escrita fora desta é a questão da circularidade da primeira: no contexto escolar escreve-se por escrever. Por outro lado, fora da escola, a escrita tem um uso significativo na interação social, sendo que as práticas de letramento diferem em função: das agências de letramento (escola, igreja, família etc); dos usuários e das instituições; e dos objetivos dos participantes no evento de letramento.

Entretanto, conforme Kleiman, "essas diversidades não encontram eco na escola, que, com raras exceções, submete os alunos a práticas de letramento uniformes, invariáveis, indiferenciadas independentemente de suas capacidades e graus de familiaridade com a escrita". (p.263).

Fiad (1997), ao analisar textos[8] produzidos por alunos universitários, afirma que "eles mais se assemelham do que se diferenciam". (p.196). Seu trabalho mostra que, apesar de os textos não possuírem problemas em relação a aspectos gramaticais, eles, por outro

[8] Os alunos deveriam escrever acerca de suas memórias em relação à vida escolar (os professores, os pais, o uniforme, a leitura e a escrita etc). Em um outro trabalho Fiad (2000), ao analisar a relação entre o gênero textual e o estilo na produção de cartas argumentativas de alunos da 3° série do Ensino Médio, propõe-se a encontrar o diferente em meio à "tendência homogeneizante" da escrita, o que faz eco à nossa proposta aqui.

lado, não apresentam um estilo próprio; há, pois, uma homogeneização da escrita, que impede a constituição do sujeito.

Capponi (2000), em sua dissertação de mestrado, parte da hipótese de que a redação escolar não abre espaço para que o aluno se coloque como autor de seu texto, já que não passa de um mero exercício com um fim em si mesmo.

Em suas palavras:

> *Na redação escolar parece não haver lugar para o conflito, a heterogeneidade e a subjetividade. Ainda que o aluno faça opções quanto ao que vai escrever, elas são quase sempre determinadas pela imagem que o aluno faz das expectativas do professor, seu único leitor e avaliador, e não determinadas por seu próprio desejo. Há quase uma homofonia da voz legitimada; e, embora tudo pareça estar em harmonia com as expectativas de uns e de outros, não raro o professor se frustra: onde está a tão almejada criatividade?. (Capponi, 2000:12).*

O trabalho de Capponi mostra como as aulas de escrita na escola contribuem para promover a dissociação do sujeito de sua língua, uma vez que esta se torna um "ideal a ser atingido", um conjunto de regras estranhas ao aluno e que ele deve dominar para se expressar corretamente.

Amaral (1996), ao analisar o uso de clichês em redações de vestibulandos, aponta a escola e o próprio vestibular como principais responsáveis pela monofonia do texto do aluno. A primeira por priorizar um ensino descontextualizado da escrita, com total desconsideração pelas condições de produção; e por assegurar um sentido único, garantido pela autoridade do professor. O segundo por, geralmente, solicitar, nas provas de redação,

temas clichês (tais como: o amor, a violência, a amizade etc), os quais já estão vinculados aos lugares-comuns[9].

Poderíamos ainda citar outros exemplos[10] de trabalhos que refletem a homogeneização da escrita, mas não é nosso objetivo ser exaustivo a este respeito, já que os trabalhos acima são suficientes para nos dar uma noção de tal questão.

De fato, a história se repete... Apesar de mudanças teóricas no campo da Lingüística, ou de reformulações nos Parâmetros Curriculares[11] muitos estudos têm mostrado que a escrita escolar não é mais que um mero exercício, dentre tantos outros, realizados na e para a escola.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos de homogeneização da escrita, retirados de nosso *corpus*.

Destacaremos aqui o estereótipo na representação da imagem de: Brasil, brasileiro, estrangeiro e índio. Os exemplos[12] mostram a retomada do lugar-comum da História e evidenciam uma visão maniqueísta dos fatos. Vale ressaltar que o tema para a dissertação foi "500 anos de Brasil", e o candidato deveria, obrigatoriamente, utilizar fragmentos de textos variados apresentados na prova (denominados Coletânea) para produzir seu texto:

Uma das imagens bastantes freqüentes para o Brasil é a de "país explorado", "vítima de interesses alheios". Vejamos:

---

[9] Apesar desta ressalva, é necessário esclarecer que o trabalho de Amaral tem justamente o intuito de mostrar como o "já-dito" não torna necessariamente circular a produção escrita do candidato. De fato, os clichês são muitas vezes utilizados como uma estratégia de argumentação e nesse sentido possibilitam a inscrição da subjetividade na escrita.

[10] ver: Costa Val (1999), Athayde Jr. (2001).

[11] Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se na natureza dialógica, social e interativa da linguagem. Desta forma, "os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura". (p.139).

[12] As dissertações podem ser conferidas na íntegra no Capítulo 04.

> "Comemorar 500 anos, 500 anos de altos e baixos, explorações e injustiças, miséria e fome, fatores sociais escancarados aos olhos de todos, mesmo daqueles que não querem ver e fingem que não vê, fazendo suas aparições em horário nobre na televisão, sorrindo e dizendo que tudo vai melhorar. (RED 01).

> "Em terceiro lugar, essa situação de desemprego, fome, violencia e doenças que o Brasil se encontra, provavelmente deve-se ao tipo de colonização que nós recebemos, a colonização exploração. Se tivessemos recebido um outro tipo de colonização, de outra nação por exemplo, talvez hoje nossa situação seria melhor. Doenças e a escravidão trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis fez a devastação dos nossos índios". (RED 02).

Em relação à imagem do brasileiro, nota-se que este é comumente visto como "sem identidade" – o que talvez faça eco ao discurso de uma raça pura. Vejamos:

> "Lutamos hoje, para formular uma identidade própria, pois de nossos colonizadores herdamos apenas uma cultura latifundiária, de exploração, de dependência do capital extrangeiro, assumimos uma dívida externa decorrente de uma má administração longínqua". (RED 03).

O estrangeiro, por sua vez, é geralmente visto como o "explorador":

> "No entanto, não há tanto o que comemorar a não ser para os países do lado de lá do Equador. Estes devem estar eufóricos, afinal conseguiram – por 500 anos! – a façanha de explorar e enganar toda uma nação". (RED 06)

Por fim, vale destacar a imagem do índio, freqüentemente representado como o "bom selvagem" ou "vítima":

> "Vivamos como índios, pois, naquela ocasião sim tínhamos motivos de sobra para comemoração". (RED 01)

Como se pode observar, nosso *corpus* também nos permitiria, se fosse este o objetivo, teorizar acerca da homogeneização da escrita. Entretanto, conforme foi dito na introdução, nossa proposta aqui é a de lançar um novo olhar, tentando mesmo resgatar a constituição da subjetividade, do heterogêneo nas dissertações, o que será comprovado posteriormente pela análise destas mesmas dissertações, sob uma perspectiva diferente.

CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E TEXTO NO LIVRO DIDÁTICO

O auto-retrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

ás vezes me pinto coisas
de quem nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!

Mário Quintana

O interesse pela análise de livros didáticos justifica-se pela necessidade de se compreender as concepções de linguagem e de texto – neste caso, o texto dissertativo – veiculadas por estes materiais, como ponto de partida para a compreensão da escrita escolar.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Desta forma, analisaremos dois livros didáticos (*Língua, Literatura e Redação*, de José de Nicola e *Língua e Literatura*, de Faraco & Moura)[13] destinados a alunos do terceiro ano do Ensino Médio, em fase de preparação para o Vestibular. Salientamos que a escolha dos livros se deve ao fato deles se constituírem em bons representantes dos materiais utilizados para o ensino da dissertação em escolas públicas e particulares em diversos estados do Brasil[14].

Não pretendemos aqui fazer uma análise exaustiva, mas levantar alguns questionamentos acerca da concepção de linguagem e de texto dissertativo, veiculada pelo livro, por meio das atividades propostas. Deste modo, destacaremos, em cada um dos livros, os aspectos mais relevantes para nossa análise.

Como dissemos na Introdução, a opção pelo livro didático deve-se ao fato de ele ser um bom representante das concepções de linguagem, veiculadas na escola. Não o consideramos o único responsável pela situação do ensino da escrita em ambiente escolar, ou pelas concepções homogeneizantes de linguagem. Há, pois, que se considerar o sistema escolar, os sujeitos do ensino (professores, alunos), dentre outros fatores. Contudo, esperamos ter deixado claro o fato de crermos que o livro didático ilustra, de forma significativa, as concepções em que tal ensino se fundamenta, daí nossa opção por analisá-lo.

Aliás, faz-se necessário ressaltar que quando mencionamos 'concepções de linguagem e de texto' nos referimos àquelas predominantes no livro didático. Em outras palavras, não há dúvidas de que o livro tenta romper com as visões tradicionais,

[13] Os capítulos dos livros referentes ao ensino do texto dissertativo seguem em anexo.
[14] O livro *Língua, Literatura e Redação* está na oitava edição, e o livro *Língua e Literatura* está na décima sexta.

incorporando as vozes de teorias lingüísticas diversas, de idéias formuladas nos PCNs, etc, o que o torna um espaço de certa forma polifônico.

3.1. A QUESTÃO DO GÊNERO

Como utilizaremos a palavra gênero em alguns momentos deste trabalho, é necessário esclarecer que nos fundamentaremos aqui na concepção de Bakhtin (2000), para quem os **gêneros do discurso** são tipos relativamente estáveis de enunciados. Para ele, há três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – que se fundem no todo de um enunciado, sendo marcados pela "especificidade de uma esfera de comunicação". (Bakhtin, 2000:279).

Os gêneros textuais distinguem-se dos 'tipos textuais[15]', que são a estrutura composicional do texto segundo os padrões do gênero. Dizem respeito a operações textual-discursivas que podem ocorrer na forma de narração, descrição, dissertação e injunção.

Neste sentido, apesar de entendermos que a dissertação (ou o texto dissertativo) não é um gênero discursivo (salvo a dissertação de mestrado), mas um tipo textual, a consideraremos aqui um gênero escolar[16], já que, se trata de "um autêntico produto cultural da escola"[17], não existindo fora desta.

[15] Ver mais detalhes em Silva (1999).
[16] O gênero escolar será discutido no fim do capítulo.
[17] Ver Schnewly e Dolz (s/d).

3.2. ANÁLISE DO PRIMEIRO LIVRO

Em relação ao livro *Língua, Literatura e Redação*, o capítulo que se propõe ao ensino do texto dissertativo é dividido em seis tópicos: **1.** a dissertação; **2.** a estrutura da dissertação; **3.** a gramática da dissertação; **4.** dissertação objetiva; **5.** a dissertação subjetiva; e **6.** o parágrafo. Vale ressaltar, que após os tópicos, seguem-se exercícios de produção de texto retirados de vestibulares diversos.

No tópico 1, encontramos uma tentativa de definição do texto dissertativo; segundo o livro, a dissertação consiste na defesa de um ponto de vista ou no questionamento de um determinado assunto. O que, entretanto, nos chama a atenção é o fato de o autor dizer que a "dissertação depende de análise, de capacidade de argumentação, de raciocínio lógico" – (p.325)[18], como se outros tipos de textos não dependessem também destas habilidades. Como já foi dito anteriormente, acreditamos que a argumentação é uma característica da linguagem (e não deste ou daquele texto) enquanto forma de interação social, apesar de reconhecermos a presença, talvez mais explícita, de recursos argumentativos na dissertação.

O autor, em seguida, traz alguns exemplos para ilustrar o que foi dito na definição. De fato há sempre, ao longo de todo capítulo, a apresentação de excertos como forma, talvez, de contextualizar as explicações. Aliás, antes mesmo do tópico 1, observamos a apresentação de um texto com questões de compreensão: trata-se de uma forma de preparar o aluno para o assunto a ser discutido. Dessa forma, o livro não estaria simplesmente transmitindo um conhecimento pronto e acabado, mas permitindo ao aluno construir seu saber, através de suas próprias reflexões. Neste caso específico – de um texto anterior ao

[18] O número das páginas apresentadas são referentes às páginas dos livros didáticos, e não às páginas da dissertação.

tópico 1 – é como se o aluno, com base em um texto, pudesse, quase que por intuição, compreender o que é um texto dissertativo.

Em relação ao tópico 2, que trata da estrutura do texto dissertativo, chama nos atenção o fato de o autor afirmar que "a dissertação exige um trabalho de preparação, um plano inicial" – (p.326), como se nos demais tipos de textos este trabalho fosse desnecessário.

Além disso, o autor apresenta a estrutura da dissertação, limitando-a nas bem conhecidas "três partes": introdução, desenvolvimento ou argumentação e conclusão. Trata-se, na verdade, de uma maneira simplista de caracterizar o texto dissertativo, mesmo porque tais aspectos estarão sempre presentes em um texto; em outras palavras, qualquer texto bem estruturado apresentará um começo, meio e fim, embora com características específicas pertinentes ao gênero (a conclusão em um romance não é constituída da mesma forma – ou, talvez diríamos, com a mesma função – que em uma notícia de jornal, por exemplo).

Talvez pudéssemos dizer que esta forma esquemática de se ensinar a dissertação seja em parte responsável pela produção de textos sem coesão pelos alunos. É como se o texto fosse constituído por blocos de informações isolados, sem relação com um todo. É o que vemos na dissertação abaixo, retirada do nosso *corpus*.

REDAÇÃO 14

O CAMINHO DE DESENVOLVIMENTO

> Desde a época em que Cabral desembarcou na Bahia o Brasil tem se modificado de diversas maneiras. Nossa política está cada vez mais avançada, nossas escolas se aprimorando e a população está conseguindo planejar a vida de maneira mais segura e concreta.

> Nas portas de um novo milênio ainda vemos contrastes na distribuição de renda, no cumprimento das leis, porém lutamos dia a dia para melhorar a vida que nos cerca.
>
> O Brasil é rico considerando suas riquezas minerais, vegetais e animais, porém grande parte delas foram para países estrangeiros o que nos mostra que falta uma fiscalização rígida nesta área.
>
> A comemoração dos 500 anos de Brasil será extremamente importante pois mostra o processo da evolução do nosso país que aos poucos vai se adaptando, tentando ser uma nação desenvolvida.
>
> É a partir dessa comemoração que a sociedade começa a refletir sobre as mudanças que ocorreram. Hoje somos uma sociedade mais justa, generosa e solidária com seu semelhante.
>
> Agora partiremos em busca do desenvolvimento completo, onde a população terá acesso a tudo, sem discriminação por raça ou condições financeiras sendo assim, nosso país servirá de exemplo para outras nações que ainda procuram este caminho.

Notamos, no primeiro parágrafo, apesar da generalidade dos argumentos, uma postura otimista do sujeito quanto ao Brasil, afinal "nossa política está cada vez mais avançada, nossas escolas se aprimorando e a população está conseguindo planejar a vida de maneira mais segura e concreta".

O segundo parágrafo, porém, ao invés de corroborar esta visão, apresenta um argumento contrário a ela. O problema, entretanto, é a falta de uma marcação lingüística para indicar a mudança argumentativa; os "contrastes na distribuição de renda, no cumprimento das leis" são expostos como que para reforçar algo dito anteriormente.

No terceiro parágrafo, por sua vez, percebe-se a presença de uma visão otimista e pessimista, o que não seria um problema se houvesse uma indicação de que a postura do sujeito fosse a de justamente mostrar os dois lados do Brasil, o que não acontece em nenhum momento do texto.

O quarto e quinto parágrafos marcam quase que uma ruptura com os anteriores, ao comentarem a importância da comemoração dos 500 anos do Brasil, aspecto este só agora exposto ao leitor.

Por fim, o sujeito conclui seu texto trazendo à tona o discurso da esperança (aqui uma esperança quase profética!), que, na verdade, poderia servir como conclusão a qualquer tese.

O que podemos notar é que o sujeito apresenta duas visões do Brasil, mas não as articula de forma adequada. Assim, apesar da polifonia, pois há diversas vozes no texto, a voz do sujeito se perde, já que não é possível estabelecer uma linha argumentativa.

Outro ponto que merece destaque neste tópico do livro é o fato de o autor chamar a segunda etapa do texto de desenvolvimento ou argumentação, como se desde o início o texto não fosse já argumentativo. É verdade que há um determinado momento no texto em que o autor deverá desenvolver sua tese (consideração esta feita pelo próprio livro didático); entretanto, deve-se ficar claro que a própria apresentação da tese é também (ou, ao menos deveria ser!) parte da argumentação e não uma simples preparação para esta.

Finalmente, o autor afirma que é possível estruturar o texto dissertativo de forma distinta: "assumindo uma "postura de filósofo", ou seja, indagando tudo sobre tudo" – (p. 327), mas o que nos chama a atenção aqui é a ressalva em relação ao interlocutor; segundo o livro, "as perguntas funcionam como prováveis questionamentos de um virtual interlocutor" – (p.327). Tal afirmação parece apontar para as condições de produção (pelo menos para o fato de que há um interlocutor!), entretanto o autor logo quebra esta expectativa, ao continuar dizendo que "mas na verdade servem [as perguntas] para organizar o nosso pensamento, estimular nossas reflexões (por isso mesmo, o texto

dissertativo é típico das ciências e da filosofia)" – (p. 327). O texto volta-se para o próprio "autor".

O tópico 3, por sua vez, tece alguns comentários sobre os "aspectos formais" da dissertação (interessante porque nos tópicos anteriores a ênfase também recaiu sobre a forma!). Conforme o autor, "a dissertação dispensa o uso abusivo de figuras de linguagem, bem como o valor conotativo das palavras" – (p. 328). Além disso, "o texto dissertativo requer uma linguagem mais sóbria, denotativa, sem rodeios (afinal, convence-se o leitor pela força dos argumentos, não pelo cansaço); daí ser preferível o uso da terceira pessoa" – (p.328). Não há, contudo, explicitação do que exatamente viria a ser, por exemplo, uma linguagem sóbria e sem rodeios. Note-se ainda uma visão transparente de linguagem, como se o uso da terceira pessoa por si só garantisse a objetividade, ou, por outro lado, como se o uso de processos metafóricos fosse um obstáculo à clareza ou à argumentação do texto.

Concordamos com Possenti (2001a), ao afirmar que

> *O simples ato de falar (e não necessariamente de dizer eu, de utilizar um dêitico ou de produzir um ato de fala), por exigir a escolha de certos recursos expressivos, o que exclui outros, e por instaurar certas relações entre locutor e interlocutor (depreensíveis, frequentemente, do dialeto ou das marcas estilísticas definidoras de papéis sociais), já indica a presença da subjetividade na linguagem.* (Possenti, 2001a:73).

O autor do livro didático ainda coloca que a dissertação, ao contrário da descrição, "trabalha com o período composto" – (329). Este fato talvez explique, em parte, a produção de frases longas e truncadas, freqüentemente encontradas em dissertações de vestibulandos (apesar de que não encontramos exemplos deste caso em nosso *corpus)*, que seriam, na

verdade, uma tentativa do aluno de preencher a imagem de escrita, veiculada pela escola. Frases longas e "difíceis" seriam, na concepção do aluno, uma característica da dissertação, conforme demonstra Pécora (1999)[19].

Por fim, o autor afirma que "o correto emprego dos conectivos é fator fundamental para se obter um texto claro, coeso, elegante" – (p.329). Aqui podemos fazer dois questionamentos: 1. o correto emprego de conectivos seria uma exigência apenas do texto dissertativo?; e 2. há texto claro, coeso e elegante em si mesmo, sem se levar em consideração os interlocutores, o assunto, os objetivos do texto, etc?

De fato, não se comentam aqui (e em nenhum outro tópico!) as condições de produção. Em geral, na escola, o aluno diz ao professor (seu único leitor) o que este já sabe, a fim de ser avaliado (e passar de ano!).

Essa situação é bastante problemática, uma vez que se considera que um texto (oral ou escrito) para ser produzido requer que:

> *a) se tenha o que dizer;*
>
> *b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;*
>
> *c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;*
>
> *d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);*
>
> e) *se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).* (GERALDI, 1997:137).

[19] Conforme o autor, há uma imagem escolar de que a escrita deve ser extensa e complexa, o que acarreta em problemas de coesão, como a incompletude associativa (perda das relações entre um conjunto de orações). Pécora não concorda que a explicação para tal problema seja o fato de o aluno esquecer de desenvolver a idéia, trata-se antes do "resíduo das interferências escolares sofridas pelas condições de produção da escrita". (p.69).

Assim, na escola, o texto acaba sendo um fim em si mesmo. Escreve-se por escrever, daí o fato de a escrita tornar-se, no contexto escolar, uma atividade vazia de significação: os textos não são produzidos na escola, mas para esta.

Desta forma, sem interlocutores claros e constituídos como tais, sem temas nem razões para se dizer, não há como julgar se o texto é coeso, se é elegante, ou mesmo objetivo.

Uma outra consideração pertinente ao tópico 3 refere-se ao texto destinado a ilustrar os comentários feitos nesta seção: parece-nos um texto um tanto incoerente com os pontos levantados pelo autor; trata-se, na verdade, de um texto publicitário, escrito em segunda pessoa, com um objetivo bem definido, e que se utiliza de recursos visuais.

Nos tópicos 4 e 5, o autor distingue aquilo que chama de "dissertação objetiva" da "dissertação subjetiva". A primeira se caracterizaria por seu aspecto impessoal, enquanto na segunda predominariam a pessoalidade, a intuição e a sensibilidade do autor. Na dissertação subjetiva "o autor se posiciona diante do tema com colocações que são fruto da sensibilidade" – (p.334). Não há, entretanto, explicitação do que tal afirmação, de fato, signifique. Teria, por exemplo, a sensibilidade alguma relação com o tema ou com a natureza do objeto a ser descrito? Falar sobre a violência nos permitiria ser mais objetivos, do que falar sobre poesia, por exemplo? Como ficariam, então, as produções acadêmicas nas áreas de Artes, Filosofia, Literatura?

Na verdade, estas colocações nos permitem retomar a questão da oposição **objetivo x subjetivo**, discutida anteriormente. Não se trata aqui apenas de um problema de classificação de textos, mas de compreensão da natureza da linguagem.

Conforme o livro didático seria possível falar sobre a realidade ora de forma impessoal (na dissertação objetiva), como se esta estivesse "fora" do indivíduo (a

linguagem seria, então, representação), ora de forma pessoal, isto é, pelos "olhos do sujeito" (na dissertação subjetiva).

Finalmente, no último tópico, o autor retoma as questões estruturais discutidas no tópico 2, em uma tentativa de esquematizar a construção do parágrafo. Apoiando-se em Othon Moacyr Garcia, o livro apresenta a estrutura padrão do parágrafo, ressaltando que, "dependendo do tema, do autor e do público a que se destina, poderemos encontrar as mais variadas estruturas de parágrafos" – (p.336).

Em seguida, apresenta-se o conceito de tópico-frasal como aquela parte do texto que veicula a idéia central. Embora concordemos com a existência de uma linha argumentativa nos textos, acreditamos, que tal conceito se fundamente em uma visão logocêntrica de linguagem, em que o significado seria imanente, pronto para ser encontrado no texto (já que se localiza em um certo lugar deste), independente do leitor ou do contexto de produção.

3.3. ANÁLISE DO SEGUNDO LIVRO

No livro *Língua e Literatura*, o estudo do texto dissertativo[20] estende-se ao longo de 19 unidades, dentre as 20 que compõem o livro. De modo geral, em cada unidade, é apresentada a teoria, seguida de exercícios práticos.

Os autores iniciam o estudo afirmando que "a dissertação pressupõe espírito crítico, raciocínio, clareza e objetividade na exposição dos argumentos" - (p.52) – é necessário, portanto, saber delimitar o tema. Novamente, tais conceitos apresentam-se como óbvios[21],

[20] A dissertação é tratada de forma bem sucinta nos Volumes 1 e 2, mas é no Volume 3 que o assunto passa a ser detalhado, e é, pois, esse volume que estamos analisando.
[21] Ver análise na página 46, por exemplo.

devendo, pois, ser prontamente assimilados pelo aluno, sem necessidade de maiores explicações. Afinal, a dissertação é assim... Eco do discurso pedagógico?

Não há "espírito crítico" em textos humorísticos, ou "raciocínio" em narrativas? E a objetividade? Está realmente presente no texto científico?

As explicações sobre o texto dissertativo, semelhantemente ao primeiro livro analisado, giram em torno de sua "estrutura-padrão" . Assim, o livro dedica-se a explicitar os pontos importantes para a produção de uma boa introdução, desenvolvimento e conclusão.

Os autores afirmam que "para que um texto dissertativo apresente lógica e coerência, deve ter uma determinada estrutura". (p.73). A estrutura de um texto seria, então, condição imprescindível para sua "lógica e coerência". Percebe-se que há uma ênfase nesta estrutura: na verdade, ela aparece quase que como a definição de um texto dissertativo.

Vejamos agora como os autores concebem cada parte desta estrutura[22]:

1. Na **Introdução** deve-se, segundo o livro, estar atento ao parágrafo de abertura, em que são expostos os objetivos do texto e o plano de desenvolvimento.

Os autores utilizam um pequeno trecho de um artigo da Revista Superinteressante e um quadrinho de abertura de Robocop para ilustrar a explicação. Interessante notar o recorte destes textos: fragmenta-se o texto como se este fosse constituído de diversas partes independentes e sobrepostas. Além disso, há o fato de tais textos serem produzidos para determinados fins, por determinados autores, em lugares determinados etc, o que é ignorado pelo livro.

[22] Vale ressaltar que no livro a parte destinada à conclusão é anterior a do desenvolvimento (por ser esta mais extensa), entretanto seguiremos aqui a ordem introdução-desenvolvimento-conclusão para fins de análise.

Antes de tratarem o desenvolvimento da dissertação, os autores dedicam um capítulo à coesão textual, a fim de levantar quatro problemas comuns em redações:

a- uso inadequado do conectivo (preposição, pronome relativo e conjunção)

b- falta de seqüência lógica

c- ambigüidade

d- redundância

Destes, interessam-nos os dois últimos pelo que revelam em relação à compreensão da natureza da linguagem pelos autores.

A ambigüidade é vista como um "fator que dificulta o entendimento de um texto dissertativo, pois este deve ter como objetivos básicos a clareza e a lógica na exposição das idéias". (p.161). A clareza e a lógica parecem o fim mesmo da dissertação, como se ela não tivesse outra razão de existir.

O suposto problema da ambigüidade é exemplificado com o seguinte trecho:

"Imagine que o vestibulando deve redigir um texto em trinta linhas, entregar a um professor que não conhece seus objetivos" (p. 161).

O comentário recai sobre o aspecto gramatical (o uso "ambíguo" do pronome possessivo "seus"). "Problema", aliás, que talvez pudesse ser solucionado pelo contexto.

Há ainda uma ressalva feita pelos autores neste item. Eles apresentam um cartum com o seguinte comentário: "se na dissertação a ambigüidade deve ser evitada, no humor ela é usada com muita freqüência". (p.161). A ambigüidade seria, então, própria do discurso lúdico (ou de uma dissertação subjetiva[23]), daquele que não tem fins informativos...

[23] Sobre a dissertação subjetiva, ver análise na página 48.

Um texto pode ser ambíguo em si mesmo, sem se considerar os interlocutores, a situação, o contexto sócio-histórico? A língua, pois, parece estar em um vazio, como se surgisse de repente e fosse apropriada pelos falantes, como se fosse mesmo a-histórica, atemporal.

Em relação a isso, Bakhtin (1979) afirma que "a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar". (Bakhtin, 1979:93).

No que diz respeito à redundância, ela é entendida como "a repetição desnecessária de palavras, expressões ou idéias". (p.161).

O fato é: qual o limite deste "desnecessário"? Até onde se pode repetir sem correr o risco de ser redundante? A redundância será sempre um problema de coesão textual? Não pode ser necessária e almejada em um texto, ou em um discurso?

Vale a pena comentar a proposta de redação exposta nesta seção. Após estudar os problema de coesão, o aluno deve redigir um texto "observando os itens abordados nas unidades anteriores e evitando cometer os erros de coesão textual". (p.162). A proposta é retirada de um vestibular da PUC-SP, sendo que os textos apresentados são poéticos (marcados, pois, pela ambigüidade e redundância...).

2. A parte destinada ao **Desenvolvimento** da dissertação se estende por várias unidades, e em cada uma apresenta-se um recurso que pode ser utilizado no desenvolvimento. Os recursos seriam: enumeração; causa e conseqüência;

exemplificação; comparação; definição; dados estatísticos; ordenação cronológica; citação; e contra-argumentação.

Após cada explicação, são apresentados exercícios para a prática do recurso aprendido.

Por exemplo:

"Desenvolva, por causa e conseqüência, o tema a seguir". (p.200).

ou,

"Escolha uma das seguintes afirmativas, de caráter geral, e desenvolva-a utilizando o processo de exemplificação, contando com sua experiência e informação". (p.235).

Interessa nos aqui o recurso da citação, que é explicado da seguinte forma:

"Quando expomos nossas idéias, refletimos sobre determinados assuntos, surgem às vezes lembranças de autores que lemos, de conversas que tivemos com outras pessoas. A nossa experiência é um acúmulo de situações vividas em momentos diversos, que, com certeza, nos influenciam muito. É natural, portanto, que nossos argumentos tenham como ponto de partida algo já dito por outra pessoa. Nesse caso, uma citação bem colocada pode tornar-se um recurso útil na exposição de nossas opiniões". (p.234).

O outro surge como uma "lembrança"...

Será que é natural "que nossos argumentos tenham como ponto de partida algo já dito por outra pessoa" ou é inevitável? Os autores relativizam aquilo que é constitutivo da própria subjetividade: o outro.

Ao dizer que "é natural" a presença de outras vozes, é como se os autores dissessem: "Não se preocupe, não há problema em dizer o que alguém já disse, é assim mesmo...". Talvez devessem acrescentar: "com a prática, as lembranças de outros autores serão cada vez menos freqüentes". A presença do outro é quase um desvio...

Entretanto, se concebemos a linguagem como interação, e o discurso como marcado pelo interdiscurso, compreendemos que o outro está sempre presente, ainda que camuflado pela ilusão discursiva do sujeito. Nas "minhas" palavras sempre falarão as "outras" palavras, histórica e ideologicamente constituídas. E se assim não fosse, os sentidos não fariam sentido.

Para Pêcheux (1997a),

> *É a ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, sob a "transparência da linguagem", aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados".* (Pêcheux, 1997a:160).

3. Quanto à **Conclusão,** "esta deve conter de uma forma resumida o objetivo proposto na introdução, acrescido da argumentação básica empregada no desenvolvimento". (p.141).

Aqui, iniciamos pela expressão "deve conter", que sugere a idéia de recipiente no qual se colocaria algo. A conclusão seria, então, uma forma à espera do conteúdo; a parte em que deveria ser colocado o resumo do texto.

Ora, não é exatamente isso que encontramos em grande parte das dissertações escolares? A conclusão não é mais que uma repetição, com outras palavras, da introdução e do desenvolvimento, o que torna a produção do aluno circular.

Na parte em que é apresentada a estrutura-padrão do texto dissertativo, os autores afirmam que a conclusão "é a retomada da idéia principal, que deve aparecer de forma

mais convincente, uma vez que já foi fundamentada durante o desenvolvimento". (p.73). Talvez alguém pudesse argumentar que esta "forma mais convincente" é justamente a defesa do diferente pelo livro didático, isto é, ao redigir "de forma mais convincente", o aluno introduziria elementos na conclusão distintos dos que apareceram na introdução e no desenvolvimento; ele acrescentaria algo novo. Entretanto, termos como "retomada" e "resumida" nos levam a optar pela primeira leitura: a conclusão para o livro didático não seria mais que uma paráfrase do texto.

Cabe ainda questionarmos aqui se a definição dada pelos autores não seria um exemplo de problema de redundância. Afinal, espera-se que as idéias sejam repetidas na terceira parte da "estrutura-padrão".

O que mais nos chama a atenção, entretanto, é o fato de os autores ilustrarem esta seção com um editorial da Folha de São Paulo, destacando a conclusão do texto como um exemplo de tudo o que foi exposto. A conclusão – neste caso – não é uma simples retomada, isto é, não é uma simples exposição da introdução e do desenvolvimento, o autor não apenas resume o que disse anteriormente, mas posiciona-se em relação ao que está discutindo. Mas nada se diz desse desvio...

Finalmente, após todas estas explicações o aluno estaria pronto para redigir um "bom texto dissertativo", lógico, claro e coerente. Basta seguir a receita do livro!

De forma sucinta, podemos dizer que as principais idéias defendidas pelos livros didáticos analisados, no que se refere à concepção de texto dissertativo, são:

a) consiste na exposição de uma idéia

b) estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão

c) possui linguagem clara e objetiva

d) é atemporal

e) apresenta conceitos genéricos

f) os verbos são empregados no presente[24]

g) os períodos são compostos

h) requer planejamento inicial

i) requer o emprego correto de conectivos

j) é impessoal

k) envolve capacidade de argumentação e raciocínio lógico

Se precisássemos escolher algumas poucas palavras para definir texto dissertativo, sem dúvida elas seriam: introdução-desenvolvimento-conclusão e objetividade.

O ensino do texto dissertativo se fundamenta no mito da neutralidade da linguagem. Afinal, quando queremos informar, criticar, persuadir é necessário ser sério[25], claro, lógico, coerente. Não há espaço para a ambigüidade, para a polifonia, enfim, para a multiplicidade de sentidos.

---

[24] O livro *Língua, Literatura e Redação* destaca a questão do tempo dos verbos, enquanto o livro *Língua e Literatura* o faz ao comentar a ordenação cronológica.

[25] Para uma discussão da palavra "sério", ver Orlandi (2001a) o texto: "A fala de muitos gumes (as formas do silêncio)".

Em relação à concepção de linguagem veiculada pelos livros didáticos, podemos dizer que:

1. a linguagem é transparente: independente das condições de produção, o significado seria transmitido, de forma intacta, de um falante para o outro; como se o material verbal por si só tornasse o sentido óbvio. Um exemplo dessa "transparência" é o fato de o autor associar o uso de terceira pessoa à impessoalidade e a primeira à subjetividade.
2. linguagem como objeto a ser apropriado: a língua seria algo exterior ao sujeito, e estaria pronta para ser adquirida por este. No caso da escrita, percebe-se que o ensino parece ser baseado na apresentação de um modelo puramente formal: após aprender a estrutura do texto, o aluno estaria pronto para produzi-lo.

O livro defende o "espírito crítico", mas impede que este se desenvolva ao desconsiderar as condições de produção[26] dos discursos.

Onde estão os outros?

Onde está a contradição?

Onde está a polifonia?

Onde está o eu no outro? E o outro no eu?

O que resta: o eu em lugar algum ou lugar nenhum no eu...

[26] Conforme a professora Ana Luiza Marcondes Garcia apontou (em ocasião do exame de qualificação). é interessante notar que a desconsideração das condições de produção também ocorre na leitura. Em geral, o que se tem nos livros didáticos, após a apresentação de um texto, são perguntas diretivas e que não extrapolam a superfície textual (às vezes, há apenas questões que exploram pontos gramaticais).

3.4. SOBRE O GÊNERO ESCOLAR

Ao afirmarmos que há uma desconsideração pelas condições de produção, temos que especificar que nos referimos às reais condições de produção da linguagem fora da escola, pois não há dúvidas de que o livro (e a escola!) tem suas condições de produção.

Schnewly e Dolz (s/d) levantam o problema do gênero na escola, defendendo que há aí um desdobramento do gênero: ele deixa de ser apenas uma ferramenta de comunicação, para, ao mesmo tempo, se tornar objeto de ensino/aprendizagem.

Uma das formas[27] de se abordar o ensino da escrita, segundo eles, seria considerar o gênero como pura forma lingüística, sendo o objetivo o seu domínio. Assim, a comunicação desaparece totalmente e a produção textual é vista como representação do real ou do pensamento. Deste modo, os gêneros são ordenados conforme seqüências estereotipadas, que vão da descrição de realidades mais simples às mais complexas. Aqui se enquadra a clássica progressão: descrição – narração – dissertação.

De fato, de maneira geral, no livro didático as "técnicas" são suficientes para a produção de um texto – ainda que não se tenha muito o que dizer...

[27] Há ainda duas outras formas: a escola concebida como lugar de comunicação – aqui aparecem situações em que a escrita é possível, e mesmo necessária; as situações escolares são tidas como ocasiões para a produção/recepção de textos; e a negação da escola como lugar específico de comunicação – considera-se que há continuidade absoluta entre o exterior da escola e seu interior. Há aqui a preocupação de diversificar a escrita; de criar situações autênticas de comunicação, de permitir ao aluno dominar o gênero exatamente como ele funciona nas práticas de linguagem de referência. O objetivo é, pois, o domínio perfeito do gênero.

3.5. SOBRE O DISCURSO DA CRIATIVIDADE

Gostaríamos ainda de fazer uma consideração sobre o discurso da criatividade, frequentemente encontrado em livros didáticos e manuais de redação.

O livro *Língua, Literatura e Redação* traz a seguinte afirmação (p. 334): "O terceiro passo, evidentemente, é redigir procurando observar as qualidades de um texto: correção, clareza, concisão e elegância... e idéias criativas, é lógico!".

O livro *Língua e Literatura*, por sua vez, apresenta na última seção (Revisão Geral) do estudo do texto dissertativo o seguinte comentário dos autores:

> *Desde a unidade 2 deste livro estamos estudando a dissertação. Vimos vários procedimentos que podem ser empregados para desenvolver seu ponto de vista sobre um determinado assunto. Essa lista de procedimentos não é rígida nem única. Com o auxílio de sua imaginação e seu raciocínio, você poderá criar outros recursos igualmente válidos ou até mais eficientes.* (p.376).

A questão é: ainda que o aluno desse "asas à imaginação", poderia ele criar recursos novos e totalmente originais?

A resposta é negativa se aceitamos o fato de que o sujeito não se apropria da linguagem, antes é muito mais apropriado (tomado, falado) por esta. Não estamos aqui defendendo a tese do assujeitamento do sujeito; trata-se, antes, de questionar a concepção, veiculada pelo livro, de sujeito como fonte de seu dizer.

O livro (e de fato, a própria escola) insiste em garantir o discurso da criatividade, da originalidade, como forma mesmo de mascarar o apagamento, promovido pelo discurso pedagógico, dos sentidos e do próprio sujeito em relação à língua.

De onde virá a originalidade e a criatividade tão "logicamente" esperada? Da intuição do aluno? Ou será um dom?

Um exemplo deste discurso da criatividade (ou talvez diríamos o uso de técnicas para desenvolver a criatividade) é representado no trabalho de De Lemos (1978). Ao analisar a desarticulação do discurso e a predominância do lugar comum na expressão escrita escolar, ela mostra que há nesta uma superposição de interlocutores (o interlocutor representado e o professor representado como interlocutor e examinador), o que resulta no uso das "estratégias de preenchimento".

A solução pedagógica da escola para este problema são os "exercícios de criatividade", em que, através da "associação livre" de palavras, tenta-se eliminar o bloqueio do aluno, colocando-o fora desta coerção. Entretanto, segundo a autora, o problema desta solução está justamente na impossibilidade da "associação livre" ou "exercício de criatividade" conduzir à articulação ou à organização discursiva.

Em suas palavras, "como uma prática que visa eliminar, mesmo que temporariamente, o locutor representado, pode fazê-lo, se essa articulação é, em grande parte, determinada pela construção ou recuperação da presença desse interlocutor? Como essa prática poderá reintroduzi-lo ou recuperá-lo?". (De Lemos, 1978:54).

De fato, o que se percebe é que o discurso da criatividade aparece como forma de mascarar a não historicização da língua e a não inscrição dos sujeitos em discursos, o que,

por sua vez, resulta na não emergência da subjetividade. Trata-se, antes de tudo, de uma compreensão restrita acerca da relação sujeito/língua[28].

Finalmente, devemos ressaltar que vemos o livro como um recurso, um instrumento para o professor, portanto, nada impede que o próprio livro seja um ponto de partida para se desenvolver a capacidade crítica dos sujeitos. Por que não questionar, por exemplo, a desconsideração pelas condições de produção dentro do livro didático?

Apesar de estarmos cientes do grande peso dos materiais didáticos nas aulas (não apenas nas de língua!), acreditamos que estas não estão necessariamente determinadas (assujeitadas) por aqueles.

---

[28] Santos (2000) investiga a relação Sujeito/Língua no ensino de Português, com base nos Parâmetros Curriculares e em livros didáticos. Sua análise evidenciou a ausência de movimentação na subjetividade, na historicidade de professores e alunos. Estes são, geralmente, caracterizados pelas formações discursivas como "deficientes" e atrasados em relação ao modelo de ensino.

Os exercícios promovidos pelo livro didático impedem a produção de sentidos pelo aluno, já que são construídos por formações discursivas caracterizada pelo predomínio dos sentidos do saber hierarquizado, de formalidade, da correção, da competência técnica, da leitura diretiva, da demarcação do lugar do efeito de sentido, da perfeição inatingível.

CAPÍTULO 4 – ESCRITA NO VESTIBULAR: PRODUÇÃO OU REPRODUÇÃO?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Alberto Caeiro

4.1. A METODOLOGIA

Conforme exposto na Introdução, o nosso objetivo, neste trabalho, é o de analisar a constituição da subjetividade, ou melhor dizendo, a tentativa desta, nas dissertações de vestibulandos. De fato, o que nos interessa aqui é verificar a relação do sujeito com a escrita, em sua tentativa de fazer desta um espaço intersubjetivo. Em outras palavras, pretendemos compreender como um sujeito que, carregando sobre si todo o "peso" de uma concepção homogeneizante de escrita, tenta colocar-se não apenas como redator, mas produtor do que escreve.

Como dissemos anteriormente, a escolha do texto dissertativo deve-se ao fato de este, por requerer o questionamento ou a exposição de uma idéia, ser mais propício ao uso dos lugares-comuns, dos "já-ditos', o que, freqüentemente, acarreta na não constituição da subjetividade.

O nosso *corpus* se constituiu de 60 dissertações produzidas em todo o Vestibular da Unicamp (1999). A leitura destas dissertações nos permitiu estabelecer as categorias de análise, que serão explicitadas posteriormente.

São apresentadas em nosso trabalho 14 dissertações tiradas de nosso *corpus*, sendo que 11 foram utilizadas para representar as categorias; uma foi utilizada para exemplificar o problema de coesão nos textos dos alunos (ver Capítulo 3, redação 14); e duas (redações 12 e 13) exemplificam problemas de "fuga ao tema" da prova.

As 11 dissertações que exemplificam as categorias observaram o seguinte critério de escolha: as redações 08 e 09 foram escolhidas por apresentarem exemplos de "fuga ao tema"[29], e as redações 10 e 11, escolhidas pelo fato de se constituírem em exemplos de "bons textos", conforme critério da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest)[30]. As sete demais redações foram escolhidas por se constituírem em exemplos mais comuns.

O tema para a dissertação[31] foi "500 anos de Brasil", e o candidato deveria obrigatoriamente redigir seu texto com base em um conjunto de fragmentos, denominados Coletânea, que lhe são apresentados. Aliás, acreditamos que o Vestibular da Unicamp apresenta uma vantagem quanto a este aspecto: o fato de permitir ao aluno ter acesso a vários fragmentos, contribui para a emergência da subjetividade, uma vez que ele se depara com várias vozes acerca de um mesmo assunto, tendo, portanto, mais chances de evitar os lugares-comuns por falta de leitura. Entretanto, não podemos ignorar, é claro, o fato de o

---

[29] Estas duas redações – apesar de também fugirem do tema proposto na prova – diferem das redações 12 e 13, analisadas no fim deste capítulo.

[30] A Comvest seleciona e publica um conjunto de 20 redações dos candidatos ao vestibular da Unicamp. Os critérios para a seleção de tais textos são: (i) revelar "tratamento textual digno de nota"; ou (ii) representar "posições político-ideológicas consistentes". (Pró-Reitoria de Graduação, 1999:17).

[31] Vale ressaltar que o candidato pode escolher entre três tipos de texto: um texto dissertativo-argumentativo (tema A); um texto narrativo (tema B); e um texto argumentativo persuasivo (tema C).

aluno estar em uma situação de prova, em que fatores como: tensão, pressão (por parte dos pais, da sociedade ou dele mesmo), ansiedade e tempo exercem considerável influência na produção de um texto.

Nosso interesse maior foi o de identificar os recursos utilizados pelo sujeito a fim de construir os sentidos em seu texto. Desta forma, com base na leitura das 60 dissertações, estabelecemos três categorias – **posicionamento, retextualização** e **estilo** – que nos permitissem evidenciar a constituição da subjetividade, isto é, a relação do sujeito com a linguagem no processo de mobilizar certos sentidos.

As categorias foram estabelecidas por razões de análise, por nos permitirem melhor focalizar determinado aspecto da linguagem. Entretanto, percebe-se que elas estão todas relacionadas, como será observado. Vejamos cada uma delas:

Posicionamento

Dentro desta categoria, elencamos os recursos utilizados pelo candidato ao se posicionar em relação ao tema (ou questões com este envolvidas) proposto para a dissertação.

Neste sentido, interessa-nos menos o fato de o candidato ter uma visão otimista ou pessimista do Brasil, do que a maneira como constitui seu posicionamento. Na verdade, esta categoria nos permite identificar como o candidato orienta o seu texto (e seu leitor, é claro) a uma determinada linha argumentativa. Além disso, de uma certa forma, as outras categorias convergem para esta. O uso de um determinado recurso estilístico, por exemplo, está em função (ou, pelo menos, deveria estar!) do posicionamento do sujeito em relação ao tópico em questão.

Por concebermos a linguagem como essencialmente marcada por sua natureza heterogênea[32], privilegiaremos na análise do Posicionamento a presença da polifonia – entendida aqui como a multiplicidade de vozes dentro de um mesmo texto. Assim, analisaremos como o sujeito estabelece e articula outras vozes em seu texto, a fim de se posicionar em relação ao tema.

Em nosso *corpus*, a polifonia se deu através de:

1- Recursos lingüísticos:

1.1- Uso de repetição

1.2- Uso de intercalação

1.3- Uso de sinal gráfico

1.4- Uso de aspas

2- Uso de ironia, às vezes manifestada pelo:

2.1- Uso de estrangeirismos

2.2- Uso de neologismos

2.3- Uso de aspas

2.4- Uso de intercalação

---

[32] Authier-Revuz (1990) distingue duas formas de heterogeneidade que evidenciam a presença do "Outro" no discurso: trata-se da **heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva**. A primeira seria um conjunto de formas que explicitamente inscrevem o outro na seqüência discursiva, como por exemplo: discurso direto, aspas, glosa, discurso indireto livre, ironia etc. A segunda, por sua vez, não é marcada na superfície lingüística, antes, refere-se ao diálogo entre diferentes formações discursivas, sendo sua presença recuperável pelo interdiscurso. De forma sucinta, a autora afirma que *heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.* (Authier-Revuz, 1990:32).

3- Uso de ambigüidade

4- Presença de intertextualidade – considerada como a citação explícita de um outro texto (exceto da coletânea)

5- Uso de conhecimento enciclopédico – concebido como as informações, presentes no texto dos candidatos, que não se encontram na coletânea

6- Diálogo do sujeito com a sua fala

7- Diálogo do sujeito com o seu interlocutor, manifestado através de:

7.1- Uso de frases interrogativas

7.2- Antecipação da voz do interlocutor

7.3- Apelo ao interlocutor

Retextualização

Nesta categoria analisamos os recursos utilizados pelo sujeito ao se relacionar com os fragmentos apresentados na prova. Interessa-nos saber como o candidato incorpora (aceitando ou rejeitando), em seu texto, os elementos do texto da prova, tendo sempre em vista a constituição de sua subjetividade.

Vale ressaltar que a retextualização requer uma interpretação; assim, é uma certa leitura de um fragmento que determinará a forma como este aparecerá no texto do sujeito. Bakhtin (2002) ilustra isso ao afirmar que:

> *As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. O único que pode diferenciar-se é a relação de*

> *reciprocidade entre essas duas vozes. A transmissão da afirmação do outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro.* (Bakhtin, 2002:195).

Esta categoria, que é, na verdade, um diálogo do locutor com os trechos da coletânea (e não deixa de ser um recurso polifônico), apareceu nas dissertações, através de:

1- Paráfrase – que consistiu na retomada do já-dito, de forma a manter a linha argumentativa do autor do fragmento em questão.

Esta retomada, fica, às vezes, no nível lingüístico, sendo que aparecem "estratégias de colagem" de um texto no outro, por meio de:

1.1- Uso de inversões sintáticas

1.2- Troca de vocábulos e expressões lingüísticas

1.3- Reformulação lingüística do texto fonte

2- Refutação – aqui o candidato retoma o que foi dito na coletânea para estabelecer um ponto de vista contrário, isto é, para evidenciar uma linha argumentativa distinta da do fragmento em questão.

3- Ressignificação de fonte do fragmento

4- Citação do autor do fragmento

Estilo

Nesta categoria investigamos o trabalho do sujeito com os aspectos meramente lingüísticos, isto é, os recursos e estratégias, disponíveis ao sujeito em sua língua, utilizadas na constituição de seu texto, a fim de promover a multiplicidade de sentidos.

Não podemos, obviamente, generalizar afirmando que um determinado recurso é uma característica da escrita do candidato, pois para isso seria necessário investigar outras de suas produções. Nosso objetivo é, pois, somente analisar como, na produção escrita em questão, o candidato se relacionou com a língua a fim de produzir certos efeitos de sentido.

Talvez possa surgir um questionamento em relação à coerência desta categoria com o referencial teórico no qual nos fundamentamos, portanto, faz-se necessário um esclarecimento.

Não tomamos estilo como a livre escolha do sujeito, por outro lado, não se pode negar que este tem (ou pode ter) um papel ativo no trabalho com a linguagem. A este propósito, Possenti (2001b)[33] mostra que o estilo tem sido geralmente considerado em sua concepção romântica, como expressão de uma subjetividade unitária, psicológica, em que se considera a estratégia do desvio e da escolha. O primeiro seria "o efeito de uma decisão pensada do autor" (p.16), e a segunda uma "opção entre alternativas dadas, seja entre palavras, seja entre construções, feita com plena consciência, quer das alternativas, quer do efeito (de sentido) que cada uma delas produziria (também imaginado uniforme, independentemente do processo de leitura e, evidentemente, do leitor)". (ps. 15-6). Possenti propõe, então, que a escolha seja vista como "um efeito da multiplicidade dos recursos, que

[33] O objetivo deste artigo é mostrar que os conceitos de enunciação, autoria e estilo podem ser compatibilizados entre si e com a AD.

competem entre si a todo instante". (p.16). É, pois, neste sentido que estamos recorrendo ao conceito de estilo.

Dentre os recursos encontrados nas dissertações na categoria de estilo, tivemos:

1- Repetição de palavras ou expressões

2- Uso de enumeração

3- Reformulação do já-dito

4- Uso de frases interrogativas

5- Uso de antíteses

6- Uso de dois-pontos

7- Uso de períodos curtos

8- Uso de paralelismo

9- Uso de primeira pessoa do singular

10- Trabalho com a sonoridade

11- Jogo de palavras

Como já foi dito, as categorias não são independentes umas das outras e foram estabelecidas por razões de análise. De fato, uma dificuldade com que nos deparamos – e que talvez se constitua em um ponto deste trabalho a ser melhor explorado posteriormente – foi o de justamente demarcar um limite rígido entre as três categorias.

Entretanto, cremos que a própria natureza de nosso objeto de estudo – o texto – e a perspectiva teórica adotada para a sua análise dificultam (e, talvez, mesmo impossibilitem) uma certa rigidez metodológica quanto à fixação de categorias.

Acresce-se a isso o fato de que não foi a nossa pretensão criar uma "gramática da subjetividade", ou um modelo que permitisse classificar a emergência da subjetividade em

textos dissertativos; nosso objetivo foi o de tentar apreender, nas produções escritas, os recursos (alguns deles, pelo menos!) que um candidato utiliza na tentativa de colocar-se como sujeito de sua escrita.

Tomemos como exemplo a paráfrase ou a refutação de um certo fragmento – recursos inseridos na Retextualização. Pode-se afirmar que o sujeito parafraseia ou refuta as idéias da coletânea em função de um posicionamento. Contudo, não se pode negar que o contrário também é válido. Em outras palavras, o fato de o sujeito ser obrigado a utilizar os fragmentos da prova pode direcioná-lo a um certo posicionamento – talvez, por ele considerar mais fácil trabalhar com este e não aquele trecho da coletânea.

A reformulação do já dito – inserido no Estilo – e a intertextualidade – na categoria Posicionamento – não deixam, por exemplo, de ser uma forma de retextualização (ver redações 01 e 06). A ironia, por sua vez, que evidencia o posicionamento do sujeito em relação ao que diz, não deixa também de ser um estilo.

Afirmamos que as categorias Retextualização e Estilo convergem para o Posicionamento; todavia, é preciso um certo cuidado com esta afirmação, uma vez que, apesar de o posicionamento estar presente em todas as redações (pois sempre haverá uma linha argumentativa), não se pode ignorar de que em algumas é a retextualização (ver redações 02, 05, 07, por exemplo) ou o estilo (na redação 11) que mais chamam a atenção e marcam, de fato, o trabalho do sujeito com a linguagem.

Desta forma, pode-se dizer que tivemos de fazer uma escolha que, ao nosso ver, melhor nos permitisse analisar os textos, especialmente nos casos em que um recurso se enquadra em mais de uma categoria. Neste sentido, deve ficar claro que as **condições de produção** foram o elemento fundamental para a análise dos textos.

Redações produzidas em outro contexto, para um outro propósito, com um gênero distinto, certamente pediriam outras categorias, já que os textos seriam lidos de forma diferente.

4.2. A COLETÂNEA

Abaixo seguem os fragmentos da prova de redação (Tema A) do Vestibular da Unicamp (1999), apresentados para os candidatos. A proposta para o **Tema C** segue em anexo.

TEMA A

O Brasil está em vias de completar cinco séculos de existência aos olhos do mundo europeu. São os já conhecidos 500 anos de seu descobrimento, que serão comemorados oficialmente em abril de 2000. Como em qualquer data importante, o momento é oportuno para um balanço e uma reflexão. O balanço poderia resultar muito parcial, se se prendesse exclusivamente a fatos econômicos e a dados sociais circunstanciais. Por isso, faz-se necessário, neste caso, considerar a questão de **quem somos hoje**. Tendo isso em mente, e contando com o apoio obrigatório dos fragmentos abaixo, escreva uma dissertação sobre o tema

500 anos de Brasil

1. Esqueça tudo o que você aprendeu na escola sobre o descobrimento do Brasil. (...) A dois anos das comemorações oficiais pelos 500 anos de descobrimento do Brasil, os últimos trabalhos de pesquisadores portugueses, espanhóis e franceses revelam uma história muito mais fascinante e épica sobre a chegada dos colonizadores portugueses ao Novo Mundo. O primeiro português a chegar ao Brasil foi o navegador Duarte Pacheco Pereira, um gênio da astronomia, navegação e geografia e homem da mais absoluta confiança do rei de Portugal, d. Manuel I. Duarte Pacheco descobriu o Brasil um ano e meio antes de Cabral, entre novembro e dezembro de 1498. (...) As novas pesquisas sobre a verdadeira história do descobrimento sepultam definitivamente a inocente versão ensinada nas escolas de que Cabral chegou ao Brasil por acaso, depois de ter-se desviado da sua rota em direção às Índias. (*ISTOÉ*, 26 de novembro de 1997.)

2. ... a despeito de nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquele anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por ali abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhe; pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-lhe vir do estrangeiro.
(...) povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 1881.)

3. O Brasil surge e se edifica a si mesmo, mas não em razão do desígnio de seus colonizadores. Eles só nos queriam como feitoria lucrativa. Contrariando as suas expectativas, nos erguemos, imprudentes, inesperadamente, como um novo povo, distinto de quantos haja, deles inclusive, na busca de nosso ser e de nosso destino. (...) Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a nos inventarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantes ultramarinos de Portugal ou da África. (Ribeiro, Darcy. *O Brasil como problema*. 1995.)

4. Não conhecemos proletariado, nem fortunas colossais que jamais se hão de acumular entre nós, graças aos nossos hábitos e sistema de sucessão. Nem argentarismo, pior que a tirania, nem pauperismo, pior que a escravidão.
(...)
O Brasil jamais provocou, jamais agrediu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações.
(...)
A estatística dos crimes depõe muito em favor dos nossos costumes. Viaja-se pelo sertão sem armas, com plena segurança, topando sempre gente simples, honesta, serviçal.
Os homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que nele entraram. Magistrados subalternos, insuficientemente remunerados, sustentam terríveis lutas obscuras, em prol da justiça, contra potentados locais. (...) Quase todos os homens políticos brasileiros legam a miséria a suas famílias. (Affonso Celso. *Porque me ufano de meu país*. 1900.)

5. (...) Se tu vencesses Calabar! / Se em vez de portugueses, / – holandeses!? / Ai de nós! / Ai de nós sem as coisas deliciosas que em nós moram: / redes, / rezas, / novenas, / procissões, – / e essa tristeza, Calabar, / e essa alegria danada, que se sente / subindo, balançando, a alma da gente. / Calabar, tu não sentiste / essa alegria gostosa de ser triste! (Lima, Jorge de. *Poesia Completa*, vol. 1.)

6. O pau-brasil foi o primeiro monopólio estatal do Brasil: só a metrópole podia explorá-lo (ou terceirizar o empreendimento). Seria, também, o mais duradouro dos cartéis: a exploração só foi aberta à iniciativa privada em 1872, quando as reservas já haviam escasseado brutalmente. Exploração não é o termo: o que houve foi uma devastação, com a

derrubada de 70 milhões de árvores. Como que confirmando a vocação simbólica, o pau-brasil seria usado, em setembro de 1826, para o pagamento dos juros do primeiro empréstimo externo tomado pelo Brasil. Ao deparar com o Tesouro Nacional desprovido de ouro, d. Pedro I enviou à Inglaterra 50 quintais (3t) de toras de pau-brasil para leiloá-las em Londres. A esperança do Imperador de saldar a dívida com o "pau-de-tinta" esbarrou numa inovação tecnológica: o advento da indústria de anilinas reduzira em muito o valor da árvore-símbolo do Brasil. Os juros foram pagos com atraso. Em dinheiro, não em paus. (Bueno, E. (org). *História do Brasil.* Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997.)

7. Jamais se saberá com certeza, mas quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões - quase três, segundo alguns autores. Agora, dizimados por gripe, sarampo e varíola, escravizados aos milhares e exterminados pelas guerras tribais e pelo avanço da civilização, não passam de 325.652 - menos do que dois Maracanãs lotados. (...) A idade média dos índios brasileiros é de 17,5 anos, porque mais da metade da população tem menos de 15 anos. A expectativa de vida é de 45,6 anos, e a mortalidade infantil é de 150 para cada mil nascidos. Existem pelo menos 50 grupos que jamais mantiveram contato com o homem branco, 41 dos quais nem sequer se sabe onde vivem, embora seu destino já pareça traçado: a extinção os persegue e ameaça. (Bueno, E. (org). *História do Brasil.* Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997.)

8. Há um Código de Defesa do Consumidor, há leis que cuidam do racismo, do direito de greve, dos crimes hediondos, do juizado de pequenas causas, do sigilo da conversação telefônica, da tortura, etc. O país cresceu. (Carvalho Filho, L. F. *Folha de S. Paulo.* 3 de outubro de 1998.)

4.3. REDAÇÕES SELECIONADAS E ANALISADAS

REDAÇÃO 01

VAMOS COMEMORAR!

Descobrimento, descobrimento do que? Nosso índios aqui já estavam, Brasil, "pau-brasil", identidade esta emitida por orgão de expedição desconhecido de nosso olhos naquela ocasião. Comemorar ou reavaliar.

Comemorar 500 anos, 500 anos de altos e baixos, explorações e injustiças, miséria e fome, fatores sociais escancarados aos olhos de todos, mesmo daqueles que não querem ver e fingem que não vê, fazendo suas aparições em horário nobre na televisão, sorrindo e dizendo que tudo vai melhorar. O povo não tem lá muito o que comemorar, comemorar o desemprego,

> comemorar o pai que rouba para ter como sustentar seus filhos que estão quase morrendo de fome. Façamos um brinde a nossos grandes governantes, grandes empresários, donos do dinheiro responsáveis pela nossa comemoração.
>
> Devemos para e pensar nos próximos 500 anos, melhor dizendo os possíveis próximos 500 anos. Precisamos corrigir tudo aquilo que esta de errado, ou melhor, fazer certo ao invés de fazer o certo sempre apartir dos erros. Vivamos como índios, pois naquela ocasião sim tinhamos motivos de sobra para comemoração.

O sujeito apresenta uma postura pessimista frente ao tema 500 anos de Brasil. Talvez não tenha muitas leituras para sustentar seu ponto de vista – os argumentos que apresenta são bastante genéricos – ou, provavelmente, não soube articular as diversas vozes dos textos da coletânea, a fim de dar mais consistência a sua argumentação. Entretanto, podemos notar que o sujeito foi coerente, já que todo o seu texto se articula em torno do seguinte contra-ponto: "comemorar ou reavaliar". Vejamos os recursos que ele utiliza para se **posicionar** em relação ao tema:

1. Diálogo do sujeito com seu interlocutor, através do uso de frase interrogativa – aqui o sujeito, ao mesmo tempo em que se direciona ao seu interlocutor, levando o a refletir sobre o tema em questão, também estabelece uma voz que questiona uma verdade já estabelecida – neste caso, a aceitação da descoberta do Brasil:

> "Descobrimento, descobrimento do que?".

Além disso, este diálogo é marcado pela presença do termo "sim", que marca o diálogo com o outro que diria "não", ou que fosse favorável à comemoração dos 500 anos:

> "Vivamos como índios, pois naquela ocasião <u>sim</u> tinhamos motivos de sobra para comemoração".

Este apelo para que "vivamos como índios" pode refletir uma postura ingênua e estereotipada, todavia, pode também ser lida em um tom irônico, em que o que estaria em foco seria não à exaltação romântica aos indígenas, mas a ridicularização de nosso modo de vida.

2. Uso de ironia, que aqui beira o sarcasmo – como se vê no primeiro trecho:

> "O povo não tem lá muito o que comemorar, comemorar o desemprego, comemorar o pai que rouba para ter como sustentar seus filhos que estão quase morrendo de fome".
>
> "Façamos um brinde a nossos grandes governantes, grandes empresários, donos do dinheiro responsáveis pela nossa comemoração".

"Vamos comemorar!" – (título) – o verbo no imperativo, denotando um convite ao interlocutor, é incoerente com as razões que o escritor oferece para se comemorar.

3. Uso de ambigüidade, como vemos no seguinte trecho:

> "Façamos um brinde a nossos grandes governantes, grandes empresários, donos do dinheiro responsáveis pela nossa comemoração".

Aqui o termo "comemoração" marca uma tensão de vozes: pode referir-se tanto à comemoração, propriamente dita, já que os eventos festivos serão, de fato, patrocinados por aqueles que têm dinheiro; por outro lado, pode referir-se à comemoração da miséria, fome, injustiça, etc, também "patrocinadas" pelos "grandes governantes, grandes empresários".

Quanto ao trabalho com a coletânea, isto é, os recursos mobilizados na **Retextualização**, percebe-se que não houve um uso explícito dos fragmentos apresentados na prova. De fato, estes aparecem apenas como temática para o texto.

O candidato parece dialogar com o parágrafo introdutório da coletânea, o qual justamente discute a questão da comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil e comenta a necessidade de uma reflexão acerca de nossa situação. Este diálogo pode ser comprovado, na dissertação, pelo par "comemorar x reavaliar":

> "Descobrimento, descobrimento do que? Nosso índios aqui já estavam, Brasil, "pau-brasil", identidade esta emitida por orgão de expedição desconhecido de nosso olhos naquela ocasião. Comemorar ou reavaliar".

Em relação ao **Estilo**, podemos destacar o uso dos seguintes recursos:

1. Repetição de palavras ou expressões, a fim de enfatizar determinado aspecto. Como se vê, o termo repetido contribui para causar um efeito de sentido no texto;

> "Descobrimento, descobrimento do que?".
>
> "Comemorar 500 anos, 500 anos de altos e baixos, explorações e injustiças, miséria e fome...".
>
> "Devemos para e pensar nos próximos 500 anos, melhor dizendo os possíveis próximos 500 anos".

2. Uso de enumeração, a fim de enfatizar as características levantadas pelo sujeito:

> "Comemorar 500 anos, 500 anos de altos e baixos, explorações e injustiças, miséria e fome, fatores sociais escancarados aos olhos de todos...".

3. Reformulação do já dito:

> "Devemos para e pensar nos próximos 500 anos, melhor dizendo os possíveis próximos 500 anos".
>
> "Precisamos corrigir tudo aquilo que esta de errado, ou melhor, fazer certo ao invés de fazer o certo sempre apartir dos erros".

Ao contrário do que se possa pensar, esta reformulação não é uma influência da oralidade, como se o sujeito estivesse reformulando algo dito precipitadamente (o que é bastante comum na fala[34]), mesmo porque, na escrita, o sujeito teria a opção de não registrar a primeira idéia. O que se percebe é que, ao afirmar algo e logo em seguida reformular, o sujeito mobiliza um outro sentido no texto.

Assim, no primeiro exemplo, ele relativiza a expressão "próximos 500 anos", o que é bastante coerente com seu texto como um todo – ao se considerar a situação atual do Brasil, no ponto de vista do sujeito, só se pode pensar em "possíveis próximos 500 anos". Já no segundo, a reformulação é um contraponto[35] ao discurso corrente de que se deve corrigir o que está errado.

De forma geral, esta dissertação apresenta o esquema estrutural de texto dissertativo apresentado pelo livro didático (introdução – desenvolvimento – conclusão), exceto, talvez, no que diz respeito ao "tópico-frasal", se consideramos, é claro, que este seja justamente o contraponto "comemorar x reavaliar".

Não temos aqui um texto com alto grau de "informatividade"; em outras palavras, o sujeito discorre sobre lugares-comuns (governo como explorador, povo como explorado, vida indígena como ideal), o que provavelmente se deva, em parte, à própria condição de

---

[34] É claro que para que esta distinção seja eficiente, há de se considerar os diferentes gêneros, já que eles – e não uma propriedade intrínseca à linguagem – orientarão as características da fala ou da escrita.

[35] Neste sentido, este recurso também se enquadraria na categoria Posicionamento, pois, há o estabelecimento de uma outra voz.

produção do texto (falta de tempo, impossibilidade de pesquisa) e, em parte, às imagens que o locutor tem que seu interlocutor tem em relação ao objeto discursivo - IA(IB(R)). Há, contudo, que se considerar o trabalho do sujeito com a linguagem, sobretudo a maneira como ele articula outras vozes no texto.

REDAÇÃO 02

BRASIL REAL

Atualmente, às vésperas da comemoração dos 500 anos da descoberta do nosso país, qual a situação do Brasil e quem somos?

Em primeiro lugar, o Brasil considerado país do futebol, tem um outro lado mais real. Somos um povo, que em grande parte está desempregado e que por outro lado, profissionais com o curso superior são faxineiros nas indústrias. Com a má educação que recebemos, fica difícil termos bons empregos e uma vida digna. O Brasil tem uma riqueza aparente, no qual o dinheiro se concentra em uma pequena parcela da população, igualmente comparado com o Brasil colônia, em que a riqueza se concentrava nas mãos dos senhores de engenho e a maioria da população era pobre e faminta.

Em segundo lugar, um povo que tem uma má educação não é um povo culto e nem original. Se na época do Brasil colonia eramos influenciados pela cultura européia, em que a "moda" era usar roupas inglesas, hoje somos um povo influenciado pelas potências mundiais, no qual as crianças brincam de "cowboy" depois de jantar "hamburguer e coca cola".

Em terceiro lugar, essa situação de desemprego, fome, violencia e doenças que o Brasil se encontra, provavelmente deve-se ao tipo de colonização que nós recebemos, a colonização exploração. Se tivessemos recebido um outro tipo de colonização, de outra nação por exemplo, talvez hoje nossa situação seria melhor. Doenças e a escravidão trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis fez a devastação dos nossos índios.

Em quarto lugar, somos um povo, uma nação que tem uma enorme constituição, com numerosas leis. Porém que não fazem efeitos algum. Estão apenas no papel, dificultando também o nosso dever e direito de sermos cidadãos. Deixando para nós uma "cidadania de papel", ou seja, só na constituição.

> Por fim, somos um povo que vive uma situação "moldada, fruto" do nosso passado. Nós vivemos os efeitos de uma má colonização e administração passadas. Para mudar esse panorama devemos lutar com seriedade, para que então o nosso futuro seja diferente do nosso passado e presente.

Percebe-se, nesta dissertação, como na anterior, uma visão pessimista quanto ao tema em questão, e, em relação à categoria **Posicionamento**, notamos a emergência da subjetividade, por meio do uso da ironia, que, por sua vez, é expressa pelo uso de estrangeirismos:

1. Uso de estrangeirismos – os termos em inglês americanizam o discurso, e, trazem à tona um outro lugar (o lugar do estrangeiro), uma outra voz:

> "Se na época do Brasil colonia eramos influenciados pela cultura européia, em que a "moda" era usar roupas inglesas, hoje somos um povo influenciado pelas potências mundiais, no qual as crianças brincam de "cowboy" depois de jantar "hamburguer e coca cola".

2. Uso de conhecimento enciclopédico[36], que permite ao sujeito expressar sua crítica à constituição:

> "Deixando para nós uma "cidadania de papel", ou seja, só na constituição".

Na categoria **Retextualização**, também notamos a tentativa do sujeito de fazer da escrita um espaço de construção de sentidos. De fato, o diálogo com a coletânea se dá através de:

1. Paráfrase do fragmento 02 – o segundo parágrafo não apenas confirma as idéias expostas no segundo fragmento, mas apresenta um outro foco para a questão; como se pode

[36] O termo "cidadania de papel" é provavelmente uma referência à obra *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos*, de Gilberto Dimenstein

perceber, no texto do candidato a ênfase recai sobre o aspecto da "má educação", enquanto no fragmento se enfatiza a exploração:

> "Em primeiro lugar, o Brasil considerado país do futebol, tem um outro lado mais real. Somos um povo, que em grande parte está desempregado e que por outro lado, profissionais com o curso superior são faxineiros nas indústrias. Com a má educação que recebemos, fica difícil termos bons empregos e uma vida digna. O Brasil tem uma riqueza aparente, no qual o dinheiro se concentra em uma pequena parcela da população, igualmente comparado com o Brasil colônia, em que a riqueza se concentrava nas mãos dos senhores de engenho e a maioria da população era pobre e faminta".

2. Refutação do terceiro fragmento – o terceiro parágrafo é um contraponto ao terceiro fragmento (sublinhado), e também um reforço ao segundo (parte em itálico):

> "Em segundo lugar, um povo que tem uma má educação *não é um povo culto e nem original*. Se na época do Brasil colonia eramos influenciados pela cultura européia, em que a "moda" era usar roupas inglesas, hoje somos um povo influenciado pelas potências mundiais, no qual as crianças brincam de "cowboy" depois de jantar "hamburguer e coca cola".

3. Refutação do quinto fragmento – o candidato não vê a colonização portuguesa como positiva:

> "Em terceiro lugar, essa situação de desemprego, fome, violencia e doenças que o Brasil se encontra, provavelmente deve-se ao tipo de colonização que nós recebemos, a colonização exploração. Se tivessemos recebido um outro tipo de colonização, de outra nação por exemplo, talvez hoje nossa situação seria melhor. Doenças e a escravidão trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis fez a devastação dos nossos índios".

4. Refutação do oitavo fragmento, como vemos no quinto parágrafo do texto:

> "Em quarto lugar, somos um povo, uma nação que tem uma enorme constituição, com numerosas leis. Porém que não fazem efeitos algum. Estão apenas no papel, dificultando também o nosso dever e direito de sermos cidadãos. Deixando para nós uma "cidadania de papel", ou seja, só na constituição".

Além desses recursos, vemos que a introdução desta dissertação é um diálogo com o parágrafo introdutório da coletânea (e não deixa de ser também um diálogo com o interlocutor). A orientação para que se faça uma reflexão sobre quem somos hoje aparece no texto do candidato em forma de pergunta:

> "Atualmente, às vésperas da comemoração dos 500 anos da descoberta do nosso país, qual a situação do Brasil e quem somos?".

Assim, ao trabalhar com os fragmentos que lhe são apresentados, o candidato se coloca como sujeito do que diz, exerce um trabalho sobre/na e, obviamente, pela linguagem.

No que diz respeito à categoria de **Estilo**, podemos perceber o estilo didático. De fato, o texto parece aproximar-se do modelo de dissertação apresentado pelo livro, com exceção, talvez, da introdução. Interessante notar o uso dos marcadores (*em primeiro lugar, em segundo lugar, em terceiro lugar, em quarto lugar, por fim*), a fim de dar a aparência de cientificidade.

REDAÇÃO 03

500 ANOS DE BRASIL

> Estamos próximos de comemorar 500 anos de Brasil, 500 anos desde o seu descobrimento. Descobrimento? Ou será conquista a palavra mais adequada?
>
> Todos nós aprendemos, no ensino fundamental, que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 22 de abril de 1500. Mas como algo já conhecido, já visitado pode ser descoberto?
>
> Estudos comprovam que estas terras já eram conhecidas desde pelo menos 1498. Uma prova deste fato é o Tratado de Tordesilhas firmado entre Portugal e Espanha, onde o Brasil ficaria dividido para exploração

> portuguesa e espanhola, pois este foi assinado antes de 1500. Como pode algo que ainda não foi descoberto ser dividido?
>
> O Brasil foi conquistado com o objetivo de gerar lucros à Europa, todas as riquezas naturais serviram, em sua grande maioria, para desenvolver e enriquecer países como Portugal e Espanha, entre outros.
>
> Lutamos hoje, para formular uma identidade própria, pois de nossos colonizadores herdamos apenas uma cultura latifundiária, de exploração, de dependência do capital extrangeiro, assumimos uma dívida externa decorrente de uma má administração longínqua.
>
> Passamos, até então, por várias mudanças políticas na tentativa de reerguer um país tão rico em recursos naturais, mas tão pobre em cultura, política esta, onde prevalece a corrupção, onde aqueles que tentam construir algo melhor encontram diversos obstáculos, desistindo por falta de forças, ou aderindo à maioria. Esta desorganização política e governamental, talvez seja devido à falta de uma ideologia à seguir e a falta de origens claras. Um país com um passado conturbado e obscuro, é um país sem futuro.
>
> Precisamos antes saber quem somos, para então decidir quem seremos.

Em relação ao **Posicionamento**, o sujeito também apresenta uma visão pessimista em relação ao Brasil, e, cremos que a subjetividade é constituída aqui através de:

1. Diálogo com o leitor, por meio do uso de frases interrogativas, a fim de incitar o seu interlocutor a refletir, e possibilitar o questionamento, por parte do sujeito, de verdades historicamente estabelecidas:

> "Estamos próximos de comemorar 500 anos de Brasil, 500 anos desde o seu descobrimento. Descobrimento? Ou será conquista a palavra mais adequada?".
>
> "Mas como algo já conhecido, já visitado pode ser descoberto?".
>
> "Como pode algo que ainda não foi descoberto ser dividido?".

2. Uso de conhecimento enciclopédico, de forma a reforçar o argumento exposto:

> "Estudos comprovam que estas terras já eram conhecidas desde pelo menos 1498. Uma prova deste fato é o Tratado de Tordesilhas firmado entre Portugal e Espanha, onde o Brasil ficaria dividido para exploração portuguesa e espanhola, pois este foi assinado antes de 1500. Como pode algo que ainda não foi descoberto ser dividido?".

Não ignoramos que o uso do conhecimento enciclopédico possa ser uma "estratégia de preenchimento", à medida que corresponde à imagem de escrita do aluno – o próprio livro didático incentiva o uso de "fatos". Entretanto, cremos que a questão é a articulação de tais informações no texto; neste caso, o sujeito soube usar seu conhecimento de história para reforçar seu argumento.

Em relação à **Retextualização**, vemos que o sujeito parafraseia o fragmento 01, e o parágrafo introdutório (segundo exemplo):

> "Todos nós aprendemos, no ensino fundamental, que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 22 de abril de 1500. Mas como algo já conhecido, já visitado pode ser descoberto?
>
> Estudos comprovam que estas terras já eram conhecidas desde pelo menos 1498".

> "Precisamos antes saber quem somos, para então decidir quem seremos".

Como se percebe, o sujeito não apresenta uma idéia conclusiva, antes, deixa o texto em aberto, ao retomar a proposta da prova.

Na categoria **Estilo,** percebemos o uso de frases interrogativas, a fim orientar a linha argumentativa do sujeito:

> "Estamos próximos de comemorar 500 anos de Brasil, 500 anos desde o seu descobrimento. Descobrimento? Ou será conquista a palavra mais adequada?".

> "Mas como algo já conhecido, já visitado pode ser descoberto?".

"Como pode algo que ainda não foi descoberto ser dividido?".

O candidato parece ter se saído melhor nos três primeiros parágrafos do texto (de fato, os exemplos para ilustrar as categorias se concentram nos três primeiros parágrafos), em que ele justamente estabelece um diálogo com a coletânea. Como se observa, o restante do texto apresenta fatos bastante genéricos, e imagens estereotipadas (como a questão da falta de identidade, da exploração estrangeira), que pouco contribui para a emergência da subjetividade.

REDAÇÃO 04

500 ANOS DE COLÔNIA

Ao estudarmos nossa história, desde seu descobrimento até os dias de hoje, depreendemos que, em muitos aspectos o Brasil mudou, mas em outros pontos essenciais ele continua o mesmo.

Antes, haviam grupos indígenas e seus rituais próprios de iniciação, escravos negros e carroças. Hoje há Carla Perez para todos, proletários morenos, carros importados. Sim, houve mudanças, como vemos claramente, de uma cultura variada, ou várias culturas, para a cultura de massa, da tecnologia precária das caravelas para a tecnologia de ponta dos clones.

Voltemos ao descobrimento. Este foi realizado já no início do desenvolvimento do Sistema Capitalista, durante o denominado Mercantilismo. A intenção das navegações que ocorriam nesta época era de conquistar novas terras, ampliar o império dos colonizadores e realizar comércio. O discurso pregado desta época para justificar estas ações era o religioso, colonizar e catequisar para salvar almas. Fez-se, então, no Brasil e nas Américas, o etnocídio e o genocídio de índios em nome destas bandeiras, porém, sempre com intenções financeiras e de hegemonia como base e estimulante.

Durante a Monarquia havia um rei e sua corte e muitos a serem comandados e dominados por seu poder e autoridade. Hoje há a República e a Democracia como regimes políticos, um presidente e uma minoria da elite

> possuidora de grande parte do capital produzido e da cultura desenvolvida, por um lado. Por outro, continua havendo uma grande maioria que é dominada e comandada, com, ainda, pouquíssimos recursos financeiros, - e raras são as excessões – intelectuais e culturais. Vemos, portanto, que nem tudo mudou, apesar das mudanças ocorridas.
>
> Mas, se por quinhentos anos vemos esta mesma situação, de disparidades sociais e dominação, por que, afinal, com tantas mudanças estes aspectos, em seu âmago, ainda continuam os mesmos? Sim, podemos ver que houve revoltas na tentativa de mudanças mais profundas, como a Inconfidência Mineira e os movimentos estudantis da década de 60, passando pela Conjuração Baiana e por Canudos, mas todos foram fortemente reprimidos. Além da repressão ocorrida e existente ainda hoje, há outro fator agravante, a alienação, que possibilita a manutenção do status-quo. Esta minoria dominante lança conjuntos de idéias nos Aparelhos Ideológicos de Estado, segundo o conceito de Althusser, que escamoteiam a realidade e impedem que a grande massa tome consciência dos fatos, de suas verdadeiras razões e de suas implicações, e, com isto, que realizem mudanças efetivas. Vimos que antes havia o discurso da catequese, hoje há o de que nosso país é o oitavo no PIB, que estamos eliminando o analfabetismo, de que só não enriquece quem é preguiçoso e não trabalha. Estes são discursos ideológicos que escondem a verdadeira face da história de que há os que dominam e agem de acordo com as descrições de Maquiavel e há os dominados. Há os países do primeiro mundo e há as colônias. Esta questão, da divisão de rendas e conhecimento é estrutural e aniversariante – fará 500 anos no ano 2000.
>
> Assim, podemos depreender que se por um lado há a evolução e revolução tecnológica, discussões sobre assédio sexual, propagandas para o uso de cinto-de-segurança e rede de esgoto encanado, há também escravos assalariados, uma pequena corte dominadora, favelas, países imperadores e colônias subdesenvolvidas com seus índios a serem "catequisados". Muitas mudanças e poucas mudanças efetivas.

A posição do sujeito é a de que o Brasil, apesar das mudanças, é o mesmo de 500 anos atrás, o que evidencia uma postura pessimista. Vejamos os recursos que ele utiliza para estabelecer a polifonia:

1. Uso de conhecimento enciclopédico – como na dissertação 03, este recurso não aparece aqui apenas como uma forma de trazer à tona outras informações, mas de conferir "peso" ao que está sendo dito; trata-se do outro que reforça a idéia do mesmo:

"Voltemos ao descobrimento. Este foi realizado já no início do desenvolvimento do Sistema Capitalista, durante o denominado Mercantilismo".

"Sim, podemos ver que houve revoltas na tentativa de mudanças mais profundas, como a Inconfidência Mineira e os movimentos estudantis da década de 60, passando pela Conjuração Baiana e por Canudos, mas todos foram fortemente reprimidos. Além da repressão ocorrida e existente ainda hoje, há outro fator agravante, a alienação, que possibilita a manutenção do status-quo. Esta minoria dominante lança conjuntos de idéias nos Aparelhos Ideológicos de Estado, segundo o conceito de Althusser, que escamoteiam a realidade e impedem que a grande massa tome consciência dos fatos, de suas verdadeiras razões e de suas implicações, e, com isto, que realizem mudanças efetivas. Vimos que antes havia o discurso da catequese, hoje há o de que nosso país é o oitavo no PIB, que estamos eliminando o analfabetismo, de que só não enriquece quem é preguiçoso e não trabalha. Estes são discursos ideológicos que escondem a verdadeira face da história de que há os que dominam e agem de acordo com as descrições de Maquiavel e há os dominados. Há os países do primeiro mundo e há as colônias. Esta questão, da divisão de rendas e conhecimento é estrutural e aniversariante – fará 500 anos no ano 2000".

2. Uso de ironia:

"... há também escravos assalariados, uma pequena corte dominadora, favelas, países imperadores e colônias subdesenvolvidas com seus índios a serem "catequisados".

"Esta questão, da divisão de rendas e conhecimento é estrutural e aniversariante – fará 500 anos no ano 2000".

3. Uso de intercalações – o termo intercalado evidencia a voz de um dissertador que tem a capacidade para avaliar os fatos apresentados:

"Por outro, continua havendo uma grande maioria que é dominada e comandada, com, ainda, pouquíssimos recursos financeiros, - e raras são as excessões – intelectuais e culturais".

4. Diálogo do sujeito com seu interlocutor, através de: apelo a este (primeiro exemplo); antecipação da voz do interlocutor; e uso de frase interrogativa:

"Voltemos ao descobrimento".

> "Hoje há Carla Perez para todos, proletários morenos, carros importados. **Sim**, houve mudanças, como vemos claramente, de uma cultura variada, ou várias culturas, para a cultura de massa, da tecnologia precária das caravelas para a tecnologia de ponta dos clones".
>
> "Mas, se por quinhentos anos vemos esta mesma situação, de disparidades sociais e dominação, por que, afinal, com tantas mudanças estes aspectos, em seu âmago, ainda continuam os mesmos? **Sim**, podemos ver que houve revoltas na tentativa de mudanças mais profundas, como a Inconfidência Mineira e os movimentos estudantis da década de 60...".

A coletânea não aparece de forma explícita, portanto não há o que se destacar quanto à **Retextualização**.

Quanto ao **Estilo**, nota-se:

1. Uso de antíteses – interessante notar como todo o texto é articulado de forma a contrastar o antes x hoje:

> "Antes, haviam grupos indígenas e seus rituais próprios de iniciação, escravos negros e carroças. Hoje há Carla Perez para todos, proletários morenos, carros importados".
>
> "Vimos que antes havia o discurso da catequese, hoje há o de que nosso país é o oitavo no PIB, que estamos eliminando o analfabetismo, de que só não enriquece quem é preguiçoso e não trabalha".

2. Repetição de palavras – a fim de enfatizar o problema levantado pelo autor:

> "Muitas mudanças e poucas mudanças efetivas".

REDAÇÃO 05

OUTROS QUINHENTOS

Quinhentos anos são muito tempo ou não? Podemos considerar que neste período de tempo muita coisa mudou? Poderemos verificar algo destes fatos levantando alguns acontecimentos no decorrer de nossos 500 anos.

Nossa história de origem já é algo tumultuado, pois didaticamente falando, o nosso descobridor foi Cabral em 1500, mas pesquisadores europeus já revelaram que o mérito é na realidade de Duarte Pacheco em 1498, ou seja, já temos 500 anos.

Hoje temos problemas na distribuição de renda, onde prevalece a pirâmide das classes sociais. Mas será que já foi diferente? Textos do passado, dizem que não. Sílvio Romero cita em 1881 "... povo flagelado por todas extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original.", deixando claro que no final do século XIX, o povo já era explorado por classes sociais superiores. Na atualidade, o país permanece com este tipo de exploração, inclusive do exterior, fato que ocorre desde a colonização, quando os portugueses tomaram para si, toda a exploração do pau-brasil, originando o primeiro monopólio estatal no Brasil, mas em favor exclusivo de Portugal.

No decorrer da história surgiram outros monopólios, inclusive já independentes. Muitos destes monopólios estatais privatizaram-se, mas será que não poderão continuar como monopólios?

Mas ainda temos que citar nosso povo singular, repleto de suas misturas raciais, onde ao mesmo tempo vivem em harmonia e/ou uma "guerra invisível", gerando algumas divergências, não tão extremas como em outros países, mas existem. Este fato ocorreu principalmente com a população original desta terra – índios – que com o passar de "500 anos" foram desimados de mais de 2 milhões para um pouco mais de 300 mil.

Com o passar dos anos, as coisas mudaram, hoje existem leis anti-discriminação racial, tortura, etc, mas às vezes, estes novos itens de lei não atendem o almejado, pois nossa justiça é lenta e infelizmente temos responsáveis judiciais que não dão a valorização devida, como uma denúncia ou ocorrência de discriminação.

Quinhentos anos são muitos anos sim, mas não mudamos tanto, somos ainda em alguns pontos o que Sílvio Romero escreveu, nossa cultura não atinge todas camadas, somos independentes de financiadores estrangeiros e

> automaticamente nem sempre originais. Mas virão 500 anos e devemos desenvolver condições para mudanças.

A posição do sujeito é a de que houve mudanças positivas no Brasil, mas que ainda são necessárias muitas outras. Os recursos utilizados na categoria **Posicionamento** foram:

1. Uso de ambigüidade – o título pode se referir tanto à questão do tempo (o Brasil tem 500 anos, mas talvez apenas em "outros 500" haverá mudanças significativas), quanto ao provérbio – "são outros quinhentos" – que é geralmente empregado para sugerir a mudança de um ponto de vista:

> "Outros Quinhentos" – (título)

2. Diálogo do sujeito com sua fala:

> "Quinhentos anos são muito tempo ou não?" – (introdução)
>
> "Quinhentos anos são muitos anos sim, mas não mudamos tanto...". – (conclusão)

3. Diálogo do sujeito com seu interlocutor, através do uso de frases interrogativas:

> "Hoje temos problemas na distribuição de renda, onde prevalece a pirâmide das classes sociais. Mas será que já foi diferente?".
>
> "Muitos destes monopólios estatais privatizaram-se, mas será que não poderão continuar como monopólios?"

Entretanto, é na categoria **Retextualização**, que a subjetividade parece emergir de forma mais consistente. Vejamos os recursos utilizados:

1. Paráfrase do:

1.1. Fragmento 01 – o sujeito traz uma informação da coletânea, mas marca sua posição através de uma postura avaliativa, como se vê no trecho sublinhado:

> "Nossa história de origem já é algo tumultuado, pois didaticamente falando, o nosso descobridor foi Cabral em 1500, mas pesquisadores europeus já revelaram que o mérito é na realidade de Duarte Pacheco em 1498, ou seja, já temos 500 anos".

Além disso, o uso do advérbio "didaticamente", marca o diálogo com a parte deste fragmento que faz referência à "inocente versão ensinada nas escolas", sobre o descobrimento do Brasil.

1.2. Fragmento 02 – interessante notar o tratamento que o sujeito dá ao texto fonte – o autor do fragmento é explicitamente citado. De fato, ele o trata como um texto, deixando claro ao seu leitor que não é uma idéia sua. É claro que se pode afirmar que tal recurso nada mais é que a aplicação de uma estratégia ensinada pelo livro didático. Entretanto, é necessário analisar o texto como um todo, para sabermos se se trata de uma "estratégia de preenchimento" ou de uma tentativa mesmo de fazer da escrita um espaço intersubjetivo. Cremos, que o texto do candidato aponta para a segunda opção.

> "Hoje temos problemas na distribuição de renda, onde prevalece a pirâmide das classes sociais. Mas será que já foi diferente? Textos do passado, dizem que não. Sílvio Romero cita em 1881 "... povo flagelado por todas extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original.", deixando claro que no final do século XIX, o povo já era explorado por classes sociais superiores".

> "Quinhentos anos são muitos anos sim, mas não mudamos tanto, somos ainda em alguns pontos o que Sílvio Romero escreveu, nossa cultura não atinge todas camadas, somos independentes de financiadores estrangeiros e automaticamente nem sempre originais".

1.3. Fragmento 06 – novamente a voz do dissertador aparece, marcada pelo adversativo "mas":

> "Na atualidade, o país permanece com este tipo de exploração, inclusive do exterior, fato que ocorre desde a colonização, quando os portugueses tomaram para si, toda a exploração do pau-brasil, originando o primeiro monopólio estatal no Brasil, mas em favor exclusivo de Portugal".

1.4. Fragmento 03 – aqui o sujeito acrescenta um outro ponto de vista (trecho sublinhado):

> "Mas ainda temos que citar nosso povo singular, repleto de suas misturas raciais, onde ao mesmo tempo vivem em harmonia e/ou uma "guerra invisível", gerando algumas divergências, não tão extremas como em outros países, mas existem".

1.5. Fragmento 07 – aqui a mudança fica mais no nível lingüístico, sendo marcada pela reformulação de expressões do texto fonte:

> "Este fato ocorreu principalmente com a população original desta terra – índios – que com o passar de "500 anos" foram desimados de mais de 2 milhões para um pouco mais de 300 mil".

2. Refutação do fragmento 08 – o conectivo adversativo ("mas"), introduz o ponto de vista distinto do sujeito:

> "Com o passar dos anos, as coisas mudaram, hoje existem leis anti-discriminação racial, tortura, etc, mas às vezes, estes novos itens de lei não atendem o almejado, pois nossa justiça é lenta e infelizmente temos responsáveis judiciais que não dão a valorização devida, como uma denúncia ou ocorrência de discriminação".

Em relação ao **Estilo**, nota-se a grande ocorrência de frases interrogativas:

> "Quinhentos anos são muito tempo ou não? Podemos considerar que neste período de tempo muita coisa mudou? Poderemos verificar algo destes fatos levantando alguns acontecimentos no decorrer de nossos 500 anos".
> "Hoje temos problemas na distribuição de renda, onde prevalece a pirâmide das classes sociais. Mas será que já foi diferente?".
>
> "Muitos destes monopólios estatais privatizaram-se, mas será que não poderão continuar como monopólios?"

REDAÇÃO 06

QUE TOQUEM O DERRADEIRO TANGO ARGENTINO!

Os ufanistas quixotescos estão felicíssimos: em abril do ano de 2000 o Brasil comemorará quinhentos anos de seu "descobrimento". A contagem regressiva já fora acionada e muitos, tomados por um repentino sentimento de amor à pátria, como em um passe de mágica esqueceram as deficiências e mazelas tupiniquins.

No entanto, não há tanto o que comemorar a não ser para os países do lado de lá do Equador. Estes devem estar eufóricos, afinal conseguiram – por 500 anos! – a façanha de explorar e enganar toda uma nação.

A embromação já começa em nosso "descobrimento": o Brasil não foi "descoberto" já que os portugueses sabiam muito bem o que procuravam e onde pretendiam chegar.

A partir daí o Brasil se transformara em um títere, condição que perdura até os nossos dias.

É desolador constatar que enquanto o tempo passa e corre e voa continuamos a caminhar em círculos. No contexto mercantilista éramos reles fornecedores de matéria-prima e mão-de-obra barata. Hoje ainda desempenhamos a mesma função, só que em meio a uma explosiva mistura de neoliberalismo com Globalização.

A nossa independência histórica não ocorreu na prática. Só por seu caráter sui generis deveríamos ter desconfiado de que não era séria: um membro da própria família real foi quem declarou o país independente e ainda assim sob uma constrangedora indenização à Inglaterra. Atualmente continuamos dependente de aplicações externas para cobrir o défict de nossa balança comercial e suprir a nossa demanda por tecnologia.

Faz-se mister ressaltar que, passados apenas 70 anos do movimento antropofágico – que tentou criar uma cultura original, de pura identidade nacional – estamos adotando uma cultura estrangeira em detrimento da nossa. Um nítido exemplo: todos os jovens comemoram o Halloween mas muitos nunca ouviram falar da Folia de Reis que ocorre em seis de janeiro e já fora uma festa típica brasileira. Em nosso itinerário histórico já vimos este mesmo episódio: os índios foram obrigados a relegar a sua cultura riquíssima para abraçar a dos colonizadores.

No plano interno pouco foi mudado: a estrutura fundiária continua absurda, a concentração de renda ainda forma um íngreme abismo entre aqueles

> magnatas e os "sem-tudo", o Brasil continua sendo um país nepotista e coorporativista que trabalha em favor das super-potências, seus parasitas.
>
> Quiçá esta situação ainda possa ser revertida.
>
> Esperemos esta ajuda do FMI, a panacéia utópica desejada.
>
> Mas ao que tudo indica, o caminho destinado ao Brasil não terá volta.
>
> Uma flor – o Brasil – romperia o asfalto – condição inexorável de colônia. Mas – que pena! – havia uma pedra no meio do caminho...
>
> Que venha então o tango argentino.

A posição pessimista do sujeito se manifesta polifonicamente, através de:

1. Uso de aspas – relativizando a voz histórico-social que enuncia o descobrimento do Brasil:

> "Os ufanistas quixotescos estão felicíssimos: em abril do ano de 2000 o Brasil comemorará quinhentos anos de seu "descobrimento".
>
> "A embromação já começa em nosso "descobrimento": o Brasil não foi "descoberto" já que os portugueses sabiam muito bem o que procuravam e onde pretendiam chegar".

2. Uso de ironia, através de:

2.1 Uso de intercalação – introduzindo a voz avaliativa do dissertador:

> "No entanto, não há tanto o que comemorar a não ser para os países do lado de lá do Equador. Estes devem estar eufóricos, afinal conseguiram – por 500 anos! – a façanha de explorar e enganar toda uma nação".
>
> "Uma flor – o Brasil – romperia o asfalto – condição inexorável de colônia. Mas – que pena! – havia uma pedra no meio do caminho...".

2.2. Uso de neologismo – que retoma a questão da desigualdade social marcada pelos sem-terra:

> "No plano interno pouco foi mudado: a estrutura fundiária continua absurda, a concentração de renda ainda forma um íngreme abismo entre aqueles magnatas e os "sem-tudo", o Brasil continua sendo um país nepotista e coorporativista que trabalha em favor das super-potências, seus parasitas".

Há ainda exemplo de ironia, depreendida pelo contexto, como em:

> "Quiçá esta situação ainda possa ser revertida.
> Esperemos esta ajuda do FMI, a panacéia utópica desejada".

3. Uso de intertextualidade – remetendo-nos, ironicamente, ao discurso poético:

> "Mas – que pena! – havia uma pedra no meio do caminho...".

4. Uso de conhecimento enciclopédico:

> "Os ufanistas quixotescos estão felicíssimos: em abril do ano de 2000 o Brasil comemorará quinhentos anos de seu "descobrimento".
>
> "A contagem regressiva já fora acionada e muitos, tomados por um repentino sentimento de amor à pátria, como em um passe de mágica esqueceram as deficiências e mazelas tupiniquins".
>
> "A nossa independência histórica não ocorreu na prática. Só por seu caráter sui generis deveríamos ter desconfiado de que não era séria: um membro da própria família real foi quem declarou o país independente e ainda assim sob uma constrangedora indenização à Inglaterra. Atualmente continuamos dependente de aplicações externas para cobrir o défict de nossa balança comercial e suprir a nossa demanda por tecnologia".
>
> "Faz-se mister ressaltar que, passados apenas 70 anos do movimento antropofágico – que tentou criar uma cultura original, de pura identidade nacional – estamos adotando uma cultura estrangeira em detrimento da nossa. Um nítido exemplo: todos os jovens comemoram o Halloween mas muitos nunca ouviram falar da Folia de Reis que ocorre em seis de janeiro e já fora uma festa típica brasileira".

"Esperemos esta ajuda do FMI, a panacéia utópica desejada".

Interessante notar ainda o uso de vocábulos de cunho avaliativo, que claramente marcam a posição do sujeito, a saber: "ufanistas quixotescos", "façanha", "embromação", "desolador", "reles fornecedores", "parasitas".

Não há uso explícito dos fragmentos da coletânea, de fato esta aparece apenas como temática no texto.

Já na categoria **Estilo**, vemos a constituição da subjetividade, através de vários recursos que permitem o estabelecimento de um vínculo intersubjetivo no texto:

1. Uso de dois pontos, a fim de marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída.

> "Os ufanistas quixotescos estão felicíssimos: em abril do ano de 2000 o Brasil comemorará quinhentos anos de seu "descobrimento".
>
> "A nossa independência histórica não ocorreu na prática. Só por seu caráter sui generis deveríamos ter desconfiado de que não era séria: um membro da própria família real foi quem declarou o país independente e ainda assim sob uma constrangedora indenização à Inglaterra".
>
> "... estamos adotando uma cultura estrangeira em detrimento da nossa. Um nítido exemplo: todos os jovens comemoram o Halloween mas muitos nunca ouviram falar da Folia de Reis que ocorre em seis de janeiro e já fora uma festa típica brasileira".
>
> "No plano interno pouco foi mudado: a estrutura fundiária continua absurda, a concentração de renda ainda forma um íngreme abismo entre aqueles magnatas e os "sem-tudo", o Brasil continua sendo um país nepotista e coorporativista que trabalha em favor das super-potências, seus parasitas".

2. Uso de períodos curtos, provocando o efeito de universalidade e verdade dos enunciados:

> "A partir daí o Brasil se transformara em um títere, condição que perdura até os nossos dias".

"Quiçá esta situação ainda possa ser revertida".

"Esperemos esta ajuda do FMI, a panacéia utópica desejada".

"Mas ao que tudo indica, o caminho destinado ao Brasil não terá volta".

"Uma flor – o Brasil – romperia o asfalto – condição inexorável de colônia. Mas – que pena! – havia uma pedra no meio do caminho...".

"Que venha então o tango argentino".

REDAÇÃO 07

De vez em quando na história da humanidade os homens deparam-se com determinadas situações as quais, por serem como são, não geram outra coisa senão uma incrível vontade de rir ou de chorar, tal o paradoxo que deixam latente. Vejamos por exemplo o caso da data que surge como tema deste texto. É uma coincidência quase sarcástica "comemorarmos" 500 anos de descobrimento (?), no momento em que o país vive uma das maiores crises culturais de sua história. Minha intensão aqui, é defender a idéia de que não sabemos exatamente quem somos e que, tanto quanto esta crise cultural pela qual passamos, a comemoração desta data em tais circunstâncias é prova irrefutável de que política e poder sempre estiveram juntos diante dos rumos de nossa sociedade.

Os 500 anos do Brasil virão com as funestas coberturas das quais já nos acostumamos. Mais uma vez nos veremos obrigados a nos ufanar de nosso país tropical, multiracial e "bonito por natureza". É claro que tal ufanismo não será o mesmo de um século atrás. As estatísticas já não depõe tanto a favor quanto muitos gostariam de publicar. Ainda assim discutiremos desimportâncias (como por exemplo "quem chegou primeiro aqui?") mas provavelmente deixaremos de lado aquilo que realmente importa: o que somos nós? As supostas conquistas de românticos e modernistas devem ter sido jogadas longe, pois os anos 90 não nos deixam pistas sobre o que somos. Sim, conseguimos formar um povo, que é diferente de todos, mas este povo parece perdido na bruma, sem ter aonde ir.

As desigualdades sociais impregnaram nossa população de uma inércia infinita. Talvez por sempre terem existido (a posse da terra já era anacrônica no século passado!), já tenham se transformado em parte do cotidiano.

.....

RECUPERAÇÃO PELO RASCUNHO:

> ... cotidiano (...) influência estrangeira, hoje adquire aspectos especiais. Não sabemos (...) tocamos, que vimos, o que ouvimos. A incerteza cultural (...) encontram-se constantemente em mudanças de estado e esta (...) qual existam leis mas não exista justiça. As leis não (...) cultural. Isto, aliás, me leva ao segundo ponto que gostaría (...).
>
> Desde sempre, os interesses dos que comandam este (...) si mesmos. Isto quer dizer que desde sempre estes (...) permitiram a total exploração de tudo que temos. Aqueles que exploravam o pau-brasil tempos atrás, não diferem muito dos comandantes dos tempos modernos. Nunca tivemos quem cuidasse dos interesses das pessoas que aqui habitaram ou habitam, mas meros administradores de uma grande extensão de terra. Em termos de "globamericanização", este fato adquire aspectos cruéis, e é de certa forma, responsável por não sabermos ao certo quem somos. Política e Poder tornaram-se sinônimos e, enquanto responsáveis pelo quadro social que temos, assistem sarcasticamente à derrocada cultural de um povo. É isto que estamos comemorando!
>
> Então, é isso! talvez felizes sejam os índios. Veja como os chamamos, "os índios". Alguns deles ainda mantém certos aspectos seus, ainda sabem quem são, mesmo que perdidos em meio a nós. E nós? Caimos na desagradável situação do incerto. Mas riamos em vez de chorar! Resta-nos ainda uma agradável "condenação (xxxxx)" pelo que somos em comparação ao que poderíamos ter sido, que é a "gostosa alegria de sermos tristes".

Apesar de não ter sido possível recuperar toda a redação – provavelmente, por falta de tempo o candidato não pôde concluí-la – alguns aspectos chamam-nos atenção.

A posição do sujeito é a de que não sabemos quem somos, o que também evidencia uma postura, de certa forma, pessimista. Para argumentar, ele estabelece a polifonia, através de:

1. Uso de intertextualidade:

> "Mais uma vez nos veremos obrigados a nos ufanar de nosso país tropical, multiracial e "bonito por natureza".

2. Uso de recursos lingüísticos, como:

2.1. Uso de sinal gráfico, relativizando a verdade histórica do descobrimento:

> "É uma coincidência quase sarcástica "comemorarmos" 500 anos de descobrimento (?), no momento em que o país vive uma das maiores crises culturais de sua história".

2.2. Uso de aspas – evidenciando que o termo em questão não é apropriado:

> "É uma coincidência quase sarcástica "comemorarmos" 500 anos de descobrimento (?), no momento em que o país vive uma das maiores crises culturais de sua história".

3. Uso de ironia:

> "Em termos de "globamericanização", este fato adquire aspectos cruéis, e é de certa forma, responsável por não sabermos ao certo quem somos. Política e Poder tornaram-se sinônimos e, enquanto responsáveis pelo quadro social que temos, assistem sarcasticamente à derrocada cultural de um povo. É isto que estamos comemorando!".

4. Diálogo do sujeito com seu interlocutor: aqui este recurso é evidenciado na antecipação da voz do outro (primeiro exemplo), no uso de apelo ao outro ("veja", "caiamos", "riamos") e no uso de questionamento ("e nós?"):

> "Sim, conseguimos formar um povo, que é diferente de todos, mas este povo parece perdido na bruma, sem ter aonde ir".

> "Então, é isso! talvez felizes sejam os índios. Veja como os chamamos, "os índios". Alguns deles ainda mantém certos aspectos seus, ainda sabem quem são, mesmo que perdidos em meio a nós. E nós? Caimos na desagradável situação do incerto. Mas riamos em vez de chorar! Resta-nos ainda uma agradável "condenação (xxxxx)" pelo que somos em comparação ao que poderíamos ter sido, que é a "gostosa alegria de sermos tristes".

Talvez seja na categoria **Retextualização** que o trabalho do sujeito da linguagem seja melhor percebido. O diálogo com a coletânea se dá, através de:

1. Refutação do:

1.1 Fragmento 01 – o ponto de vista do sujeito é o de que as idéias presentes neste fragmento são irrelevantes, o que se marca no vocábulo "desimportâncias" :

> "As estatísticas já não depõe tanto a favor quanto muitos gostariam de publicar. Ainda assim discutiremos desimportâncias (como por exemplo "quem chegou primeiro aqui?") mas provavelmente deixaremos de lado aquilo que realmente importa: o que somos nós?".

1.2. Fragmento 04 – aqui, apesar de não haver a citação explícita do autor, cremos que o uso do pronome indefinido (muitos) marca o lugar do outro e denota, também, uma certa ironia ao tornar indefinida uma informação que está explícita no texto:

> "Os 500 anos do Brasil virão com as funestas coberturas das quais já nos acostumamos. Mais uma vez nos veremos obrigados a nos ufanar de nosso país tropical, multiracial e "bonito por natureza". É claro que tal ufanismo não será o mesmo de um século atrás. <u>As estatísticas já não depõe tanto a favor quanto muitos gostariam de publicar</u>. Ainda assim discutiremos desimportâncias (como por exemplo "quem chegou primeiro aqui?") mas provavelmente deixaremos de lado aquilo que realmente importa: o que somos nós?".

1.3. Fragmento 05 – o sujeito retoma explicitamente a expressão presente no texto da coletânea (trecho sublinhado), para ironizá-la:

> "E nós? Caimos na desagradável situação do incerto. Mas riamos em vez de chorar! Resta-nos ainda uma agradável "condenação (xxxxx)" pelo que somos em comparação ao que poderíamos ter sido, que é a "<u>gostosa alegria de sermos tristes</u>".

2. Paráfrase do:

2.1. Fragmento 02 – o sujeito não apenas traz a informação da questão da posse da terra, mas marca seu posicionamento, sobretudo sua surpresa em relação a tal fato, por meio do ponto-de-exclamação:

> "As desigualdades sociais impregnaram nossa população de uma inércia infinita. Talvez por sempre terem existido (a posse da terra já era anacrônica no século passado!), já tenham se transformado em parte do cotidiano".

2.2. Fragmento 03 – o sujeito aceita parte do que é dito neste fragmento, acrescentando um outro aspecto (parte sublinhada):

> "Sim, conseguimos formar um povo, que é diferente de todos, mas este povo parece perdido na bruma, sem ter aonde ir".

Em relação a categoria **Estilo**, notamos o uso da primeira pessoa do singular, o que, de certa forma, se constitui em um contraponto à "norma" dos livros didáticos, os quais prezam o uso da terceira pessoa como forma de assegurar a objetividade:

> "Minha intensão aqui, é defender a idéia de que não sabemos exatamente quem somos e que, tanto quanto esta crise cultural pela qual passamos, a comemoração desta data em tais circunstâncias é prova irrefutável de que política e poder sempre estiveram juntos diante dos rumos de nossa sociedade".

Um ponto que merece destaque aqui, por seu uso também raro, é a presença de uma certa metalinguagem, em que o texto é tratado enquanto tal:

> "Vejamos por exemplo o caso da data que surge como tema deste texto".

REDAÇÃO 08

> Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, existiam milhares de índios de várias tribos, espalhados por todo o canto do País. Cerca de 2 à 3 milhões segundo alguns autores, o que, confirma que foram os primeiros e legítimos habitantes brasileiros.
>
> Com os anos que se passaram, estes foram aos poucos desaparecendo. Com isso atualmente acreditam-se que menos da metade sobrevivam.
>
> Muitos foram exterminados por guerras tribais, muitos escravizados, explorados pelos homens brancos, principalmente afim de obter mão-de-obra escrava e outros tantos adoeceram e morreram depois do breve contato que aconteceu com o avanço da civilização. Aqueles que adquiriram doenças como a Varíola, a Tuberculose o Sarampo não sabiam da cura, e por isso, acabaram morrendo.
>
> Outros dois fatores que colaboraram para uma graduada e acentuada inexistência foi à elevada mortalidade infantil, e a pequena, ou baixa expectativa média de vida.
>
> Com certeza, com mais alguns anos talvez, haverá uma acentuada possibilidade de extinção total.

Esta redação parece um caso típico de "fuga ao tema"; na verdade, o que houve foi uma ênfase na extinção indígena (o candidato fundamenta seu texto essencialmente no fragmento 07).

Entretanto, chama-nos a atenção a forma pela qual o candidato trabalha com a **Retextualização**. Vejamos:

O candidato parafraseia o fragmento 07, por meio de várias "trocas" lingüísticas:

1. Troca de vocábulo – Bahia por Brasil – como vemos em:

> "Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, existiam milhares de índios de várias tribos, espalhados por todo o canto do País".

2. Reformulação lingüística do texto fonte – como se vê pela troca de: "Jamais se saberá com certeza, mas quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões - quase três, segundo alguns autores" – (FR 07), por:

> "Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, existiam milhares de índios de várias tribos, espalhados por todo o canto do País. Cerca de 2 à 3 milhões segundo alguns autores, *o que, confirma que foram os primeiros e legítimos habitantes brasileiros*".

Percebemos que o candidato acrescenta um comentário (parte em itálico) à informação da coletânea, o que é uma tentativa do candidato de se colocar como sujeito da sua escrita. O trecho em itálico marcaria, assim, a voz de um dissertador, capaz de avaliar os fatos.

Outro exemplo seria a troca de: "Jamais se saberá com certeza, mas quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões - quase três, segundo alguns autores. Agora, dizimados por gripe, sarampo e varíola, escravizados aos milhares e exterminados pelas guerras tribais e pelo avanço da civilização, não passam de 325.652 - menos do que dois Maracanãs lotados". (FR 07), por:

> "Com os anos que se passaram, estes foram aos poucos desaparecendo. Com isso atualmente acreditam-se que menos da metade sobrevivam".

Aqui, como na redação 05, em que há um exemplo semelhante, percebe-se a tentativa do sujeito de manter o efeito presente no texto fonte.

3. Troca e inversão de expressões do texto fonte – o trecho: "Agora, dizimados por gripe, sarampo e varíola, escravizados aos milhares e exterminados pelas guerras tribais e pelo avanço da civilização, não passam de 325.652..." é transformado em:

> "Aqueles que adquiriram doenças como a Varíola, a Tuberculose o Sarampo não sabiam da cura, e por isso, acabaram morrendo".

Nota-se que há a subtração de um elemento ("gripe") e o acréscimo de um outro ("tuberculose").

Todas estas "manobras lingüísticas" demonstram o trabalho – quase desesperador – do sujeito em construir sentidos, ainda que a única forma que encontre seja parafrasear um fragmento da prova. Não podemos, contudo, ignorar que sua tentativa de não reproduzir literalmente a coletânea, é marca de sua subjetividade. E, apesar de se restringir a um aspecto do tema (a questão da extinção indígena), o sujeito desde o princípio segue uma linha argumentativa, marcada na introdução.

Cremos que esta dissertação reflete bem um estilo didático, no sentido em que a preocupação aqui é antes a de mostrar que as regras do jogo foram aprendidas. Um exemplo é o efeito de objetividade e precisão, tão prezado no ensino de texto dissertativo, marcado pelo:

1. Uso de citação:

> "Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, existiam milhares de índios de várias tribos, espalhados por todo o canto do País. Cerca de 2 à 3 milhões segundo alguns autores, o que, confirma que foram os primeiros e legítimos habitantes brasileiros".

2. Uso de indeterminação do sujeito:

> "Com os anos que se passaram, estes foram aos poucos desaparecendo. Com isso atualmente acreditam-se que menos da metade sobrevivam.

3. Uso de voz passiva:

> Muitos foram exterminados por guerras tribais, muitos escravizados, explorados pelos homens brancos, principalmente afim de obter mão-de-obra escrava e outros tantos adoeceram e morreram depois do breve contato que aconteceu com o avanço da civilização".

4. Uso de item separado para a exposição didática dos assuntos[37]:

> "Outros dois fatores que colaboraram para uma graduada e acentuada inexistência foi à elevada mortalidade infantil, e a pequena, ou baixa expectativa média de vida".

REDAÇÃO 09

> O Brasil não tem muito o que comemorar nesses seus 500 anos de descoberta, pois sua população, não tem onde morar, não tem onde trabalhar, suas crianças não tem onde estudar e estão morrendo, e seus idosos também.
>
> Todos culpam o governo, reclamam e o criticam. Tudo bem o governo não é lá uma Brastemp, mas a população não percebe que o maior de todos os culpados somos nós, que durante esses 500 anos não soubemos eleger nossos representantes, ou talvez até tenhamos elegidos, porém sem consciência.
>
> Por de trás de toda nossa culpa, está o analfabetismo o que é o puxador de todos os outros indicadores sociais, (mortalidade infantil, altas taxas de natalidade, baixa expectativa de vida, entre outros) e a barreira que impede que a população adquira a cidadania, e o verdadeiro atrazador social, político e economico do país.
>
> É ao analfabetismo que temos que combater, pois sem ele, garantidamente iremos nos tornar cidadãos aptos para eleger com consciência os representantes do nosso país, e estes por sua vez, abraçarão as nossas causas e reinvindicações e resolveram os problemas que vem assolando nossa nação há 500 anos.

A posição do sujeito é a de que não há motivos para as comemorações dos 500 anos de Brasil, uma vez que neste se encontram profundos problemas sociais, políticos e econômicos, causados, antes de tudo, pelo analfabetismo. De fato, o sujeito concentra-se na

[37] Aqui nos baseamos em Mattos (1989), ao destacar que o uso deste recurso nas redações dos alunos causa a aparência de um discurso demonstrativo, científico.

questão do analfabetismo, e não faz uma reflexão de quem somos hoje, conforme orientado pela prova.

A intertextualidade com o discurso publicitário ("Tudo bem o governo não é lá uma Brastemp, mas a população...) poderia ter sido usada para causar um tom cômico, ou irônico, entretanto, talvez a falta de um recurso, como aspas, por exemplo, para indicar a consciência do sujeito de que tal expressão não corresponde às expectativas lingüísticas de um texto dissertativo, acaba por deslegitimar seu uso[38].

Como se pode perceber o candidato também se restringiu a uma parte, se assim, podemos dizer, do tema. Aqui o fragmento do Tema C (em anexo) – em que aparece a informação de que 83% dos brasileiros são analfabetos funcionais – é que parece fundamentar a argumentação do aluno.

Na categoria **Retextualização**, percebe-se que o sujeito dialoga com fragmentos do Tema A (tema de sua escolha) e do Tema C:

> "Por de trás de toda nossa culpa, está o analfabetismo o que é o puxador de todos os outros indicadores sociais, (mortalidade infantil, altas taxas de natalidade, baixa expectativa de vida, entre outros) e a barreira que impede que a população adquira a cidadania, e o verdadeiro atrazador social, político e economico do país".

As expressões "mortalidade infantil" e "baixa expectativa média de vida" vêm da generalização de uma informação específica sobre os índios (no fragmento 07) para a população como um todo.

[38] Um questionamento que cabe aqui é: como seria avaliado o uso desta mesma expressão em um bom texto, ou por um escritor considerado proficiente? Seria ela legitimada ou vista como um problema de inadequação à língua culta ou ao gênero?

A expressão "altas taxas de natalidade" parece ter sido retirada da seguinte informação do tema C:

> PARTOS DE MENINAS AUMENTARAM 81% NO RIO (*Folha de São Paulo*, 29 de setembro de 1998).

Em relação ao **Estilo**, vê-se uma tentativa de produzir um certo efeito, por meio da repetição da expressão "não tem":

> "O Brasil não tem muito o que comemorar nesses seus 500 anos de descoberta, pois sua população, não tem onde morar, não tem onde trabalhar, suas crianças não tem onde estudar e estão morrendo, e seus idosos também".

Aqui notamos a presença das noções confusas na conclusão (consciência, cidadania), contribuindo para enfraquecer a argumentação do sujeito.

As duas dissertações seguintes fazem parte de um conjunto de **20 redações selecionadas**, pela banca examinadora, como as melhores do Vestibular Unicamp/1999. Não nos interessa aqui questionar o critério de seleção destas redações, mas investigar se há diferença, em relação às outras dissertações de nosso *corpus,* na forma pela qual a subjetividade é aqui constituída. Vejamos, pois, a primeira.

REDAÇÃO 10

O CAMINHO BRASILEIRO

Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio da parcela indígena de sua população... À medida que o Brasil se aproxima dos 500 anos, velhos problemas continuam sem solução, conforme bem atestou o historiador Sílvio Romero em sua História da Literatura Brasileira (e isso há mais de 100 anos!). Se até o presente momento não houve uma violenta insurreição armada popular, deve-se à ignorância e à índole pacífica do mesmo, que contribuem para perpetuar o "status quo".

Visto por este ângulo, o leitor é tentado a considerar o Brasil um país que "jamais dará certo". A conjuntura atual é, de fato, negativa para a nação. Mas tal fato não deve anular tudo o que até agora conquistamos. Alguns brasileiros, em todos os campos de atividades, podem ser encontrados no panteão dos grandes da humanidade: Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Machado de Assis, Oscar Niemayer, etc. São compatriotas que demonstram o potencial do "gigante adormecido". Brasil, país do futuro – sempre do futuro?", dirá, ironicamente, o leitor mais incauto. Um futuro mais próximo, porém: pela primeira vez, o Estado, através de leis democráticas, começa a resguardar o citado potencial. Leis como as que regem o direito de greve, os crimes hediondos, os juizados de pequenas causas e outras podem parecer pouco; mas para um país que até poucos anos era governado por uma ditadura, tais leis constituem um avanço fundamental.

O maior legado brasileiro, todavia, encontra-se num campo inesperado; tal classificação decorre do fato deste assunto ser um tanto controverso. Trata-se da questão racial – e de como a intensa miscigenação produziu uma experiência antropológica única no mundo. Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população. Mas quando se olha a multiplicidade de conflitos étnico-raciais no globo, é inegável o nosso desenvolvimento. Eis o legado: enquanto as outras nações ainda buscam a tolerância racial – inclusive os "poderosos" EUA – nós já estamos num estágio mais avançado: no Brasil, busca-se a convivência racial, baseada em nossa singular miscigenação. Seria a glória do já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, renomado pesquisador desse assunto: com apenas 500 anos de "idade", o Brasil conseguiu aquilo que nenhum outro país no mundo obteve – passar do estágio da tolerância para o da convivência racial. "Brasil, farol da humanidade": num planeta marcado por ódios ancestrais, esta mensagem mostra que é possível buscar a convivência – bastando seguir o caminho apontado pelo nosso país.

O sujeito estabelece um ponto de vista balanceado, isto é, apresenta pontos negativos e positivos em relação ao Brasil. Vários foram os recursos utilizados para estabelecer a polifonia na categoria **Posicionamento**. Vejamos:

1. Uso de ironia, através de:

1.1. Uso de aspas – o candidato ironiza a voz estabelecida que afirma o poder dos EUA, uma vez que são tidos como poderosos, mas têm que resolver problemas raciais:

> "...enquanto as outras nações ainda buscam a tolerância racial – inclusive os "poderosos" EUA –, nós já estamos num estágio mais avançado...": o uso das aspas para denotar ironia relativiza a voz histórico-social que afirma o poder hegemônico dos EUA.

2. Uso de recursos lingüísticos, como:

2.1. Uso de intercalações – o termo intercalado estabelece uma voz que ora questiona (primeiro exemplo), ora reforça (segundo exemplo) uma verdade já aceita:

> "Brasil, país do futuro – sempre do futuro?" – dirá, ironicamente, o leitor mais incauto".

Através da expressão "sempre do futuro?", o sujeito antecipa a voz do leitor e, ao mesmo tempo, se posiciona em relação ao que afirmou.

> "Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população".

A intercalação (- e serve -) reforça a idéia (já aceita) do mito da democracia racial.

3. Uso de conhecimento enciclopédico – a fim de reforçar o argumento do sujeito:

> "Alguns brasileiros, em todos os campos de atividades, podem ser encontrados no panteão dos grandes da humanidade: Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Machado de Assis, Oscar Niemayer, etc".

4. Diálogo do sujeito com seu interlocutor – no exemplo abaixo, o sujeito se previne contra uma possível ressalva de seu leitor:

> "Brasil, país do futuro – sempre do futuro?", dirá, ironicamente, o leitor mais incauto."
>
> "Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população".

Bastante significativo é também a forma com que o sujeito trabalha com os fragmentos da coletânea. O que fica marcado na categoria **Retextualização** é o posicionamento do sujeito em relação aos textos que lhe são apresentados:

1. Citação do autor do fragmento – o sujeito retoma o próprio autor do fragmento (no caso, do fragmento 03), a fim de fundamentar sua argumentação. Assim, ele informa o leitor, marca sua posição e dialoga com o trecho em questão:

> "O Brasil surge e se edifica a si mesmo, mas não em razão do desígnio de seus colonizadores. Eles só nos queriam como feitoria lucrativa. Contrariando as suas expectativas, nos erguemos, imprudentes, inesperadamente, como um novo povo, distinto de quantos haja, deles inclusive, na busca de nosso ser e de nosso destino. (...) Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a nos inventarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantes ultramarinos de Portugal ou da África. (Ribeiro, Darcy. O Brasil como problema.1995.)" – (FR 03).
>
> "... nós já estamos num estágio mais avançado: no Brasil, busca-se a convivência racial, baseada em nossa singular miscigenação. Seria a glória do já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, renomado pesquisador desse assunto...".

Interessante notar que o sujeito não explicita a razão daquilo que ele afirma ser "a glória" de Darcy Ribeiro, já que seu leitor também tem acesso ao fragmento em questão.

2. Paráfrase do:

2.1. Fragmento 02 – aqui este fragmento, predominantemente usado, é transformado em uma série de enumerações para caracterizar a posição do sujeito em relação ao Brasil. Assim, o fragmento, e em especial os trechos sublinhados:

> **"2.** ... a despeito de nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquele anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por ali abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhe; pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-lhe vir do estrangeiro.
>
> (...) povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio. História da Literatura Brasileira. 1881.)".

é transformado em:

> "Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da espoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio da parcela indígena de sua população".

O último aspecto do texto do candidato ("extermínio da parcela indígena de sua população") é um eco do fragmento 07.

2.2. Fragmento 08 – o sujeito utiliza as informações oferecidas no fragmento 08, mantém sua linha argumentativa, mas apresenta um outro enfoque em seu texto, como se comprova pelos trechos sublinhados:

> "Leis como as que regem o direito de greve, os crimes hediondos, os juizados de pequenas causas e outras podem parecer pouco mas para um país

> que até poucos anos era governado por uma ditadura, tais leis constituem um avanço fundamental".

Como se pode observar, o sujeito acrescenta um outro ponto de vista, o que faz com que seu texto não seja uma mera reprodução da coletânea.

3. Ressignificação de fonte do fragmento - o sujeito utiliza a fonte bibliográfica do fragmento 02 para dar outra ênfase em seu texto. Na verdade, aquilo que era uma simples informação passa a marcar o posicionamento do sujeito:

A informação: (Romero, Sílvio. História da Literatura Brasileira. 1881.) é incorporada da seguinte forma: "À medida que o Brasil se aproxima dos 500 anos, velhos problemas continuam sem solução, conforme bem alertou o historiador Sílvio Romero em sua história da Literatura Brasileira (e isso há mais de 100 anos!)". Observa-se que um simples número (1881) é introduzido no texto, a fim de mobilizar um efeito de sentido.

Em relação ao **Estilo**, nota-se no texto:

1. Uso de enumeração - usada para enfatizar as características do Brasil. Através deste recurso, o sujeito estabelece uma espécie de cenário para aquilo que vai comentar:

> "Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio da parcela indígena de sua população...".

REDAÇÃO 11

BRASIL, MOSTRA A TUA CARA

Navegar é preciso. Foi assim que caravelas esbarraram em nossas praias. Esbarraram? Foi Cabral ou Duarte, descobridor a pouco descoberto? O passado foi-se sem deixar notícias, mas, e o agora? É corrupção ou futebol? Sem-terras ou carnaval? Deixemos então o momento presente, que se tornará passado também incerto frente ao futuro. Mas que futuro? Venceremos? Ficaremos assim? Brasil, potência do terceiro mundo, um mulato é brio, sem rosto, mas esfomeado. Quinhentos anos sustentando-se em finas pernas. Suado, cansado e cheio de questões. Brasil brasileiro, Brasil comprado, Brasil vendido, Brasil achado.

A Europa estava carente de paraísos. Paraísos onde haveria matérias-primas e gente a ser explorada. Caravelas salgadas encontraram homens queimados de sol. Que pena... a pena de cocar virou pena de românticos que exaltavam os índios. Mas os índios não eram bons ou maus, eram somente outra cultura, cultura sem sorte por ter flechas ao invés de chumbo, sossego ao invés de ouro, ervas ao invés de anticorpos. O que sobrou dos índios cabe em estádios de futebol, esporte nacional importado. Não se sabe que foi o primeiro europeu que aqui pisou, nem o primeiro negro, nem o primeiro índio. Mas sabe-se que foi daí que nasceram novas cores, que formaram uma nação. Nação histórica, mas repetente: senhor de engenho, latifundiário; D. Pedro I, Antônio Carlos Magalhães; Companhia das Índias, transnacionais; Império, ditadura; povo massacrado, povo massacrado. Brasil positivista: Ordem e Progresso. Brasil "existencialista": O Inferno são os outros, os estrangeiros que invadem nossa economia. Brasil de cultura e costumes impostos, importados de elite multicolorida que veste verde amarelo.

Esse ano nós perdemos a Copa e os capitais estrangeiros. Reelegemos o presidente e assistimos televisão. Os Sem-Terra ainda existem, como uma herança que não queremos mas que fica em nosso encalço avisando o que causa a concentração de riquezas. Sem-terra, sem-teto, sem-roupa, sem-dinheiro, sem-Brasil. Nós todos somos brasileiros sem-Brasil. Criamos leis para uma nação, mas não criamos nação para leis. Código do Consumidor, e os miseráveis? Código de Trânsito, e as estradas? Leis de Diretrizes e Bases, e as escolas? Esse ano é o mesmo de todos, falar deste remonta os quinhentos passados, pois como todos carrega feridas abertas de longa data vividas em contextos diferentes.

E o futuro? Será tão negro? Brasil, criado aos poucos e para poucos, andará até o fim dos tempos como hoje? Virão muitos outros anos e devemos aprender com os quinhentos passados. Não mais navegar é preciso, e sim educar. Indicar outras saídas para o povo, que deve deixar de ser massa de manobra política. A solução está em mudar as bases à partir das cabeças brasileiras, então cicatrizaremos as feridas e poderemos nos fazer nação, não

> mais vendida ou comprada e sim consciente. Assim poderemos nos descobrir e satisfazer o apelo de Cazuza; "Brasil, mostra a tua cara!".

Em relação ao **Posicionamento**, percebe-se uma visão pessimista, sendo que a polifonia é evidenciada na maneira pela qual o sujeito articula a tensão de vozes no texto. Vejamos:

1. Uso de intertextualidade – remetendo o interlocutor à fala do outro:

> "Navegar é preciso" – (Fernando Pessoa).
>
> "Assim poderemos nos descobrir e satisfazer o apelo de Cazuza; "Brasil, mostra a tua cara!".

2. Diálogo do sujeito com sua fala:

> "Navegar é preciso". (introdução)
> "Não mais navegar é preciso, e sim educar". (conclusão)
>
> "Brasil brasileiro, Brasil comprado, Brasil vendido, Brasil achado". (introdução)
> "A solução está em mudar as bases à partir das cabeças brasileiras, então cicatrizaremos as feridas e poderemos nos fazer nação, não mais vendida ou comprada e sim consciente". (conclusão)

3. Uso de conhecimento enciclopédico:

> "Que pena... a pena de cocar virou pena de românticos que exaltavam os índios".
>
> "Nação histórica, mas repetente: senhor de engenho, latifundiário; D. Pedro I, Antônio Carlos Magalhães; Companhia das Índias, transnacionais; Império, ditadura; povo massacrado, povo massacrado".

4. Diálogo do sujeito com seu interlocutor – as diversas interrogações levam a uma reflexão e marcam a posição do sujeito:

> "Navegar é preciso. Foi assim que caravelas esbarraram em nossas praias. Esbarraram? Foi Cabral ou Duarte, descobridor a pouco descoberto? O

> passado foi-se sem deixar notícias, mas, e o agora? É corrupção ou futebol? Sem-terras ou carnaval? Deixemos então o momento presente, que se tornará passado também incerto frente ao futuro. Mas que futuro? Venceremos? Ficaremos assim?'.
>
> "Código do Consumidor, e os miseráveis? Código de Trânsito, e as estradas? Leis de Diretrizes e Bases, e as escolas?".
>
> "E o futuro? Será tão negro? Brasil, criado aos poucos e para poucos, andará até o fim dos tempos como hoje?".

Na categoria **Retextualização**, a subjetividade emerge de várias formas também. A saber:

1. Paráfrase do:

1.1. Fragmento 01 – não há aqui uma simples explicitação das idéias deste fragmento, mas um diálogo mesmo, marcado sobretudo pela interrogativa:

> "Foi Cabral ou Duarte, descobridor a pouco descoberto?".

1.2. Fragmento 07 – novamente aqui o sujeito não apenas traz uma informação veiculada pela coletânea, mas acrescenta um outro ponto de vista (parte sublinhada):

> "O que sobrou dos índios cabe em estádios de futebol, esporte nacional importado".

Notamos nesta dissertação uma grande preocupação com a forma, de tal modo que é impossível ignorar o trabalho poético do sujeito. Aliás, talvez seja aqui que a subjetividade seja melhor evidenciada, ao contrário das outras dissertações. Assim, podemos destacar na categoria **Estilo**, o uso de vários recursos, como:

1. Jogo com palavras:

> "Foi Cabral ou Duarte, descobridor a pouco descoberto?".
>
> "Nós todos somos brasileiros sem-Brasil".

2. Trabalho com a sonoridade:

> "Suado, cansado e cheio de questões. Brasil brasileiro, Brasil comprado, Brasil vendido, Brasil achado".

3. Uso de repetição:

> "A Europa estava carente de paraísos. Paraísos onde haveria matérias-primas e gente a ser explorada".
>
> "Que pena... a pena de cocar virou pena de românticos que exaltavam os índios".
>
> "Mas sabe-se que foi daí que nasceram novas cores, que formaram uma nação. Nação histórica, mas repetente: senhor de engenho, latifundiário; D. Pedro I, Antônio Carlos Magalhães; Companhia das Índias, transnacionais; Império, ditadura; povo massacrado, povo massacrado".
>
> "Criamos leis para uma nação, mas não criamos nação para leis".
>
> "Brasil, criado aos poucos e para poucos, andará até o fim dos tempos como hoje?".

4. Uso de paralelismo:

> "Nação histórica, mas repetente: senhor de engenho, latifundiário; D. Pedro I, Antônio Carlos Magalhães; Companhia das Índias, transnacionais; Império, ditadura; povo massacrado, povo massacrado".
>
> "Código do Consumidor, e os miseráveis? Código de Trânsito, e as estradas? Leis de Diretrizes e Bases, e as escolas?".
>
> "Mas os índios não eram bons ou maus, eram somente outra cultura, cultura sem sorte por ter flechas ao invés de chumbo, sossego ao invés de ouro, ervas ao invés de anticorpos".

5. Uso de enumeração:

> "Brasil brasileiro, Brasil comprado, Brasil vendido, Brasil achado".
>
> "Sem-terra, sem-teto, sem-roupa, sem-dinheiro, sem-Brasil".

6. Uso de frases interrogativas:

> "Navegar é preciso. Foi assim que caravelas esbarraram em nossas praias. Esbarraram? Foi Cabral ou Duarte, descobridor a pouco descoberto? O passado foi-se sem deixar notícias, mas, e o agora? É corrupção ou futebol? Sem-terras ou carnaval? Deixemos então o momento presente, que se tornará passado também incerto frente ao futuro. Mas que futuro? Venceremos? Ficaremos assim?".
>
> "Código do Consumidor, e os miseráveis? Código de Trânsito, e as estradas? Leis de Diretrizes e Bases, e as escolas?".
>
> "E o futuro? Será tão negro? Brasil, criado aos poucos e para poucos, andará até o fim dos tempos como hoje?".

Como se percebe, as formas lingüísticas, mais do que meros recipientes, são também responsáveis pela construção (ou desconstrução) do sentidos. Escolher esta e não aquela forma, já é em si, uma tomada de decisão, de escolha, e, portanto, de construção de significado.

4.4. CONSIDERAÇÃO DAS ANÁLISES

De forma geral, não há problemas sérios quanto à linguagem formal, no que se refere à articulação de períodos, organização de parágrafos, ortografia e concordância. Os sujeitos, pois, atendem, razoavelmente, às exigências formais dos livros didáticos.

Podemos perceber que a maioria das dissertações de nosso *corpus* apresenta uma constituição, diríamos mediana, de subjetividade; em outras palavras, encontramos, de forma geral, um sujeito que, na escrita, oscila entre a produção de um espaço intersubjetivo e a mera reprodução de formas e lugares-comuns. Além disso, a emergência desta subjetividade foi evidenciada na forma com que o sujeito, em seu trabalho com a linguagem, se relacionou com o tema; com os textos da prova; e/ou com os aspectos lingüísticos, propriamente ditos.

Na categoria **Posicionamento**, prevalece uma visão pessimista do assunto. De fato, apenas a redação 10 apresenta uma visão mais balanceada. Neste sentido, diante de uma primeira leitura poderíamos dizer que as dissertações têm um caráter monológico – o aluno não assume, portanto, uma "atitude de filósofo", como quer o livro didático. Entretanto, as análises nos permitem resgatar nos textos a emergência de outras vozes, "momentos de polifonia", talvez diríamos. O que parece faltar a alguns são leituras para trazer vozes que não a do senso-comum – como, por exemplo, na dissertação 01 – o que permitiria uma reflexão mais profunda do tema.

É evidente, contudo, que o fato de o sujeito se posicionar unicamente de forma pessimista (ou otimista) não é suficiente para considerar sua produção escrita como monológica. Na verdade, o essencial é observar **como** o sujeito tece seus argumentos no texto. Em outras palavras, uma visão balanceada, mas simplesmente fundamentada em

lugares-comuns – positivos ou negativos – não deixaria de ser monológica, no sentido em que prioriza a voz do senso-comum.

A dissertação 11, por exemplo, apresenta uma visão pessimista, mas a forma com que o sujeito desenvolve o texto faz com que este seja mais que uma mera repetição do já-dito (apesar de a redação não apresentar uma "tese" original!).

Podemos destacar na categoria Posicionamento: o uso da ironia – que permite a mobilização de sentidos múltiplos pelos sujeitos (leitor e autor); o diálogo do sujeito com seu interlocutor – que permite ao sujeito direcionar o olhar do outro, e ainda problematizar ou antecipar as palavras deste; e o conhecimento enciclopédico – que aponta a necessidade do uso das palavras do outro na constituição das palavras do eu.

Na categoria **Retextualização** é que a constituição da subjetividade aparece com mais consistência, talvez, pelas próprias condições de produção do texto. Aqui vemos a tentativa do sujeito em tornar seu texto um espaço polifônico, através do diálogo com outros textos. Percebe-se, pois, que o "outro" é parte essencial do "eu", não apenas uma "lembrança"... Afinal, um texto não pode sair do nada, como muitas vezes quer a escola; é preciso se ter algo a dizer, a alguém. Nos casos, por exemplo, em que os candidatos fogem do tema da dissertação (redações 08 e 09), ainda assim são às palavras do outro que eles recorrem.

Interessante notar que as dissertações que não apresentam um diálogo explícito com a Coletânea (01,04 e 06) evidenciam um uso considerável de conhecimento enciclopédico – a exceção aqui é a redação 01, que não dialoga com a Coletânea nem faz uso de conhecimento enciclopédico, mas que, em consequência, é marcada pela circularidade.

Outro exemplo é a redação 03, em que, mesmo havendo um equilíbrio entre o uso de recursos das categorias Posicionamento e Retextualização, é justamente no diálogo com

a coletânea e no uso de conhecimento enciclopédico que o sujeito desenvolve melhor o seu texto.

Dentre os recursos utilizados nesta categoria, a paráfrase aparece como o mais recorrente, o que, provavelmente, aponte a dificuldade do sujeito de articular um contra-argumento ao discurso do outro, isto é, de tomar o discurso do outro para refutá-lo, mesmo porque tal procedimento, embora apresentado, no livro didático, como recurso a ser utilizado no desenvolvimento do texto dissertativo, não se enquadra no perfil do discurso pedagógico. O aluno é ensinado a acatar o discurso do outro (do livro, do professor, da instituição).

Percebe-se ainda que, apesar da presença do diálogo dos textos-fonte com o texto dos candidatos, poucos são os sujeitos que explicitamente consideram o autor do fragmento em questão (de fato, só encontramos esta explicitação nas dissertações 05 e 10). Um exemplo é a dissertação 02 que, embora refute três, dos oito fragmentos da prova, não menciona o autor dos textos da coletânea. Cremos que tal fato reflita o ensino escolar da escrita, em que, praticamente, não há consideração pelas condições de produção, nem mesmo pelas condições mais imediatas, como o autor do texto. A coletânea aparece, pois, mais como uma fonte de informação para o candidato.

Por outro lado, uma vez que se aceite a idéia de que o retorno ao "Mesmo" não é nunca o mesmo, há de se considerar que o fato de o candidato não reproduzir literalmente um fragmento – seja acrescentando outros enfoques ao ponto de vista de um autor, seja utilizando-se de "estratégias de colagem" (como na redação 08) – evidencia seu trabalho com a linguagem, sua tentativa mesmo de mobilizar sentidos e colocar-se como sujeito daquilo que escreve.

A categoria **Estilo**, por sua vez, demonstrou ser a de menor presença de subjetividade. De fato, o que predomina aqui é o estilo didático, que preza por uma linguagem "precisa", "objetiva" e "impessoal" – conforme a orientação do livro didático. O aluno pode até fugir do tema – como na redação 08 – mas dificilmente fugirá da forma. Afinal, são vários anos de treinamento...

Há de se ressaltar que o fato de as dissertações serem produzidas em uma situação de prova talvez contribua para a não constituição da subjetividade, já que o receio de "ousar demais" e não preencher as expectativas da banca examinadora é um fator a ser considerado.

Em apenas três redações, notamos uma ênfase maior na questão do estilo: a **dissertação 01** – que apesar de recorrer aos lugares-comuns e a conceitos genéricos, apresenta uma tentativa de mobilizar sentidos por meio de recursos lingüísticos – a **dissertação 06** – em que também aparece um trabalho com a linguagem – e a **dissertação 11** – em que os efeitos de sentido são, em grande parte, fruto de um trabalho poético com a linguagem.

Dentre os recursos utilizados nesta categoria, destacam-se o uso da repetição e das frases interrogativas. Interessante notar que o primeiro recurso (a repetição) se constitui em um contraponto às "normas" dos livros didáticos, já que nestes a repetição é, em geral, vista como redundância, ou falta de elegância. Entretanto, a repetição, nas dissertações analisadas, é utilizada de forma a mobilizar sentidos nos textos dos candidatos.

Para a AD, "a mera repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando digo a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez, pois são dois *acontecimentos* diferentes". (Orlandi, 2001a:119). Tal fato, contudo, não é considerado

pelo livro didático. Este muitas vezes preza um "estilo em si", que talvez fosse aceitável em uma dissertação ao estilo parnasiano, mas que pouco contribui para permitir ao aluno colocar-se como sujeito daquilo que escreve, interesse maior de nossa análise.

Quanto ao uso de frases interrogativas, cremos que a freqüência com que este recurso aparece seja fruto da própria orientação do livro didático (apesar de não descartarmos a possibilidade de um uso mais individualizado), uma vez que, segundo este, "há uma outra forma de estruturarmos o texto dissertativo: assumindo uma 'postura de filósofo', ou seja, indagando tudo sobre tudo". (p.327, do livro *Língua, Literatura e Redação*).

4.5. UMA CONSIDERAÇÃO PELO "OUTRO"

As análises apontam para um aspecto fundamental na produção de um texto: a representação do interlocutor.

Apesar de a argumentação ser uma característica da linguagem, no texto dissertativo, por ser seu objetivo a defesa de uma idéia (uma tese), ou o questionamento de um determinado ponto de vista, os recursos argumentativos são mais nítidos do que seriam em uma receita de bolo, por exemplo.

E como a argumentação é produzida por um sujeito e dirigida a outro(s), as formações imaginárias, isto é, as representações que o locutor faz de si mesmo, do interlocutor e do objeto discursivo são de extrema relevância. De fato, é justamente este jogo de projeções que vai determinar a seleção e articulação dos argumentos (ou contra-argumentos) utilizados no texto.

Nesse sentido, a forma pela qual o sujeito se posiciona, retextualiza e trabalha com aspectos lingüísticos – visando um determinado estilo – se relaciona, dentre outras, à IA(B), imagem que o locutor tem do seu interlocutor, e com a IA(IB(R)), imagem que o locutor tem da imagem que o interlocutor tem do objeto discursivo. Vejamos alguns exemplos, retirados das dissertações analisadas:

Na redação 02, por exemplo, é interessante notar a representação que o locutor tem da representação que o seu interlocutor tem do objeto discursivo. No texto, o "lado mais real" do Brasil equivale à situação de desigualdade, miséria, desemprego, influência estrangeira, e não eficiência das leis.

Na redação 04, por sua vez, nota-se que o interlocutor é tratado aqui como aquele que, semelhantemente ao locutor, tem a capacidade para analisar os fatos; os verbos na primeira pessoa do plural abrangem o "eu + leitor", como, por exemplo, em:

> "Ao estudarmos nossa história, desde seu descobrimento até os dias de hoje, depreendemos que, em muitos aspectos o Brasil mudou, mas em outros pontos essenciais ele continua o mesmo".
>
> "Voltemos ao descobrimento".
>
> "Vimos que antes havia o discurso da catequese, hoje há o de que nosso país é o oitavo no PIB, que estamos eliminando o analfabetismo, de que só não enriquece quem é preguiçoso e não trabalha".

Na redação 07, nota-se a IA(IB(R)) no trecho: "Todos culpam o governo, reclamam e o criticam. Tudo bem o governo não é lá uma Brastemp, mas a população não percebe que o maior de todos os culpados somos nós, que durante esses 500 anos não soubemos...".

Aqui expressão "todos" parece referir-se aos brasileiros, e também aos leitores, o interessante, porém, é notar como esta afirmação é justificada pelo sujeito ("Tudo bem o governo não é lá uma Brastemp, mas..."), já que concordar com o governo, provavelmente,

não corresponda à imagem que ele tem da imagem que seu interlocutor tem em relação ao governo.

Na redação 08, podemos questionar a imagem que o sujeito tem de seu leitor, uma vez que apenas parafraseia um fragmento da prova. Não seria esta imagem semelhante à que ele tem do professor? Afinal, não interessa muito o que ele tem a dizer, o importante é demonstrar conhecimento da forma. Quantas não são as vezes em que se pede ao aluno para escrever sobre um determinado tema, sem que haja um exploração do mesmo?

O aluno não aprende como articular diversas vozes e se posicionar diante delas em seu texto. Ele pode até dominar as regras apresentadas pelo livro didático (e aqui ele as demonstra de diversas formas), o que, entretanto, não lhe dá a garantia de que seu texto será de fato um espaço intersubjetivo.

O consolo talvez esteja no fato de que, pelo menos aquilo que lhe foi ensinado, o aluno aprendeu muito bem, fez sua lição de casa. Quem sabe se lhe ensinassem outras coisas...

Por fim, na redação 10, podemos destacar o estabelecimento do lugar do outro: o sujeito identifica seu locutor como leitor, atribuindo-lhe um lugar e papel definidos no texto. De fato, o interlocutor é colocado à distância, como se vê em:

> "Visto por este ângulo, o <u>leitor</u> é tentado a considerar o Brasil um país que...".
>
> "Brasil, país do futuro – sempre do futuro", dirá, ironicamente, o <u>leitor</u> mais incauto".

Percebe-se que, nas redações, o interlocutor aparece representado ora como um **avaliador**, ora como um **leitor**. Para o primeiro interessariam as regras do jogo, para o segundo a construção de significados por meio do texto.

Se a imagem do locutor é a primeira, a constituição da subjetividade está comprometida, já que esta imagem é, em grande parte, responsável pela consolidação de uma escrita homogênea.

A representação do interlocutor como avaliador/leitor é manifestada sobretudo naquilo que o aluno escolhe (ou não) explicitar. Em algumas dissertações, é como se o interlocutor não tivesse acesso à coletânea – nos casos, por exemplo, em que há uma simples paráfrase de fragmentos, como na dissertação 08 – nem a discursos correntes na sociedade. Desta forma, o que se torna relevante é comprovar ao interlocutor que há o domínio de uma forma, e não fazer do texto um espaço que possibilite a mobilização de sentido e a construção de significados.

O que parece se destacar em dissertações como a 05, 06, 07, 10 e 11 é o fato de o interlocutor ser tratado como aquele que está interessado em ler o texto (e não apenas avaliar) e interagir com o locutor, por meio da construção de significados.

Neste sentido, a análise nos permite concluir que não é a presença de informações, ou de bons argumentos (já que estamos falando de textos dissertativos) em um texto que o torna bom, mas a capacidade do sujeito em articular diversas vozes. Ao discutir a concepção do que venha a ser um bom texto, Possenti (1994) afirma que não é "uma invulgar novidade ou uma radical criatividade" ou tampouco "a monótona repetição dos lugares-comuns" que o caracteriza. Na verdade, para ele,

> *Trata-se de conceber o discurso como marcado radicalmente pela heterogeneidade (ou polifonia), e da concepção de sujeito que lhe é correlata (ou que é com ela compatível): antes de outra coisa, o sujeito é o autor, e é nesta qualidade que vale a pena investir ao pensar a produção escrita.*

De fato, é isto, justamente, o que observamos nas dissertações que criam um espaço intersubjetivo. Não encontramos, nas redações 10 e 11, informações "originais", como uma nova tese sobre o tema, por exemplo – aliás, as duas se utilizam, em grande parte, das informações disponíveis na coletânea – encontramos, sim, uma maneira original de trabalhar com a linguagem. Original não porque se originou no sujeito, mas, antes, porque é fruto de um autêntico trabalho deste com a linguagem.

Há uma epígrafe de Octavio Paz, em um dos capítulos do livro *Oficina de tradução: a teoria na prática*, de Arrojo (1999), que bem ilustra esta discussão sobre original/não original. Apesar de se referir à questão da tradução, as palavras de Octavio Paz fazem sentido quando compreendidas no contexto de produção de texto. Para ele,

> *Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não-verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único*. (Paz, apud Arrojo, 1999).

É preciso, pois, promover um ensino de escrita que possibilite a criação de textos únicos. Há uma direção para que isso aconteça: trata-se de pensar a linguagem como polifônica e os sujeitos como heterogêneos; em outras palavras, trata-se de aceitar o diferente, não apagar os conflitos, ainda que esta lição não esteja prevista em uma unidade do livro didático...

Antes de finalizarmos este capítulo, gostaríamos de apresentar a análise de duas dissertações que se destacam pela maneira, de certa forma semelhante, de como se afastam da proposta da prova.

REDAÇÃO 12

> Diante da chegada das comemorações dos quinhentos anos de descoberta, as pessoas hoje não pensam em mais nada.
>
> Só pensam como será esta data que tanto a esperamos, pode ser que quando chegar, não nos interesse muito.
>
> Mas para o dia de hoje com tantas mudanças acontecendo em nosso redor, melhor não nos preendermos nestes fatos.
>
> Não podemos sonhar com o amanhã sem que antes passemos por hoje. O amanhã será sempre um novo marco nas nossas vidas, então, porque se hoje somos enfluênciados pela mídia, poderia quando chegar as comemorações nós nem poderemos estar vivos para presenciar este momento.
>
> Devemos estar anciosos com o amanhã, mas antes que este chegue temos que tomar muitas atitudes para fazermos desta data uma data inesquecível em nossas vidas.
>
> Agora para contribuirmos com esta hora não devemos fechar os olhos para o mundo e sim ficarmos de plantão, para que por isso não fiquemos para traz.

Esta redação chamou-nos a atenção por diversas razões. Primeiramente, nota-se que o candidato parece apresentar uma certa dificuldade em estabelecer uma linha argumentativa para o seu texto.

De fato, o candidato "foge do tema" e se atem em fazer uma reflexão sobre o hoje e o amanhã. Sua dissertação sugere que ele tenha se apoiado exclusivamente no parágrafo de introdução da coletânea - especialmente no trecho em que há uma orientação para que os

candidatos considerem a questão de quem somos hoje ("Por isso, faz-se necessário, neste caso, considerar a questão de quem somos hoje") – como podemos observar em:

> "Não podemos sonhar com o amanhã sem que antes passemos por hoje. O amanhã será sempre um novo marco nas nossas vidas, então, porque se hoje somos enfluênciados pela mídia, poderia quando chegar as comemorações nós nem poderemos estar vivos para presenciar este momento.
>
> Devemos estar anciosos com o amanhã, mas antes que este chegue temos que tomar muitas atitudes para fazermos desta data uma data inesquecível em nossas vidas".

O candidato comenta "as comemorações dos quinhentos anos de descoberta", entretanto não menciona uma só vez, a palavra "Brasil", o que é estranho, visto o tema para a dissertação ser "500 anos de Brasil". Dificilmente poderíamos atribuir ao candidato um problema do tipo "incapacidade de inferência", isto é, não se pode aceitar aqui a justificativa de que ele tenha fugido do tema por não ter sido capaz de inferi-lo, já que este está explícito na prova ("Tendo isso em mente, e contando com o apoio obrigatório dos fragmentos abaixo, escreva uma dissertação sobre o tema: **500 anos de Brasil**").

Por outro lado, no parágrafo anteriormente citado, parece haver uma tentativa do sujeito de se posicionar em relação ao tema. Afirmamos isso com base no trecho "porque se hoje somos enfluênciados pela mídia", que, à primeira leitura, parece estar totalmente desvinculado das outras afirmações; entretanto, se consideramos que a divulgação das comemorações pela mídia - sobretudo a Contagem Regressiva da Rede Globo – foi um ponto abordado em várias redações, torna-se mais compreensível a produção do candidato.

A maneira mesmo pela qual o candidato discorre sobre o hoje/amanhã não é totalmente aleatória, no sentido de que o efeito de sentido que produz ainda é histórico, independentemente de satisfazer as expectativas de uma banca examinadora. Poderíamos,

por exemplo, reconhecer aqui o discurso do *carpe diem*, tão presente em uma sociedade materialista, cujo alvo maior é a satisfação pessoal.

REDAÇÃO 13

TEMPOS EM TEMPOS

> Muitos pensavam que não chegaríamos nos ano 2000, geralmente pessoas antigas muitas ligadas a religião. Como não chegar se já estamos quase nele?
>
> Alguns diziam no ano 2000 teria início a 3° Guerra Mundial, Mas estamos aqui, certo que muitas famílias ainda sofrem as consequências da 2° Guerra Mundial, pessoas conhecidas ou parentes ainda com traumas inesquecíveis.
>
> A guerra é um dos fatores marcantes mas à tantos outros que nos assustam; discriminações sociais, criminalidade, injustiças, impunisões, vícios, doenças.
>
> Pensar, lutar e analisar o hoje e o amanhã, que seja melhor para nós e nossos filhos.
>
> Saber colocar governantes sérios e honestos, com boas intenções ao povo e não só ao seu interesse próprio.
>
> Pois os dias passam e queremos estar vivos, felizes e saudáveis para ver a virada do século.

Esta dissertação é semelhante à anterior em vários aspectos: (i) a fuga do tema; (ii) a ausência da palavra Brasil; e (iii) o diálogo com o parágrafo introdutório.

O sujeito discorre sobre o ano 2000, resgatando o "discurso apocalíptico" criado em torno da virada do século, como se nota em:

> "Muitos pensavam que não chegaríamos nos ano 2000, geralmente pessoas antigas muitas ligadas a religião. Como não chegar se já estamos quase nele?"

Após a questão do ano 2000, vem uma discussão sobre a hipótese de início da 3° Guerra Mundial neste ano, o que por sua vez, abre espaço para que o sujeito comente acerca de problemas que, assim como as guerras, nos aterrorizam.

O penúltimo parágrafo parece uma tentativa singela de tocar o tema proposto pela prova:

> "Saber colocar governantes sérios e honestos, com boas intenções ao povo e não só ao seu interesse próprio".

Interessante notar que esta dissertação, como a anterior, também traz à tona a questão do hoje/amanhã – o que provavelmente seja fruto da leitura do parágrafo introdutório – destacando, entretanto, uma perspectiva um pouco distinta (a necessidade de se preocupar com o hoje para que o amanhã não seja um problema):

> "Pensar, lutar e analisar o hoje e o amanhã, que seja melhor para nós e nossos filhos.
>
> Saber colocar governantes sérios e honestos, com boas intenções ao povo e não só ao seu interesse próprio.
>
> Pois os dias passam e queremos estar vivos, felizes e saudáveis para ver a virada do século".

Cremos que exemplos de dissertações deste tipo não podem ter a única finalidade de se constituírem em motivo de ridicularização dos alunos, ou de material de deboche que frequentemente circula nas páginas virtuais como "Pérolas do Vestibular" ou coisas do gênero. Tais dissertações podem contribuir para o esclarecimento de questões relativas à

representação da escrita pelo sujeito, e, de forma mais ampla, talvez contribuam para uma maior compreensão da relação sujeito/linguagem.

Vale ressaltar que não se trata aqui de contestar os critérios de avaliação do Vestibular, ou alegar que este deveria considerar com mais cautela dissertações como estas. Nosso objetivo maior é tentar compreender por que um sujeito, após cerca de 11 anos de escolarização, apresenta problemas como estes – semelhantes, talvez, aos de um sujeito com 5 anos de escolarização. Seria um problema de "leitura errada", questão amplamente debatida?

Por mais "erradas", ou distantes do tema, que pareçam, estas dissertações, assim como tantas outras, não surgiram do nada. Em outras palavras, ainda aqui podemos ver o sujeito histórico, pois os sentidos que produz (ou tenta produzir!), sejam eles legitimados ou não pela instituição, são sentidos historicamente determinados. Não fosse assim, estaríamos diante de um caso em que um sujeito se tornou a fonte de seu dizer.

Estaria a solução para estes problemas nos cursos de "técnicas de redação"? Cremos que não e concordamos com Revuz[39] (1990), para quem a ajuda à escrita

> *não é realmente trabalho sobre a expressão, no sentido técnico do termo. Trata-se muito mais de ajudar o outro a arrogar-se um pensamento autônomo sobre o que o rodeia, de ajudá-lo a se livrar dos juízos de valor e da responsabilidade/culpabilidade a eles vinculada para compreender as coisas sem deixar de respeitar sua complexidade*. (Revuz, 1990:40).

---

[39] O texto de Revuz (1990) é o resultado de um trabalho desenvolvido com formadores. A autora analisa a dificuldade destes em escrever sobre suas práticas, mostrando que o problema com a língua decorre, menos de problemas técnicos do que do fato desta "estar poluída por afetos e representações que a tornam imprópria à expressão do sujeito". (Revuz, 1990:40).

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.

Mateus 12:37

A apresentação dos estudos sobre a escrita na escola (ver Capítulo 2) e a análise dos livros didáticos (ver Capítulo 3) permitiram-nos evidenciar a tendência homogeneizante do ensino da escrita em contexto escolar.

Em relação à concepção de linguagem e texto dissertativo no livro didático, pôde-se perceber que, de forma geral, nos livros didáticos analisados, o texto aparece como um conjunto de formas, e não se questiona o uso ou a função social da escrita, já que o que está em jogo é o domínio do texto em si (ou melhor dizendo, da estrutura textual). Desta forma, o aluno deve aprender, depois praticar. Aprende enumeração, usa enumeração; aprende contra-argumentação, usa contra-argumentação (como exposto na análise do livro *Língua e Literatura*).

Mas alguém lhe pergunta se quer usar? Ou alguém lhe questiona por que usar?

A escola trabalha no sentido de criar sujeitos-redatores, por isso mesmo tais questionamentos não têm relevância.

Athayde Jr. (2001) ilustra bem esta questão ao afirmar que:

Ao contrário do produtor de um texto efetivo, o que o sujeito-redator fornece não são "pistas para uma compreensão (de seu texto)", mas sim uma "compreensão das pistas (previamente estipuladas)" e é com base nestas pistas de "compreensão das pistas" que ele é corrigido e avaliado pela escola. Neste sentido, os textos produzidos no gênero redação escolar são muito mais um exercício de de-monstrar a um outro (o professor) um "saber-fazer" imitativo do que a prática efetiva de um "fazer-saber discursivo". (Athayde Jr., 2001:21-22).

Há uma forte tendência nos livros analisados em trabalhar a estrutura textual do texto dissertativo (introdução – desenvolvimento – conclusão), bem como uma ênfase significativa no aspecto "objetivo" e "impessoal" da dissertação.

Vale ressaltar que não ignoramos a existência de certas regularidades lingüísticas para os diversos tipos de textos (ou de gêneros). Em outras palavras, não se trata aqui de defender a não existência de uma forma, ou a ausência total de regras, já que isso implicaria reforçar o discurso de uma pretensa originalidade ou criatividade como solução para o fracasso do ensino da escrita na escola, antes, o nosso interesse foi o de repensar os fundamentos teóricos nos quais tal ensino se assenta. De fato, não há como se pensar o ensino da escrita (e, consequentemente, seu aprendizado) sem se pensar em concepção de linguagem, já que esta orientará, em grande parte, as ações pedagógicas.

Em relação ao nosso objetivo, propriamente dito, podemos afirmar que a análise das dissertações nos permitiu observar a tentativa dos candidatos ao Vestibular da Unicamp de se colocar como sujeitos de sua escrita, a fim de fazer desta um espaço de construção de sentidos.

Nota-se que as "regras" apresentadas pelo livro didático são necessárias para a constituição da subjetividade, porém insuficientes para fazer de um texto um espaço genuinamente intersubjetivo, uma vez que as concepções de linguagem e de texto veiculadas por estes materiais (e, de forma mais ampla, pela escola como um todo) tendem à uma concepção de escrita homogênea e ao apagamento do sujeito.

Além disso, a análise aponta a importância do outro na constituição do eu e reforça o caráter dialógico da própria linguagem. Desta forma, pode-se afirmar que a escrita autêntica – no sentido em que se constitui em um genuíno espaço intersubjetivo – não é fruto da negação do outro e da supremacia de um "todo-poderoso eu"; pelo contrário, a escrita original parte da compreensão de que o outro constitui o eu (e vice-versa) e que justamente esta constituição pode (e deve!) ser explorada pelo sujeito em sua produção escrita.

Não podemos negar que houve a tentação de trabalhar com as 20 melhores redações selecionadas pela Comvest, mas creio que o desafio maior foi o de justamente analisar o trabalho com a linguagem e a manifestação da subjetividade em dissertações que tendem a um discurso monológico.

De fato, mesmo em tais redações, nota-se que há uma tentativa de fazer da escrita um espaço intersubjetivo. Talvez falte uma maior reflexão, o "espírito crítico", provavelmente decorrente da imagem escolar de escrita, da falta de leitura e de tantos outros fatores, que perpassam aspectos de ordem político-econômica.

Compreender por que alguns alunos se destacam e outros não é uma tarefa que requer a investigação da história de leitura dos sujeitos – o que geralmente é feito pelos estudos do letramento – e a compreensão mesmo da relação destes com a linguagem. O que estaria neste intervalo de ensinar e aprender a escrita?

Dizer que, após 11 anos de escolarização, os alunos ainda apresentam sérios problemas concernentes à escrita e à leitura em Língua Materna provavelmente já se tornou um lugar-comum na fala daqueles que se dedicam ao estudo de tais questões. Entretanto, se este "lugar-comum" é tão "revisitado", em pesquisas de linhas teórico-metodológicas distintas, é sinal de que camufla problemas ainda não resolvidos.

É necessário deixar claro que o que fizemos aqui foi uma leitura. Outras são possíveis. Talvez o desafio seja pensar uma forma de utilizar os recursos e estratégias que o aluno domina e ampliá-los de forma a dar espaço a uma escrita mais heterogênea e individualizada, não por ser fruto de sua criatividade, mas de um autêntico trabalho com a linguagem. Autêntico no sentido de que se fundamenta em reais condições de produção.

Aliás, talvez o desafio maior seja desenvolver o ensino da escrita de forma que os alunos sejam capazes de compreender que "toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é constituída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala". (Bakhtin, 1979:84).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. *Clichês em Redações do Vestibular: Estratégias Discursivas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP-IEL, 1996.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ATHAYDE JÚNIOR, Mário Cândido de. *Outras mesmas palavras: paráfrase discursiva em redações de concurso*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos, 19*. Campinas, IEL/UNICAMP, 1990. pp. 25-42.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BENVENISTE. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação e polifonia. A propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP: Impressora Oficial do Estado, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa - 2°*. Brasília, DF, 1999.

CAPPONI, Maria Graciléia. *A Escrita na Escola: Apre(e)ndendo as regras do jogo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, UNICAMP, 2000.

CORACINI, Maria José R. Faria. Língua Estrangeira e Língua Materna: Uma Questão de Sujeito e Identidade. In: *Letras & Letras 14 (1)*. Uberlândia, 1997. pp. 153-169.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DE LEMOS, Cláudia T. G. Redações no Vestibular: Algumas estratégias. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 23*. Campinas, IEL/UNICAMP, 1977. pp.61-71.

_____. Coerção e Criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: *São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2° grau – Vol III – Produção de Textos.* São Paulo, SE/CENP/UNICAMP, 1978.

DE NICOLA, José. A dissertação. In: *Língua, Literatura e Redação 3.* 8.ed. São Paulo: Scipione, 1998. pp.324-341.

DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística (dizer e não dizer).* São Paulo: Cultrix, 1972.

FARACO, C.E. & MOURA, F. M. *Língua e Literatura.* (Volume 3 / 2° Grau) – Livro do Professor. 16 ed. São Paulo: Ática, 1996.

FIAD, Raquel. O Estilo Escolar. In: *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.* Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1997. pp.195-204.

_____. A argumentação em cartas produzidas por alunos de Ensino Médio: relação entre gênero do discurso e estilo. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada, 36.* Campinas, 2000. pp.131-145.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem.* 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HUSSERL. *Recherches logiques.* Paris, PUF, T.I. pp.147-8.

KLEIMAN, A.B. Análise e Produção de Textos. In: *PEREIRA, M. T. G. (org) – Língua e Linguagem em Questão.* Rio de Janeiro: UERJ, 1997. pp.262-283.

MATTOS, Maria Augusta Bastos de. *Supletivo: o discurso paralelo.* Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. Protagonistas do/no discurso. In: *Série Estudos 4.* Uberaba, 1978. pp. 30-41.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.* 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001a.

_____. Linguagem e método: uma questão da análise de discurso. In: *Discurso e Leitura.* 6 ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001b. pp. 15-28.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.* 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a.

_____. *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de Redação*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, Ch. *Le Champ de l'Argumentation*. Bruxelas: PUB, 1970.

POSSENTI, Sírio. Perguntas em torno de quatro temas. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos, 19*. Campinas, 1990. pp. 97-115.

_____. Discurso, Sujeito e o Trabalho de Escrita. In: *Problemas atuais da análise do discurso*. (Série: Publicações do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, ano VIII, vol 1). Araraquara: Unesp, 1994. pp. 27- 41.

_____. *Disurso, Estilo e Subjetividade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. Enunciação, autoria e estilo. In: *Revista da FAEEBA, 15*. Salvador: 2001b. pp.15-21.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. *Dissertações do Vestibular Unicamp-99*. Campinas, SP: Editora da Unicamp,1999.

REVUZ, Christine. "Eu...? Escrever...? Eu..." Ou como ajudar os formadores a escrever sobre suas práticas. In: *Éducation Permanente, 102 – Les adultes et l'écriture*. France, Arcueil, 1990. pp.21-42.

SANTOS, Wilton James Bernardo dos. *Relação sujeito/língua para o ensino do Português no Brasil: um estudo sobre Parâmetros Curriculares e Livro didático*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, UNICAMP, 2000.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Os Gêneros Escolares: as práticas de linguagem aos objetos e ensino*. (mimeo).

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. In: *Scripta, v.2, n.4*. Belo Horizonte, 1999. pp. 87-106.

7. APÊNDICE

PROVA DE REDAÇÃO – TEMA C

Faça de conta que você tem um amigo em Portugal que confia muito em você e que estava pensando em passar uma temporada no Brasil e talvez até em migrar. Suponha também que, recentemente, ele lhe tenha escrito uma carta dizendo que está pensando em abandonar tal projeto, em conseqüência das notícias sobre o Brasil que tem lido ultimamente. Para justificar-se, ele incluiu na carta a seguinte amostra de manchetes, que o impressionaram, publicadas com destaque em menos de um mês, em um único jornal:

- **FALTAM ÁGUA, LUZ E TELEFONE NAS ESCOLAS, DIZ PESQUISA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO** (*Folha de S. Paulo*, 16 de setembro de 1998)
- **METADE DOS ELEITORES NÃO TÊM 1º. GRAU** (*Folha de S. Paulo*, 20 de outubro de 1998)
- **BRASIL É CAMPEÃO DE CASOS DE DENGUE, LEPRA E LEPTOSPIROSE NAS AMÉRICAS** (*Folha de S. Paulo*, 21 de setembro de 1998)
- **MISERÁVEIS SÃO 25 MILHÕES** (*Folha de S. Paulo*, 26 de setembro de 1998)
- **83% SÃO ANALFABETOS FUNCIONAIS** (*Folha de S. Paulo*, 26 de setembro de 1998)
- **PARTOS DE MENINAS AUMENTARAM 81% NO RIO** (*Folha de S. Paulo*, 29 de setembro de 1998)
- **SP DESPEJA NA RUA UM TERÇO DE SEU LIXO** (*Folha de S. Paulo*, 4 de outubro de 1998)

Escreva-lhe uma carta na qual, colocando em discussão as manchetes acima, você tenta convencê-lo de que, apesar de haver de fato problemas, a imagem que se faz de nosso país, a partir do noticiário, é parcial, e que, portanto, continua valendo a pena vir para o Brasil.

ATENÇÃO: AO ASSINAR A CARTA, USE INICIAIS APENAS, DE FORMA A NÃO SE IDENTIFICAR

ANEXO DO LIVRO:

LÍNGUA, LITERATURA E REDAÇÃO

Capítulo 3

A dissertação

Não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque pensar é próprio do homem como tal.

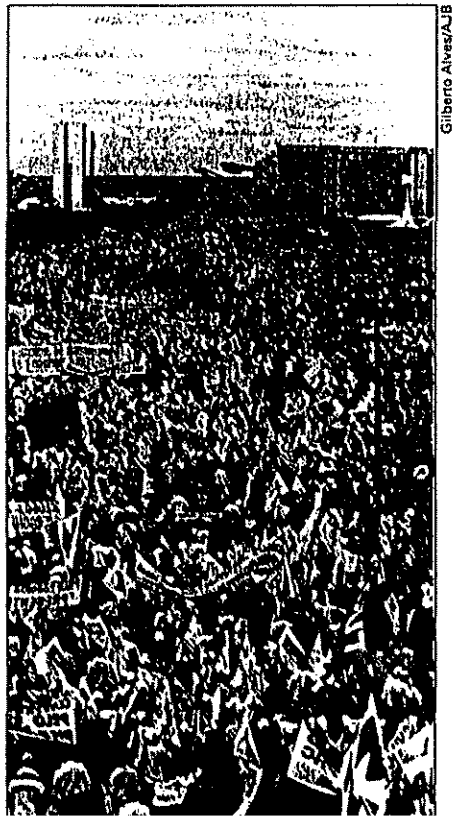
(Antonio Gramsci, 1891-1937, pensador italiano.)

A formação da cidadania

Em todas as manifestações de caráter social, político e econômico, da mais inconseqüente opção pessoal às mais sérias decisões de governo, o ser humano é guiado por dois comportamentos básicos: pensar e agir, de acordo com os conhecimentos disponíveis. (...)

A interação contínua entre pensamento e ação permite ao homem tomar decisões, tanto as de natureza particular – como a escolha de um curso ou profissão ou a compra de um par de sapatos –, quanto as que terão conseqüências coletivas, como a eleição de governantes ou a participação em manifestações públicas. Portanto, de modo geral, as decisões não são arbitrárias. Não importa o grau de consciência política que o indivíduo possui, ou a massa de conhecimentos de que ele dispõe sobre uma questão: há sempre uma dose de reflexão em cada um dos seus atos.

É fácil de constatar que as idéias, as opiniões, as atitudes e as ações não seguem um esquema simples, mecanicista e uniforme, pois as diferentes preocupações que atormentam o homem se embaralham e se



Gilberto Alves/AJB

com. É como se todas as provas automobilísticas do mundo fossem disputadas ao mesm tempo no mesmo autódromo.

A formação do cidadão consiste em capacitá-lo a pôr ordem nesse processo, que s desenvolve ao seu redor mas sempre explode dentro dele. A principal contribuição formativ da educação é a de atuar sobre esse mecanismo mental decisório e ajustá-lo o mais corre tamente possível, equilibrando os conhecimentos, as habilidades e as atitudes segund padrões éticos, morais e outros, válidos para todas, ou para a maioria das pessoas.

Não existe um método infalível para que alguém possa chegar, sempre, às melhore decisões sobre todas as coisas, mas pode-se melhorar a capacidade de raciocínio com prática, o estudo, a crítica, a reflexão. O grande objetivo, que mais parece um idea inatingível, é conseguir que cada indivíduo se torne autônomo, isto é, que seja capaz d decidir por si mesmo, não se sujeitando a interferências ou pressões externas. É o cami nho que levará à formação de cidadãos conscientes.

(Paulo Martinez

A propósito do texto

1. Considerando que a **narração** se centra num fato ou acontecimento, que há personagens que atuam e um narrador que relata a ação; que a **descrição** é o "retrato verbal" de pessoas, coisas ou ambientes; que na **dissertação** predomina a defesa de uma idéia, de um ponto de vista, você diria que o texto é essencialmente dissertativo, descritivo ou narrativo? Justifique sua resposta com alguns indicadores gramaticais que caracterizam esse tipo de composição.
2. Qual é o tema do texto?
3. Sintetize a idéia básica de cada parágrafo (utilize apenas uma frase para cada parágrafo).
4. No segundo parágrafo, o autor do texto desenvolve um raciocínio para, em seguida, chegar a uma conclusão. Qual é essa conclusão?
5. Você é um cidadão consciente? Escreva um pequeno texto defendendo seu ponto de vista.

1. A dissertação

Já sabemos que dissertação é o estilo de composição em que predomina a defesa de uma idéia, de um ponto de vista, ou então um questionamento acerca de determinado assunto. Dessa forma, uma dissertação depende de análise, de capacidade de argumentação, de raciocínio lógico. O produtor de um texto dissertativo procura expor aos leitores uma determinada posição ou mesmo levantar elementos para uma possível análise ou reflexão. Para tanto, trabalha com argumentos, com fatos, com dados, com testemunhos, os quais utiliza

Veja a seguir o exemplo de um texto dissertativo e a **posição** que é nele defendida:

Para os contrários aos meios de massa, o produto cultural perderia inevitavelmente a sua qualidade caso fosse veiculado por TV ou rádio. Uma sinfonia, por exemplo, não teria a mesma qualidade daquela executada em um concerto. Essa posição, radical, como se vê, levou o estudioso italiano Umberto Eco a qualificar de apocalípticos os que criticam *a priori* os meios de comunicação, não os aceitando como culturais.

(*Jésus Barbosa de Souza*. Meios de comunicação de massa – jornal, televisão, rádio.)

Como se percebe, o autor do texto não concorda com aqueles que são contrários aos meios de comunicação (adjetiva essa posição como "radical") e, para reforçar sua posição, traz o testemunho do "estudioso" italiano Umberto Eco – e quem vai discordar de uma pessoa já caracterizada como "estudiosa"?

Observe agora o **levantamento de dados** que seu autor utiliza na argumentação:

A partir de 1920, a repercussão do novo meio de comunicação de massas era notável. Uma demanda febril de aparelhos receptores assolou os Estados Unidos e a Inglaterra. Em 1921 o número de emissoras nos Estados Unidos era de 4, passando a 29 em 1922 e a 382 no início de 1923. A publicidade começava a veicular, o que tornava o novo meio bastante viável economicamente. Em 1927, havia 7 milhões de aparelhos somente nos EUA.

(*Jésus Barbosa de Souza*. Meios de comunicação de massa – jornal, televisão, rádio.)

Para sedimentar sua tese (a vertiginosa ascensão do rádio), o autor trabalha com dados, números, que o leitor aceita como indiscutíveis.

Veja ainda o desenvolvimento de sua **tese** e respectiva **conclusão**:

A televisão é o mais poderoso meio de comunicação de massas do século XX, quanto aos elementos que veicula e tendo-se em vista o alvo coletivo virtual. Ela seria uma espécie de liqüidificador cultural, capaz de diluir cinema, teatro, música, literatura, tudo em um só espetáculo, fornecendo assim uma reforçada vitamina eletrônica para o público.

(*Jésus Barbosa de Souza*. Meios de comunicação de massa – jornal, televisão, rádio.)

Nesta passagem, o autor apresenta sua tese como uma verdade absoluta e categórica (observe a força do adjetivo "poderoso" no superlativo). Recurso semelhante encontramos em textos dissertativos que se iniciam da seguinte forma: "É opinião unânime que...".

2. A estrutura da dissertação

Pelas razões que acabamos de apresentar, a dissertação exige um trabalho de preparação, um plano inicial, que se subdivide, via de regra, em três etapas: **introdução**, **desenvolvimento** ou **argumentação** e **conclusão**.

Ao se iniciar uma dissertação, é necessário tornar claro e explícito o tema que será abordado – daí a importância da introdução, o que não exclui a importância da conclusão. Perceber que, dependendo do encaminhamento dado ao texto, a conclusão pode até ser uma dúvida ou uma interrogação; também pode ser um apanhado geral das idéias expostas ou, ainda, a posição clara, categórica, do autor sobre o tema desenvolvido. O importante é dar um fechamento aos pontos levantados.

Analisemos o seguinte fragmento.

Como qualquer outro animal, o primeiro contato do homem com a realidade se dá pelos cinco sentidos. Na verdade, as cores dos objetos por nós percebidos resultam do bombardeio que partículas do objeto, "viajando" em ondas, fazem sobre nossa retina. O som que ouvimos são ondas que deslocam o ar e impressionam nossos tímpanos. O calor e o frio dependem de movimentos mais ou menos acelerados de moléculas em contato com a superfície de nosso corpo. Isso equivale a dizer que visão, olfato, audição, tato e paladar "sentem" as propriedades dos objetos. Sentindo os objetos, conhecemos o verde da árvore, o ruído do avião, o cheiro da pipoca, o gosto do café, a maciez do algodão.

O universo dos objetos físicos é, pois, conhecido pela sensação de suas características.

(*Cassiano Cordi et alli*. Para filosofar.)

A **introdução** apresenta a idéia principal, a tese que será defendida, e resume-se à primeira frase do texto: "Como qualquer outro animal, o primeiro contato do homem com a realidade se dá pelos cinco sentidos".

O **desenvolvimento** ou **argumentação** se estende ao longo dos cinco períodos seguintes (de "Na verdade..." até "a maciez do algodão."). O texto explica como percebemos o universo dos objetos físicos pela percepção de nossos cinco sentidos.

A **conclusão** (o último parágrafo) retoma a idéia apresentada na introdução ("o primeiro contato do homem com a realidade se dá pelos cinco sentidos"). O fragmento apresentado é muito didático e a conclusão é bastante concisa; o emprego do conectivo **pois**, posposto ao verbo, realça o caráter conclusivo da última frase.

Há uma outra forma de estruturarmos o texto dissertativo: assumindo uma "postura de filósofo", ou seja, indagando tudo sobre tudo. As perguntas funcionam como prováveis questionamentos de um virtual interlocutor, mas na verdade servem para organizar o nosso pensamento, estimular nossas reflexões (por isso mesmo, o texto dissertativo é típico das ciências e da filosofia).

Porém, quando filosofar, tome cuidado para não cair nas "idéias genuís", como Calvin e Haroldo...

Leia atentamente o seguinte texto.

Atitude filosófica: indagar

Se, portanto, deixarmos de lado, por enquanto, os objetos com os quais a Filosofia se ocupa, veremos que a atitude filosófica possui algumas características que são as mesmas, independentemente do conteúdo investigado. Essas características são:

- perguntar **o que** a coisa, ou o valor, ou a idéia, é. A Filosofia pergunta qual é a realidade ou natureza e qual é a significação de alguma coisa, não importa qual;
- perguntar **como** a coisa, a idéia, ou o valor, é. A Filosofia indaga qual é a estrutura e quais são as relações que constituem uma coisa, uma idéia ou um valor;
- perguntar **por que** a coisa, a idéia, ou o valor, existe e é como é. A Filosofia pergunta pela origem ou pela causa de uma coisa, de uma idéia, de um valor.

A atitude filosófica inicia-se dirigindo essas indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que mantemos com ele. Pouco a pouco, porém, descobre que essas questões se referem, afinal, à nossa capacidade de conhecer, à nossa capacidade de pensar.

Por isso, pouco a pouco, as perguntas da Filosofia se dirigem ao próprio pensamento: o que é pensar, como é pensar, por que há o pensar. A Filosofia torna-se, então, o pensamento interrogando-se a si mesmo. Por ser uma volta que o pensamento realiza sobre si mesmo, a Filosofia se realiza como **reflexão**.

(*Marilena Chauí*. Convite à Filosofia.)

Observe, agora, a filósofa Marilena Chauí, ainda em *Convite à Filosofia*, desenvolvendo uma tese, exatamente pela utilização da atitude filosófica.

Resolvido esse problema, agora temos um outro que também tem ocupado muito os estudiosos. O novo problema pode ser assim formulado: a Filosofia nasceu realizando uma transformação gradual sobre os mitos gregos ou nasceu por uma ruptura radical com os mitos?

O que é um mito?

O mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.).

3. A gramática da dissertação

Quanto aos aspectos formais, a dissertação dispensa o uso abusivo de figuras de linguagem, bem como o valor conotativo das palavras (veja bem: estamos falando que não se deve abusar). Por suas características, o texto dissertativo requer uma linguagem mais sóbria, denotativa, sem rodeios (afinal, convence-se o leitor pela força dos argumentos, não pelo cansaço); daí ser preferível o uso da terceira pessoa.

Ao contrário da narração, a dissertação não apresenta uma progressão temporal; os conceitos são genéricos, abstratos e, em geral, não se prendem a uma situação de tempo e espaço. Daí o emprego de verbos no presente. Ao contrário da descrição, que se caracteriza pelo período simples, a dissertação trabalha com o período composto, com o encadeamento de idéias; nesse tipo de construção, o correto emprego dos conectivos é fator fundamental para se obter um texto claro, coeso, elegante.

A Kodak está lançando um novo filme para slides feito sob medida para você, que tem paixão pela fotografia. Com o novo Kodak Ektachrome Elite II, suas fotos vão ganhar cores muito mais precisas e vivas. Ele oferece a exclusiva tecnologia T-Grain, de granulação fina e homogênea, que garante maior saturação de cores, nitidez e fidelidade na reprodução de tons de pele como você nunca viu. É só escolher o filme Kodak Ektachrome Elite II ideal para a sua necessidade: ISO 50, 100 ou 400. Seja fiel à sua paixão. Fotografe com o novo Kodak Ektachrome Elite II.

O anunciante optou pelo texto argumentativo, já que seu objetivo é convencer o consumidor de que seu produto é o melhor. Num texto conciso, apresenta introdução (1º período), desenvolvimento e conclusão (dois últimos períodos), que retoma a introdução.

4. Dissertação objetiva

O que foi dito até agora aplica-se ao que se convencionou chamar de dissertação técnica ou científica ou de **dissertação objetiva**, de caráter impessoal. Dependendo do tema da dissertação, pode predominar a intuição ou mesmo a sensibilidade do autor, configurando, assim, uma **dissertação subjetiva**. Como exemplo, podemos citar a crítica de arte (nos jornais temos diariamente críticas de cinema e de teatro).

Por ora, ficamos com a análise da dissertação que defende um ponto de vista de forma objetiva. Para tanto, transcrevemos um texto da professora Magda Becker Soares, da Universidade Federal de Minas Gerais, que avalia a redação no vestibular (esse texto foi publicado pela fundação Cesgranrio-RJ).

Efeitos da inclusão de redação no vestibular

Não se pode negar que a inclusão de prova de redação no vestibular terá como efeito – e já se vem mesmo observando o fato – a inclusão do ensino sistemático de redação nas escolas. Não se pode, porém, afirmar que tal efeito conduzirá forçosamente a um melhor desempenho lingüístico, a ser demonstrado em prova de redação, ou a uma melhor ou mais adequada seleção de candidatos ao ensino superior.

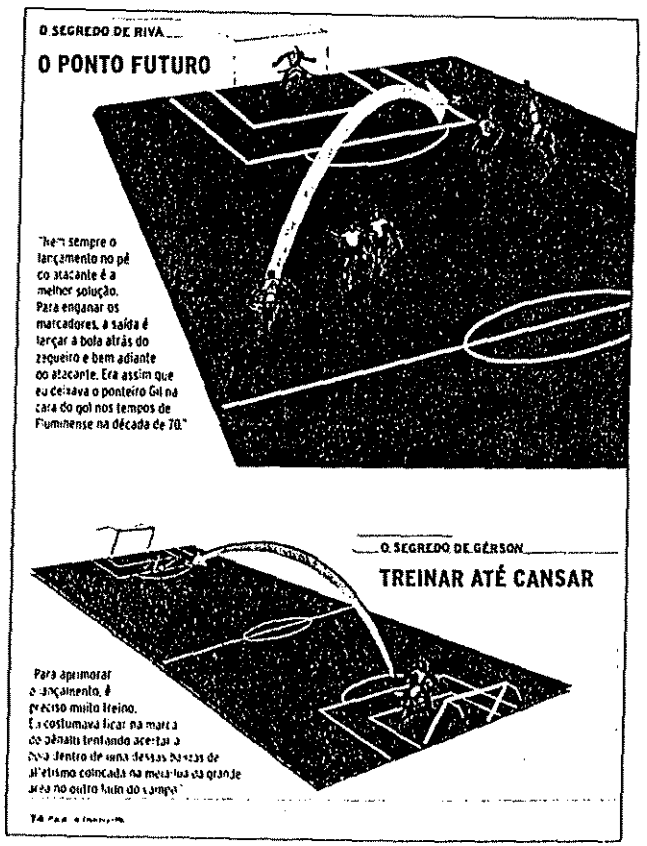
O problema do uso inadequado e deficiente da língua materna é muito mais complexo do que pode parecer à primeira vista, e muito mais amplo. Não é um problema apenas brasileiro: na Europa, nos Estados Unidos, nos países da América Espanhola, o problema vem sendo insistentemente levantado, estudos e pesquisas vêm sendo feitos, reformas do ensino têm sido tentadas. Não é também um problema a ser explicado apenas como o fracasso ou ineficiência do ensino da língua materna: é um problema que ultrapassa o âmbito da escola ou da educação sistematizada.

No Relatório apresentado pelo Grupo de Trabalho instituído pelo Senhor Ministro da Educação para apresentar sugestões objetivando o aperfeiçoamento do ensino do Português, a que já se aludiu anteriormente, e de que faz parte a autora deste trabalho, apontaram-se as principais causas da ineficácia no uso da língua materna. Uma análise ainda que pouco profunda de tais causas evidencia imediatamente a complexidade do problema e desmistifica a suposta eficiência de soluções superficiais.

O uso da língua é um comportamento que deve ser visto no contexto mais amplo das circunstâncias culturais em que se insere. As civilizações modernas vivem sob a poderosa influência de meios de comunicação em que o verbal é suplantado pelo visual, em que à palavra se associa o icônico, que cada vez mais busca superá-la. São palavras do Relatório acima citado: "As afirmações 'li' no jornal, 'ouvi' no rádio vão sendo substituídas por 'vi' na televisão, 'vi' no cinema. As revistas ilustradas, os quadrinhos, as telenovelas competem cada vez mais com os livros. E, como o ler e o ouvir exigem maior esforço de descodificação, o homem adere facilmente à comunicação pela imagem. Ouvindo e lendo cada vez menos, ouve e lê cada vez com mais dificuldade. Em conseqüência, fala e escreve cada vez com menos precisão, perde a fluência da expressão verbal, e o uso da língua vai-se empobrecendo e deteriorando". E conclui: "Levando em conta esse contexto cultural, não se podem atribuir apenas a um fracasso do ensino da língua materna as deficiências atuais de comunicação, a fragmentação e má estruturação do conteúdo das mensagens, a incorporação e inadequação no uso da língua, oral ou escrita. É que, ao lado do ensino regular e sistemático, e em competição com ele, há o 'ensino paralelo' dos meios de comunicação de massa, cuja influência é certamente mais presente, mais extensa e mais poderosa".

A esses problemas de natureza sociocultural acrescentam-se problemas de natureza socioeconômica que também constituem explicação para a ineficácia no uso da língua materna. A massificação do ensino, decorrente da democratização da educação, trouxe, como conseqüência, o acesso à escola das mais diversas camadas sociais. Pesquisas lingüísticas já demonstraram que desigualdades sociais conduzem a desigualdades culturais que se manifestam especialmente no desempenho linguístico: as classes menos favorecidas trazem para a escola um saber lingüístico deficiente em relação ao padrão de língua exigido pela escola. A heterogeneidade social na escola resulta, pois, em heterogeneidade lingüística que, em geral, é ignorada: a escola se nega a reconhecer a distância entre o padrão lingüístico que usa, que ensina e que exige, e os padrões lingüísticos de estudantes de meios socioeconômicos diferentes. E se grande é a distância entre o padrão de língua oral exigido pela escola e os padrões de língua oral de diferentes camadas sociais, maior ainda é a distância entre estes e o padrão de língua escrita exigido pela escola. Resulta daí o fracasso escolar, em geral, e particularmente o fracasso na redação.

Bastam os problemas acima apontados para que se evidencie que a capacidade de redigir está condicionada por fatores que ultrapassam o âmbito do sistema escolar. Simplista é pois a solução de incentivar, no nível exclusivamente curricular e metodológico, o ensino da redação nas escolas; mais simplista ainda é tentar efetivar essa solução por meio do mecanismo da inclusão de prova de redação nos exames vestibulares. Antes que as escolas estejam conscientes da influência, no uso da língua, das circunstâncias culturais em que vivemos, e da heterogeneidade lingüística resultante da heterogeneidade social dos estudantes que recebe; antes que o ensino da língua adapte seus objetivos e sua metodologia a essas circunstâncias culturais e a essa heterogeneidade; antes que os professores de Português estejam preparados para trabalhar em função desses novos objetivos e



As revistas atuais evitam concentrar grandes massas de texto na mesma página, privilegiando freqüentemente as fotos, ilustrações e gráficos. Por isso, elas constituem um forte concorrente à consolidação do hábito da leitura de extensos trechos de textos, como se exige na escola.

dessa nova metodologia, é inútil e é, sobretudo, injusto pretender avaliar os estudantes em habilidades cuja ausência se deve a fatores extra-escolares que a escola não lhes possibilitou superar. Tal avaliação beneficiará, mais uma vez, as classes mais favorecidas, aqueles que, oriundos das classes média e alta, já trazem para a escola um domínio da língua muito próximo do que é exigido por ela. Estes terão provavelmente sucesso na prova de redação do concurso vestibular e mais uma vez serão reforçadas as desigualdades sociais. Este será, a nosso ver, o principal – e lamentável – efeito da inclusão da prova de redação no vestibular.

O texto lido apresenta algumas características que merecem destaque. O objetivo do questionário seguinte (na realidade, mais um roteiro) é facilitar sua análise e interpretação.

A propósito do texto

1. Qual a idéia básica apresentada no primeiro parágrafo? Ela serve como introdução? Justifique.
2. No segundo parágrafo, a autora generaliza o problema levantado, ampliando-o. Como se dá essa generalização?
3. No terceiro parágrafo, a autora coloca-se na terceira pessoa para destacar o caráter impessoal da dissertação. Assinale a passagem em que isso ocorre.
4. A partir de qual parágrafo a autora inicia a argumentação?
5. Nos parágrafos 4 e 5, a autora destaca e analisa dois tipos de problemas que servem de base para sua argumentação. Quais são os problemas levantados?
6. No parágrafo 6 temos a conclusão. Na abertura desse parágrafo, a autora emprega uma palavra que desempenha um papel muito importante. Comente a função dessa palavra que inicia a conclusão.
7. Compare a última frase do texto com o parágrafo de abertura.

Produzindo texto

Antes de propor atividades de produção de texto dissertativo, lembremos a importância de se planejar uma dissertação.

Planejando a dissertação

Quando queremos ir a algum lugar aonde nunca fomos, costumamos, mesmo que só mentalmente, fazer um roteiro. Se formos de ônibus, procuramos saber qual linha tomar, em que ponto descer, etc. Se formos de automóvel, não será diferente.

Caso não tenhamos em mente o roteiro, corremos o risco de ficar rodando à toa, não chegar ao destino e, caso tenhamos a sorte de chegar, teremos perdido muito tempo nessa tarefa.

Com a elaboração de uma redação não é diferente: se não tivermos um plano ou um roteiro previamente preparados, corremos o risco de ficar dando voltas em torno do tema, não chegando a lugar nenhum. Por isso, antes de escrever sua redação, é preciso planejá-la bem: em primeiro lugar, entendendo o tema proposto, em segundo lugar, procurando elaborar um esquema.

O esquema padrão

Ao se produzir um texto, a partir de um tema dado, o primeiro passo é refletir sobre o tema, levantar e analisar as idéias sugeridas por ele. O segundo passo, entendido o tema, é montar um esquema, um roteiro para a sua redação. De nada adiantará um ótimo esquema se ele não estiver adequado ao tema proposto.

Inicialmente, é preciso não confundir esquema com rascunho.

Esquema é um roteiro que estabelecemos para ser seguido, no qual colocamos em frases sucintas (ou mesmo em palavras soltas) o caminho que será percorrido para a elaboração do texto. No rascunho, vamos dando forma à redação, porque nele as idéias colocadas no esquema passam a ser redigidas, tomando a forma de frases, períodos, parágrafos, até resultar num texto coerente.

Por ser o esquema um roteiro a ser seguido, convém dividi-lo nas partes de que se compõe a redação. Se vamos escrever uma redação dissertativa, por exemplo, o esquema deverá apresentar as três partes da dissertação: **introdução, desenvolvimento** e **conclusão**.

Na introdução, você deverá colocar a tese que vai defender. No desenvolvimento, palavras que resumam os argumentos que você apresentará para sustentar a tese. Quando estamos fazendo o esquema do desenvolvimento, é comum surgirem inúmeras idéias; registre-as todas, mesmo que mais tarde você não venha a utilizá-las. Essas idéias normalmente vêm sem ordem alguma; por isso, mais tarde, é preciso ordená-las, selecionando as melhores, e colocando-as em ordem de importância. A esse processo damos o nome de **hierarquização das idéias**.

Analisando um tema dissertativo

Tomemos como exemplo o seguinte tema de redação da Universidade Federal da Bahia.

> Durante três milhões de anos vimos tentando proteger o homem contra o meio ambiente. Agora já é tempo de começarmos a proteger o meio ambiente contra o homem.
>
> (*Dr. Thomas F. Malone*)

O primeiro passo é refletir sobre o tema. Observe que o texto do Dr. Malone nos coloca uma oposição: homem *versus* meio ambiente; meio ambiente *versus* homem. Historicamente, as posições de agressor e vítima se inverteram. Você concorda com o que foi exposto? Já é tempo de começarmos a proteger o meio ambiente? Qualquer que seja a resposta a essa pergunta, você terá que argumentar: por que sim? por que não?

O segundo passo é fazer um esquema. Imaginemos que você respondeu "sim, devemos proteger o meio ambiente". Essa posição deve aparecer claramente na introdução; os argu-

O terceiro passo, evidentemente, é redigir procurando observar as qualidades de um texto: correção, clareza, concisão e elegância... e idéias criativas, é lógico!

Apresentamos, a seguir, mais dois temas para redação que foram solicitados em vestibulares de estados diferentes. Os temas induzem o candidato a fazer uma dissertação. A escolha é sua.

Proposta 1

(F. Carlos Chagas-BA) "Aquele que trabalha para sua comunidade está trabalhando para seu país."

Proposta 2

(CESESP-PE) "A televisão une ou separa as pessoas?"

5. A dissertação subjetiva

No item anterior analisamos uma dissertação objetiva, em que a autora do texto apresentou uma idéia, argumentou, discutindo sua proposição inicial sob alguns ângulos, apresentou dados e, finalmente, concluiu, reafirmando a proposição inicial. O texto foi escrito em terceira pessoa, assumindo um caráter impessoal.

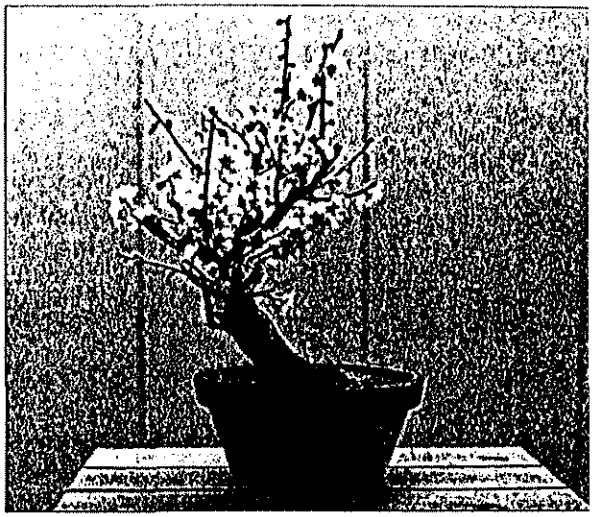
Neste item, veremos um exemplo de texto dissertativo de caráter pessoal, subjetivo, escrito em primeira pessoa, em que o autor se posiciona diante do tema com colocações que são fruto da sensibilidade. Para tanto, escolhemos um texto de Carlos Drummond de Andrade sobre o tão discutido gênero "literatura infantil".

LEITURA

Literatura infantil

O gênero "literatura infantil" tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado -, porque coisa primária, fabricada no pressuposto de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais. A redução do homem, que a literatura infantil implica, dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em *linguagem infantil*, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcorada na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem o saber, literatura infantil.

(*Carlos Drummond de Andrade*. Obra completa.)



"Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais." (Carlos Drummond de Andrade)

A proposto do texto

1. O texto não se estrutura em parágrafos; entretanto, podemos destacar uma idéia que serve de introdução. Aponte essa idéia.
2. No texto, o autor não apresenta dados, nem fatos, muito menos números para defender sua posição. Ele utiliza um recurso para "argumentar", mostrar ao leitor suas idéias. Que recurso é esse? Comente-o.
3. Em dois momentos, o autor reforça o caráter subjetivo do texto com construções em primeira pessoa do singular. Destaque essas duas passagens.
4. Em certo momento, ao comentar a "redução" que se faz na literatura infantil, o autor estabelece uma comparação entre essa literatura e as miniaturas de árvores cultivadas pelos japoneses. Você diria que essa comparação é subjetiva ou objetiva? Em sua opinião, ela convence todos os leitores?
5. Compare a estrutura desse texto com a estrutura do texto de Magda Soares, apresentado no item anterior.

Produzindo o texto

Apresentamos, como temas para redação, três propostas que permitem o desenvolvimento de dissertações escritas em primeira pessoa. Antes de optar por um dos temas, reflita sobre cada um deles.

Proposta 1

(VUNESP) "Viver é muito perigoso..."

Proposta 2

(UFCE) "A situação existencial da despedida ou separação."

Proposta 3

(UFBA) "Os jovens de hoje não são melhores nem piores do que os de ontem. Estão apenas respondendo de forma diferente a problemas um tanto quanto parecidos com os de antigamente." (*Padre Zezinho*)

6. O parágrafo

Já foi dito que antes de redigir é necessário planejar, principalmente se o texto for dissertativo. Apontamos agora alguns passos que também julgamos importantes – entre eles, a estruturação de um texto em parágrafos.

No caso da dissertação, é conveniente estruturar a introdução em um parágrafo, o desenvolvimento ou argumentação em dois ou três e reservar um último para a conclusão. Esse procedimento é fundamental para que o resultado final seja um texto claro, de fácil leitura, convincente.

Portanto, o passo seguinte é refletir um pouco sobre a estrutura do parágrafo. Iniciemos com uma definição do professor Othon Moacyr Garcia, que consta de sua *Comunicação em prosa moderna*:

> O parágrafo é uma unidade de composição, constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve ou se explana determinada idéia **central**, a que geralmente se agregam outras, **secundárias** mas intimamente relacionadas pelo sentido.

O próprio autor dessa definição afirma que esse conceito se aplica a um tipo de parágrafo considerado padrão. Obviamente, dependendo do tema, do autor e do público a que se destina, poderemos encontrar as mais variadas estruturas de parágrafos. Essa definição, no entanto, serve como modelo para os iniciantes.

Observe o parágrafo, retirado do livro *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão (trata-se de um estudo sobre *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa):

> Dá-se o nome de **sertão** a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação. Embora uma das aparências do sertão possa ser radicalmente diferente de outra não muito distante – a caatinga seca ao lado de um luxuriante barranco de rio, o grande sertão rendilhado de suas veredas –, o conjunto delas forma o sertão, que não é uniforme, antes bastante diversificado.

Nele podemos perceber:

a) uma **idéia central**: a caracterização do sertão.
b) as **idéias que gravitam em torno da idéia central**: a localização geográfica, a economia predominante, as várias configurações do sertão, o conjunto formado.

Tomemos também como exemplo a abertura do Prefácio de Antonio Candido para o volume 5 da série Para gostar de ler (Editora Ática):

> A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

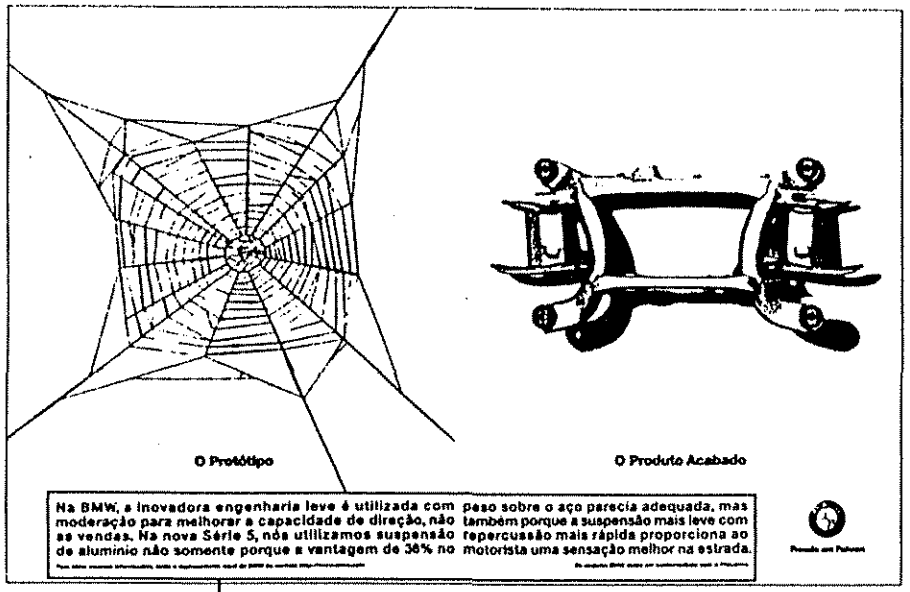
Ao analisarmos a estrutura desse parágrafo, percebemos uma **idéia central** – a crônica não é um "gênero maior" –, colocada numa frase clara, concisa. Essa frase serve de introdução ao parágrafo, apresentando a idéia-núcleo que será desenvolvida adiante. A essa idéia-núcleo, que inicia o parágrafo, convencionou-se chamar de **tópico frasal**.

Em outros exemplos, podemos encontrar o tópico frasal colocado em duas ou até em três frases. Um tópico frasal claro, objetivo, consistente, é meio caminho andado para a obtenção de um parágrafo bem-redigido.

Voltando ao texto de Antonio Candido, percebemos que, logo após o tópico frasal, temos dois períodos que são uma argumentação do tópico frasal: a crônica não confere dimensão universal à literatura; um cronista não ganharia o Prêmio Nobel. Finalmente, observamos que o último período do texto constitui uma conclusão, retomando o tópico frasal: a crônica é um gênero menor. Dessa forma, temos:

PARÁGRAFO		
	Introdução (tópico frasal)	A crônica não é um "gênero maior".
	Desenvolvimento	Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse.
	Conclusão	Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

Em tempo e para matar a curiosidade: Antonio Candido continua o texto afirmando "'Graças a Deus', – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós".



Na BMW, a inovadora engenharia leve é utilizada com moderação para melhorar a capacidade de direção, não as vendas. Na nova Série 5, nós utilizamos suspensão de alumínio não somente porque a vantagem de 36% no peso sobre o aço parecia adequada, mas também porque a suspensão mais leve com repercussão mais rápida proporciona ao motorista uma sensação melhor na estrada.

O texto do anúncio é organizado em um único parágrafo, que procura associar as idéias contidas nas duas imagens. Assim, a idéia principal é a de que, na BMW, "a engenharia leve" é usada "para melhorar a capacidade de direção". A idéia secundária, que apóia a principal, vem logo depois: a utilização da suspensão de alumínio proporciona redução no peso e melhor sensação na estrada para o motorista.

Produzindo texto

Apresentamos, a seguir, três temas solicitados em exames vestibulares; eles têm um ponto em comum: são fundamentalmente dissertativos.

Proposta 1

(UEPG-PR) "A sociedade."

Proposta 2

(UFBA) "Para que as pessoas possam conviver há sempre necessidade de uma ordem básica, de uma combinação de como se quer a vida seja, de um pacto no qual as concessões e consentimentos conseguem criar um clima de liberdade para a vida - de vez que na barbárie não há liberdade." (*Régis de Morais*)

Proposta 3

(UNICAMP-SP)

Coletânea de textos

- Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e arg mentos relacionados com o tema. Eles não representam a opinião da banca examinad ra: são textos como aqueles a que você está exposto na sua vida de leitor de jorna revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize segundo as instruções específicas dadas para o tema. Não a copie.
- Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações q julgar relevantes para o desenvolvimento do tema escolhido.

ATENÇÃO: SE VOCÊ NÃO SEGUIR AS INSTRUÇÕES RELATIVAS AO TEMA QU ESCOLHEU, SUA REDAÇÃO SERÁ ANULADA.

Em momentos de crise, o homem procura desesperadamente encontrar saídas. Cientist sociais, filósofos, políticos afirmam que é preciso alterar as co ndições econômicas, socia educacionais, para que os indivíduos possam resolver seus problemas; místicos, esotéric e defensores de várias formas de auto-ajuda prometem saídas pessoais, por vezes rápidas eficazes. Na coletânea seguinte você encontra elementos relevantes para a análise des questão. Com base nos fragmentos dessa coletânea, redija um **texto dissertativo** sobre seguinte tema: **Saídas milagrosas para a crise: solução ou ilusão?.**

I. A auto-ajuda contém uma filosofia do senso comum, uma espécie de refinamen do que se vê nos pára-choques de caminhão. "Sorria para a vida e ela sorrirá pa você", por exemplo. Ou então: "Toda jornada começa com um passo". É possív discordar disso?

II.

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO	NÃO-FICÇÃO
1. O Alquimista, Paulo Coelho (8-212*)	1. Emagreça Comendo, Lair Ribeiro (1-6)
2. Escrito nas Estrelas, Sidney Sheldon (1-14)	2. O Sucesso Não Ocorre por Acaso, Lair Ribeiro (2-56)
3. Memorial de Maria Moura, Rachel de Queiroz (3-31*)	3. Prosperidade, Lair Ribeiro (3-37*)
4. O Dossiê Pelicano, John Grisham (4-10*)	4. Comunicação Global, Lair Ribeiro (5-50)
5. Recomeço, Danielle Steel (5-3)	5. À Sombra das Chuteiras Imortais, Nelson Rodrigues (6-5
6. A Firma, John Grisham	6. Pequeno Manual de Instrução da Vida, Jackson Brown (7-18
7. O Parque dos Dinossauros, Michael Crichton (4-9)	7. Minutos de Sabedoria, Torres Pastorino (8-8*)
8. Bala na Agulha, Marcelo Rubens Paiva (8-39*)	8. Arte & Manhas da Sedução, Marion Manna Penteado (9-12
9. As Valkírias, Paulo Coelho (2-53)	9. Na Sala com Danuza, Danuza Leão (4-48*)
10. Noite sobre as Águas, Ken Follet (10-55*)	10. Manual do Orgasmo, Marilene Cristina Vargas (7-5*)

Os números entre parênteses indicam a) cotação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista. (*) semanas não consecutivas. Esta lista não inclui os livros vendidos em bancas.

(*Veja, 25 ago. 1993*)

III. O arcebispo de São Paulo, dom Evaristo Arns, acredita que os livros de Paulo Coelh sejam uma espécie de ponto de apoio dos desacreditados na religião. "Eles ofer

com um mundo espiritualizado para o vazio deixado pelo materialismo da máquina e ensinam a felicidade que cada um busca", diz dom Paulo.

(*"A conversão do mago"*. Istoé, *3 ago. 1994.*)

IV. Para quem ainda não sabe, a grande tábua de salvação chama-se programação neurolingüística, PNL, tem menos de vinte anos de vida e é um sucesso planetário, sozinha ou somada a outras técnicas. Nada que é humano, de crises de claustrofobia a paixões por doces, lhe é estranho. Tudo é importante, tudo tem remédio. Ensina que o negócio não é ver para crer, mas crer para ver. (...) Andam dizendo que introduziu nos trópicos o conceito de felicidade portátil, do faça você mesmo agora (...). Imagine-se, vendo para crer, uma platéia de cinqüenta pessoas reunidas num hotel (...) para ouvir o doutor Lair Ribeiro (...):
"O cérebro é uma máquina sofisticadíssima que vem sem manual de instruções. (...) Ele foi programado para te dar o que você quer e para ele você quer tudo o que pensa. (...) Repita: dinheiro cresce como árvore. Dinheiro é limpo. Contribui para a felicidade. Pessoas ricas são abençoadas. O ser humano nasceu para ser próspero".

V. Há também quem veja utilidade em tudo isso, como o psicanalista carioca Luís Alberto Py. Ele acha que a auto-ajuda é um caso de *down-trading*, uma característica do mercado de cigarros em que muitas vezes uma marca barata supera as vendas das campeãs porque o preço delas subiu demais. "A psicanálise é cara. Comprar um livro de auto-ajuda é mais barato e pode funcionar", diz.

(*Os fragmentos I, IV e V foram extraídos de "A felicidade portátil"*, Veja, *21 nov. 1993.*)

VI. Veja – É possível recuperar a auto-estima brasileira, perdida na década de 80?
S. Kanitz (economista) – Os brasileiros foram cobaias de experimentos econômicos por quase dez anos, o que baixa a auto-estima de qualquer um. O Lair Ribeiro é resultado disso. Se as pessoas não estivessem de astral tão baixo, ele não venderia tantos livros. A auto-estima começa a melhorar quando você tem controle sobre sua vida econômica.

(*"A crise já era"*. Veja, *12 out. 1994.*)

VII. As modernas listas de *best-sellers* ilustram a imensa necessidade que temos desses livros de iniciação, verdadeiros manuais de sobrevivência para a travessia da vida. Mas a arte de viver adulta, envergonhada, costuma se apoiar em dois álibis: ou na psicologia, e então temos as lições positivas de Lair Ribeiro, ou na religião, e temos aqui as fábulas esotéricas de Paulo Coelho. Não ousamos, ainda, nos apegar a uma arte de viver sem muletas, moldada diretamente pela própria vida.

(*José Castello.* O Estado de S. Paulo, *8 nov. 1994, Caderno 2.*)

VIII. A crise criou discursos, que se digladiam pelos louros do acerto. No discurso de clamor à nação, o orador pede a uma Razão secreta que desperte, tipo "Deus, onde estás que não respondes?". Tende para o religioso, para o sagrado horror, já que não há nenhuma Central [de] Razão que tome uma providência. (...) A crise é boa para aumentar o contato com o absurdo, logo, com o mistério da vida. Neste sentido, a crise é filosófica.

(*Adaptado de Arnaldo Jabor, "A crise é a salvação de muitos brasileiros"*, [...])

IX. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em c constâncias escolhidas por eles mesmos, e sim em circunstâncias diretamente dac e herdadas do passado.

X. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, n fantasia. (...) Viver é muito perigoso.

(*Palavras de Riobaldo, personagem de* Grande sertão: veredas, *de João Guimarães Ros*

EXERCÍCIOS E TESTES

Leia atentamente o texto seguinte e responda às questões de 1 a 8.

"O fogo, bem defronte do rancho festivo, alumiava o terreiro.
Lúcio pôs-se a observar a agonia da lenha verde que se estorcia, estalava de dor, estoirava em protestos secos e se finava, chiando, espumando de raiva vegetal. Voavam faíscas como lágrimas de fogaréu. Divisavam-se os troncos queimados boiando no cinzeiro, como negros em farinhada. Flamejava o painel do aceiro – as árvores ígneas e, esplêndida, a macaíba com o leque de chamas.
O incêndio esfumava-se, escurecendo a noite. E, de quando em quando, a fumaça deitava para a casa fronteira, envolvendo-a num presságio de luto."

O fragmento ao lado pertence ao romance *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, publicado em 1928. Esse romance é considerado o marco inicial do moderno romance regionalista nordestino. Caracterizado pela denúncia social, retrata o drama dos retirantes nordestinos "expulsos do seu paraíso por espadas de fogo", conseqüência da grande seca de 1898.

1. (FUVEST-SP) Entre os tipos de discurso ou de composição, podem citar-se a **descrição**, a **narração**, a **dissertação**. Situe o trecho entre tais tipos de composição. Justifique a resposta.

2. (FUVEST-SP) Transcreva uma passagem desse mesmo trecho que esteja em explícita oposição de significado a "rancho festivo".

3. (FUVEST-SP) Explique o papel especial que tem no texto o uso do seguinte conjunto de termos: **agonia, dor, protestos, raiva, lágrimas.**

4. (FUVEST-SP) Transcreva uma passagem do texto em que a seqüência de verbos expressa uma gradação.

5. (FUVEST-SP) Em "... estalava de dor...", a seqüência destacada dá idéia de causa. Transcreva outra passagem do texto em que uma expressão semelhante também dá idéia de causa.

6. (FUVEST-SP) Dê, pelo menos, um sinônimo de:
   a) ígneas
   b) presságio

7. (FUVEST-SP) Na frase "Lúcio pôs-se a observar a agonia da lenha", é possível dizer-se que **Lúcio** é o agente de **pôs-se**. Responda qual o agente dos verbos destacados em:
   a) "... lenha verde que se estorcia..."
   b) "... divisavam-se os troncos queimados..."

ANEXO DO LIVRO:

LÍNGUA E LITERATURA

E X E R C Í C I O

Escreva frases nominais correspondentes às que seguem:

a. Essa criança sente-se muito infeliz.
b. Você comportou-se de maneira muito desagradável.
c. Você agiu de modo irresponsável!

V

REDAÇÃO

REVISÃO: TEXTO NARRATIVO, DESCRITIVO E DISSERTATIVO

— Texto narrativo —

Constitui basicamente uma seqüência de fatos ou acontecimentos no tempo. Apresenta um narrador em terceira ou em primeira pessoa, personagens e caracterização de espaço. Eis um exemplo:

> Originário da Etiópia, onde já era utilizado em tempos remotos, o café atravessou o Mediterrâneo e chegou à Europa durante a segunda metade do século XVII. Era a época do Barroco e das monarquias absolutas, e a expansão do comércio internacional enriquecia a burguesia européia, que se dava ares de nobreza. Já no século XVIII, os *Cafés* tornaram-se centros de encontro e de reunião elegante de aristocratas, burgueses e intelectuais ociosos.
>
> (*Nosso Século 3*. São Paulo, Abril, 1980. p. 83.)

— Texto descritivo —

O texto descritivo por sua vez é uma seqüência de aspectos, características de qualquer ser existente no universo real ou imaginário. Um exemplo:

> **Café**: s.m. semente do cafeeiro, da qual, depois de torrada e reduzida a pó, se faz uma infusão tônica e aromática.
>
> (AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa, Pinto Basto, 1980.)

— Texto dissertativo —

Já o texto dissertativo, que vai ser objeto de estudo em todo o terceiro volume, é uma seqüência de idéias, opiniões a respeito de um determinado assunto. Veja:

> O café patrocinava o progresso. Máquinas de beneficiamento do "ouro verde" passaram a ser fabricadas no país. Para transportar a preciosa mercadoria, muitas regiões foram atravessadas por vias férreas, que criavam cidades no seu percurso até os portos do Rio de Janeiro e de Santos. Nestes, o café se transformava em divisas, ao ser exportado.
>
> (*Nosso Século 3*. São Paulo, Abril, 1980. p. 84.)

E X E R C Í C I O

Indique nos textos que seguem se predomina a narração, descrição ou dissertação:

a. Ai, são pais-de-santo,
paus-de-arara, são passistas,
são flagelados,
são pingentes, balconistas,
palhaços, marcianos,
canibais, lírios pirados
dançando, dormindo de olhos abertos,
à sombra
Da alegoria dos faraós embalsamados. (João Bosco e Aldir Blanc)

b. O café é que torna sábio o político e lhe permite perceber tudo com olhos semicerrados.
(POPE. In: *Dicionário de citações*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. p. 127.)

c. Dia 26 de julho de 1908. O Parque Antarctica comportava uma multidão fora do comum. Gente, que pela quantia de 2 000 réis, assistia, aguardava e torcia pelo vencedor do Circuito de Itapecerica, a primeira corrida automobilística realizada em São Paulo. Primeira, aliás, no Brasil e na América do Sul. Repórteres nacionais e estrangeiros cobriam o acontecimento. Era uma grande aventura. (*Nosso Século 3*. São Paulo, Abril, 1980. p. 73.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Desenvolva seu texto livremente, isto é, de forma predominantemente narrativa, descritiva ou dissertativa, a partir da frase já analisada por você nesta unidade: *"O brasileiro é, antes de tudo, um forte"*.

i. Às brutalidades do Ruço ***respondia*** a viúva com redobros de carinho. (Monteiro Lobato)
j. ***Eram*** onze horas da manhã.
l. O sol, no céu, ***marcava*** onze horas. (Rachel de Queiroz)
m. Suas relações com o Ruço, maternais até ali, ***principiaram*** a mudar de rumo. (Monteiro Lobato)

■ 3. Classifique o sujeito e dê a função sintática da partícula ***se***:

a. Aluga-se este imóvel.
b. Precisa-se de outro imóvel.
c. Desconfia-se de políticos.
d. Reformularam-se as questões da prova.
e. Transgridem-se os princípios parnasianos.

IV
REDAÇÃO
DISSERTAÇÃO: A DELIMITAÇÃO DO TEMA

Como você já sabe, a dissertação pressupõe espírito crítico, raciocínio, clareza e objetividade na exposição dos argumentos.

Para tanto, o primeiro cuidado que se deve ter é delimitar o tema, quando este for muito amplo.

Assim, um tema como "A violência" pode ser abordado sob vários ângulos.

Eis alguns deles:

- A violência urbana.
- A violência no campo.
- A violência como conseqüência da miséria.
- A violência como característica de todo ser humano.
- A violência contra os meninos de rua.
- A violência na família.
- A violência contra as minorias.

Poderíamos enumerar muitas outras maneiras de desenvolver esse tema. Essas que aí estão constituem apenas algumas dentre as inúmeras possibilidades de abordagem de um tema tão complexo.

E X E R C Í C I O

Apresentamos uma série de temas bem amplos. Delimite-os, discutindo em grupo:

1. Música
2. O negro
3. Meios de comunicação de massa
4. Livro
5. Esporte
6. Violência
7. Escola

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Escolha um dos temas já delimitados e escreva uma dissertação, lembrando-se d pressupostos básicos de um texto dissertativo.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

As pinturas de Almeida Júnior retratam com tanta maestria as cenas e costumes do universo rural, que estão até hoje presentes na obr de artistas brasileiros Tanto a foto de Walt Firmo, mostrando o compositor Cartola n janela de uma casa simples, quanto o desenho de Elifas Andreato para uma capa de disco de Rolando Boldrin prestam homenagem à pintura *O violeiro*, de Almeida Júnior, de 1899.

V

REDAÇÃO

DISSERTAÇÃO: ELABORAÇÃO DO PLANO

Para que um texto dissertativo apresente lógica e coerência, deve ter uma determinada estrutura. A estrutura-padrão é constituída de:

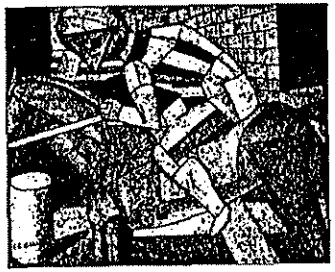
a) **introdução**: deve conter a idéia principal a ser desenvolvida;
b) **desenvolvimento**: exposição de argumentos que vão fundamentar a idéia principal;
c) **conclusão**: é a retomada da idéia principal, que deve aparecer de forma mais convincente, uma vez que já foi fundamentada durante o desenvolvimento.

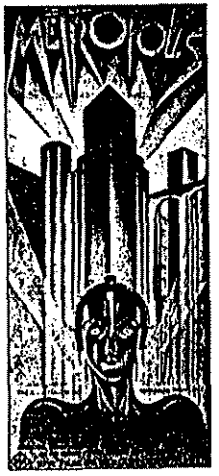
PROPOSTA DE REDAÇÃO

O que você pensa a respeito do seguinte item do *Manifesto do Futurismo*: "Nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo"?

a. Faça um levantamento das idéias que ocorrem em sua mente, concordando com essa afirmativa ou discordando dela.
b. Elabore um plano com introdução, desenvolvimento e conclusão.
c. Redija sua dissertação.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼





O impacto que representou a Revolução Industrial e a sociedade de massas pode ser avaliado pela freqüência com que as vanguardas do início do século lançaram mão da metáfora do homem-máquina. Nos exemplos reproduzidos, temos: à esquerda, a pintura *Heitor e Andrômaca*, de Giorgio De Chirico, de 1917; acima, a pintura *O cavaleiro do Ocidente*, de Carlo Carrà, também de 1917; e, à direita, o cartaz de Schulz-Neudamm para o filme *Metropolis*, de Fritz Lang, de 1926.

EXERCÍCIO

Desfaça a ambigüidade das frases que seguem, empregando o objeto direto preposicionado:

a. Matou o bandido o mocinho.
b. Amava o professor a aluna.
c. Agrediu o orador a platéia.

V

REDAÇÃO

DISSERTAÇÃO: O PARÁGRAFO DE ABERTURA

Tendo delimitado o assunto sobre o qual se vai escrever e elaborado um plano para estruturar o texto, é importante pensar no parágrafo que vai introduzir o texto. Esse deve, antes de mais nada, chamar a atenção do leitor para dois itens essenciais:

a) os objetivos do texto;
b) o plano de desenvolvimento.

Veja um exemplo de parágrafo introdutório:

> De um tecido rústico para cobrir barracas, surgiu a roupa mais universal do homem. Adotadas pela juventude, as calças jeans tornaram-se símbolo de uma nova maneira de viver. (*Superinteressante*)

Através desse parágrafo, nota-se claramente que o autor pretende traçar uma evolução histórica do uso do *jeans* e demonstrar por que é a roupa mais universal e o símbolo de um novo estilo de vida. Os objetivos e o plano de desenvolvimento do texto ficam bem claros nesse parágrafo introdutório.

Este é o quadrinho de abertura de *Robocop*. Tal como no parágrafo de abertura de uma dissertação, sua função é apresentar o assunto que será desenvolvido e o ambiente em que a história vai se desenrolar.

E X E R C Í C I O

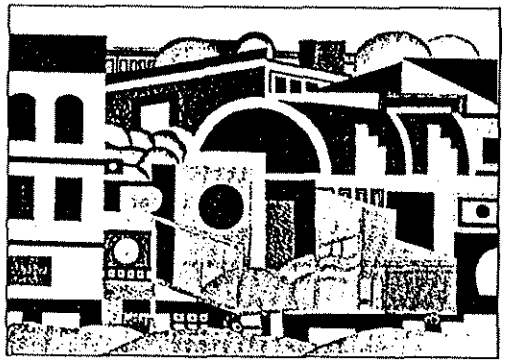
Leia o texto que segue, proposto num vestibular da UFBA, e extraia dele o tema da sua dissertação. A seguir, redija um parágrafo introdutório.

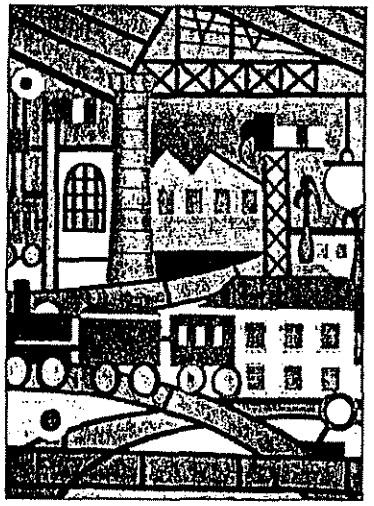
Nos últimos 110 anos, poucas economias tiveram um desempenho tão formidável como a brasileira. O que chama a atenção, no país, é a sua capacidade de se desenvolver e, simultaneamente, sua incapacidade de promover um destino melhor aos seus desamparados. Mais que isso: o Brasil, ao longo das últimas décadas, só tem conseguido crescer produzindo um número cada vez maior de miseráveis. (Revista *Veja*, 19 dez. 1990.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Continue a dissertação que você começou, argumentando e concluindo.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼





As duas pinturas têm o mesmo título: *A gare* (termo francês para designar estação ferroviária). A diferença de tempo entre elas é de apenas um ano (a da esquerda é de 1923; a da direita, de 1924). Ambas têm uma estrutura de composição muito semelhante, característica do Cubismo. Uma — a de 1923 — é de Fernand Léger, pintor francês de vanguarda; a outra — a de 1924 — é de Tarsila do Amaral. A série de coincidências atesta a grande afinidade estética que existia entre o Modernismo brasileiro e o ambiente artístico das vanguardas européias.

IV
RECURSOS DE ESTILO

Normalmente, omite-se o agente da passiva na voz passiva sintética. O emprego desse termo, no entanto, pode conferir uma certa formalidade ao texto.

Veja:

Esta classe se constitui ***de jovens***.

Compare com a voz passiva analítica correspondente:

Esta classe é constituída ***por jovens***.

E X E R C Í C I O

Passe as frases que seguem para a voz passiva sintética correspondente:

a. A peça que vi ontem é composta de três atos.

b. Os outros grupos foram formados por gente mais velha.

V
REDAÇÃO

(Mackenzie-SP)

Desenvolva um texto dissertativo, em prosa, discutindo a afirmação abaixo:

"A estabilidade dos grandes centros urbanos no Brasil só ocorrerá a partir de uma ampla reforma agrária".

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

Pintura de Tarsila do Amaral, de 1922

Desenho de Anita Malfatti, de 1922

Caricatura de Di Cavalcanti, de 1928

■ 5. Identifique se os termos em destaque exercem a função de adjunto adnominal ou de complemento nominal:

a. A descoberta ***do Brasil*** foi uma descoberta de Portugal.
b. A descoberta do Brasil foi uma descoberta ***de Portugal***.
c. Mais um fator desconhecido — o desrespeito ***à temporização do organismo*** — pode estar causando danos igualmente sérios ao ser humano.
d. As perguntas ***dos alunos*** ficaram sem resposta.
e. As perguntas ***aos oradores*** sempre eram procedentes.

IV
RECURSOS DE ESTILO

O mesmo adjunto adverbial pode expressar mais de uma circunstância:

Moramos ***longíssimo*** deste bairro.
lugar e intensidade

EXERCÍCIO

Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em destaque:

a. ***Jamais*** voltarei a pôr os pés neste colégio.

b. Saiu da sala pisando ***devagarinho***.

V
REDAÇÃO
DISSERTAÇÃO: O PARÁGRAFO DE CONCLUSÃO

Outro item importante para se redigir um texto dissertativo é a formulação da conclusão. Esta deve conter de uma forma resumida o objetivo proposto na introdução, acrescido da argumentação básica empregada no desenvolvimento. Observe como o autor deste editorial da *Folha de S.Paulo* conclui seu texto:

Desperdício educacional

O não preenchimento do total de vagas oferecidas pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Federal de São Carlos constitui um grave indício da inadequação do ensino de 1º e 2º graus enquanto etapas preparatórias ao ensino superior. O quadro se repete no vestibular da Universidade Federal Fluminense, cuja primeira fase eliminou um grande número de candidatos.

Se a permanência de vagas ociosas em alguns cursos impede a plena utilização dos recursos materiais e humanos alocados na Universidade, não se trata, contudo, de abolir a exigência de uma nota mínima nos vestibulares. A norma levou à eliminação da grande maioria dos candidatos, mas é indispensável para evitar uma queda ainda mais acentuada da qualidade do ensino no país.

É verdade que a introdução de etapas eliminatórias favorece, muitas vezes, os candidatos oriundos dos cursos de preparação ao vestibular (os chamados "cursinhos") ou das escolas particulares. A solução para tal dilema não pode passar, porém, por um rebaixamento da qualidade do ensino universitário através da sua "adequação" à realidade do 1º e 2º graus. Tal adequação, se realizada, desviaria a Universidade da tarefa básica de formar profissionais devidamente qualificados, capazes de desempenhar a contento as funções para as quais se pretende prepará-los.

Ao lado de uma necessária revisão no próprio conteúdo dos vestibulares, de modo a associar uma exigência mínima de conhecimentos gerais a um peso maior para as matérias que realmente constituem um pré-requisito para o curso ao qual o aluno se candidata, torna-se urgente uma reformulação da escola pública de 1º e 2º graus, através de uma maior alocação de recursos e de uma revisão pedagógica, capaz de oferecer à população de baixa renda um ensino digno, mesmo para aqueles que não aspiram ao diploma universitário.

Com isto, a Universidade poderia estabelecer critérios qualitativos para o ingresso de candidatos, sem correr o risco atual de não ter parte de suas vagas ocupadas. Por enquanto, saem vitoriosos apenas o desperdício de recursos, a superfluidade de muitas das questões e exigências que constam do vestibular e a iniqüidade de um sistema educacional onde os mais pobres não têm como competir.

EXERCÍCIO

Elabore um projeto de texto dissertativo a partir do texto que acabou de ler e dos que seguem, propostos num vestibular da Fuvest.

I. Alega-se, com freqüência, que o vestibular, como forma de seleção dos candidatos à escola superior, favorece os alunos de melhor situação econômica, que têm condições de cursar as melhores escolas, e prejudica os menos favorecidos, que são obrigados a estudar em escolas de padrão inferior de ensino.

II. Por outro lado, há quem considere que o vestibular é apenas um processo de seleção que procura avaliar o conhecimento dos candidatos num determinado momento, escolhendo aqueles que se apresentam melhor preparados para ingressar na Universidade. Culpá-lo por possíveis injustiças é o mesmo que culpar o termômetro pela febre.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Faça uma dissertação discutindo as opiniões acima expostas. É importante que você assuma uma posição a favor ou contra as idéias apresentadas. Justifique-a com argumentos convincentes. Você poderá também assumir uma posição diferente, alinhando argumentos que a sustentem. Dê uma atenção especial à sua conclusão.

IV
RECURSOS DE ESTILO

A conjunção **que** pode ter valor:

a) **aditivo**, quando empregada com verbos repetidos:

Fala ***que*** fala. (Fala e fala.)

b) **adversativo**:

Todos manifestaram-se a favor do projeto ***que*** não nós.

E X E R C Í C I O

Substitua a conjunção **que** por outra correspondente:

a. A classe inteira deseja falar ***que*** não eu.

b. Sonha ***que*** sonha em sair do país.

V
REDAÇÃO
DISSERTAÇÃO: A COESÃO TEXTUAL

Entende-se por coesão textual a ligação que deve existir nas frases, entre as frases e entre os vários parágrafos de um texto.

Essas ligações são importantes porque estabelecem a relação de significado no texto. É muito difícil relacionar todos os problemas de coesão. Vejamos alguns que têm aparecido com mais freqüência nas redações escolares.

1) Uso inadequado do conectivo (preposição, pronome relativo e conjunção):

a) preposição:

"O desprezo ***de*** computador nos dias de hoje é nada mais, nada menos que pura ignorância."

Evidentemente o aluno quis dizer: *O desprezo pelo computador...*

Esse erro acarreta mudança de significado, uma vez que o computador não é agente da ação de desprezar e sim paciente.

b) pronome relativo:

"Os problemas ***o qual*** penso são difíceis de resolver."

A forma correta seria: *Os problemas nos quais* (ou *em que*) *penso são difíceis de resolver.*

c) conjunção:

"***Se*** for uma pessoa de carne e osso porém sem ação e reflexão."

É bem provável que o aluno tenha querido dizer: *É uma pessoa de carne e osso, porém sem ação e reflexão.*

Portanto, a conjunção *se* no início é totalmente descabida.

2) Falta de seqüência lógica:

Inicia-se o período utilizando uma estrutura que exige uma determinada seqüência, no entanto, ao invés de dar continuidade, emprega-se outra que trunca toda a idéia inicial. Observe:

"O grau de salinidade da água é tal que não se pode mais utilizá-la nas plantações nem mesmo ***pelas pessoas***."

Nota-se que a expressão *pelas pessoas* não completa corretamente a seqüência que a inicia. Espera-se algo do gênero: ... *nas plantações nem em outro contexto qualquer.*

A questão da falta de seqüência lógica é bastante ampla, abrangendo casos que envolvem problemas de sentido e de construção de frase.

3) Ambigüidade:

É outro fator que dificulta o entendimento de um texto dissertativo, pois este deve ter como objetivos básicos a clareza e a lógica na exposição das idéias. Um exemplo:

"Imagine que o vestibulando deve redigir um texto em trinta linhas, entregar a um professor que não conhece seus objetivos."

O pronome possessivo *seus* refere-se ao vestibulando ou ao professor?

Esse tipo de erro ocorre com freqüência ao se empregarem os pronomes possessivos *seu, sua, dele, dela* etc.

O calor das cinzas

— Não sei o que essa pequena pensa a meu respeito. Vem todo dia a meu lado no mesmo ônibus.
— É ela que procura o seu banco?
— Não. Sou eu que procuro o dela.

Cartum de J. Carlos, de 1929 (redesenhado)

Se na dissertação a ambigüidade deve ser evitada, no humor ela é usada com muita freqüência. No caso do cartum ao lado, a fala do primeiro velhinho teve que ser colocada em dúvida pelo amigo para que seu sentido se tornasse explícito

4) Redundância:

Entende-se por redundância a repetição desnecessária de palavras, expressões ou idéias. Exemplo:

"Essa matéria é desnecessária no vestibular. Por que insistem em dar essa matéria?"

Evidentemente, existem inúmeros outros problemas de coesão textual. Limitamo-nos a abordar apenas esses quatro itens por considerá-los essenciais.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Observando os itens abordados nas unidades anteriores e evitando cometer os erros de coesão textual, faça a seguinte dissertação proposta no vestibular da PUC-SP.

Instruções

1. Leia atentamente os textos abaixo.
2. Extraia deles o tema de sua dissertação.
3. Crie um título coerente com o seu texto.
4. Passe a limpo, a tinta, sua redação, no espaço a ela reservado.
5. O rascunho da redação não será considerado.

Da violência

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento
Mas ninguém diz violentas
As margens que o comprimem. (Bertolt Brecht)

Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada,
Já não podemos dizer nada. (Eduardo Alves da Costa)

Quem é teu inimigo?

O que tem fome e te rouba
o último pedaço de pão, chama-lo
teu inimigo
Mas não saltas ao pescoço
Do teu ladrão que nunca teve fome. (Bertolt Brecht)

IV
REDAÇÃO
O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: ENUMERAÇÃO

Enumerar significa expor as partes de um todo, uma por uma.

Qualquer idéia de sentido geral ou amplo, numa dissertação, pode ser desdobrada através da enumeração de seus diversos aspectos. A enumeração é, portanto, uma exposição de pormenores que podem:

a) desenvolver uma idéia geral;
b) justificar uma opinião;
c) fundamentar uma hipótese.

Veja um exemplo de parágrafo em que a idéia geral foi desenvolvida através da enumeração:

> As drogas precisam ser legalizadas. Vejamos algumas razões que justificam esse ponto de vista:
>
> a. A repressão falhou: gastam-se bilhões de dólares na guerra ao tráfico, e o consumo só aumenta.
>
> b. Seria eliminado o crime ligado ao tráfico, que movimenta por ano 500 bilhões de dólares.
>
> c. Reduz-se a corrupção. Polícia, justiça e políticos deixariam de receber dinheiro da droga.
>
> d. O álcool mata 25 vezes mais do que as drogas. O fumo mata 75 vezes mais. Mas o álcool e o tabaco são legalizados.
>
> (Revista *Veja*, 1º fev. 1995.)

Quando desenvolvemos uma idéia geral através da enumeração, podemos encadear livremente os elementos enumerados ou seguir um critério de importância do elemento mais importante para o menos importante ou vice-versa.

E X E R C Í C I O

Escreva um parágrafo enumerando argumentos contra a legalização das drogas.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Escreva um texto dissertativo emitindo sua opinião sobre a legalização das drogas.

V

REDAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

Uma idéia geral de um parágrafo também pode ser desenvolvida através de uma ou mais orações que indiquem:

a) **causa** (fato que provoca ou justifica o que está expresso na idéia principal);
b) **conseqüência** (fato que decorre daquilo que está exposto na idéia principal).

Essa relação pode ocorrer:

a) entre duas orações de um período (separadas ou não por pontuação):

> Desassistidos pela sociedade, sem acesso à educação e pertencentes a famílias extremamente empobrecidas, os menores "sobreviventes" entram muito cedo no duro combate pela vida. (*Refazendo a história*. São Paulo, Ática, 1989. v. 2, p. 40)

Causas: Desassistidos... empobrecidas;
Conseqüência: os menores entram muito cedo no duro combate pela vida.

b) entre dois parágrafos de um texto:

> A criança pode formar várias formulações preconceituosas relativas às minorias étnicas a partir de seu dia-a-dia. Índios, mulheres e negros, por exemplo, são definidos através de estereótipos lamentáveis (...)
>
> Como escapar, então, às formulações preconceituosas? Quando se comporta mal, a criança é advertida pelos adultos: "Cuidado que o negrão vem te pegar". Sobre os índios, todos "aprendem" que andam nus, caçam com arco e flecha, adoram o Sol e a Lua, moram em ocas e não têm religião. O trabalho doméstico, por sua vez, não é o verdadeiro trabalho. E a frase predileta dos mais velhos, relativa às meninas, afirma mais ou menos o seguinte: "Você sabe cozinhar, então já pode casar".
>
> O preconceito, portanto, nos é tão familiar que acabamos, de certa forma, impossibilitados de identificá-lo e incapacitados de combatê-lo.
>
> (Renato da Silva Queiroz — adaptado.)

No texto acima, o segundo parágrafo apresenta exemplos de como se forma a mente infantil. O terceiro expressa as conseqüências disso: a formação do preconceito e a dificuldade de localizá-lo e combatê-lo.

Portanto, entre o segundo e o terceiro parágrafos estabelece-se uma relação de causa e conseqüência.

161

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Desenvolva, por causa e conseqüência, o tema a seguir:

(Unicamp)

Dados recentemente divulgados nos principais órgãos de imprensa do país revelam o descaso com que a sociedade brasileira vem tratando a questão do menor.

Selecione, da coletânea abaixo, as informações e argumentos que, do seu ponto de vista, sejam relevantes para a elaboração de uma dissertação sobre o tema: "Criança, não verás país nenhum como este!".

Redija, em seguida, sua dissertação. Em seu texto você deverá expor, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos no tema proposto. Você poderá utilizar, também, outras informações que julgar pertinentes.

1. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

(Constituição da República Federativa do Brasil, art. 227.)

O direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I. Idade mínima de 14 anos para admissão ao trabalho, observado o exposto no art. 7º, XXXIII;
(...)
III. Garantia de acesso do trabalhador adolescente à escola.

(Ibid., art. 227, § 3º)

2. O fato é que o Brasil ostenta níveis de pobreza e concentração de renda que o projetam para baixo de países indigentes da África ou América Latina. Aí desponta a mortalidade infantil: morrem por ano, no Brasil, cerca de 300 mil crianças de zero a um ano, por falta de condições de vida razoáveis, segundo dados oficiais. Isto significa aproximadamente a tragédia de duas bombas de Hiroxima. (DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, 13 out. 1990.)

3. A prostituição infantil cresce no Brasil e já atinge 500 mil meninas envolvidas cada vez mais com drogas (...) Esse número expressa, com base em estimativa sobre a população brasileira em 1989 (147,4 milhões), a existência de uma menor prostituta entre cada 300 habitantes. (...) Haveria 800 mil meninas de rua, também suscetíveis, pela necessidade de sobrevivência, de entrar na prostituição. (*Folha de S.Paulo*, 25 out. 1990.)

4. Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás país nenhum como este! (Olavo Bilac)

IV

RECURSOS DE ESTILO

EMPREGO DO PRONOME RELATIVO ONDE

O pronome relativo *onde* só pode ser empregado para indicar **lugar**. Exemplo:

Morei em Itabuna, ***onde*** há muitas fazendas de cacau.

No entanto, é muito comum o emprego do *onde* para indicar tempo, substituir *por isso, mas, de que, que, uma vez que* e outros. Na linguagem falada e muitas vezes na escrita, esse pronome serve como curinga, aplica-se a qualquer situação.

E X E R C Í C I O

Todas as frases que seguem foram escritas por vestibulandos e apresentam vários problemas, entre eles o emprego do pronome relativo *onde*. Substitua esse pronome por *por isso, de que, que, contra a qual*:

a. Governo que dirige uma nação, além de ter ministros, deputados, senadores que formam um conjunto, onde todos participam, para poderem fazer seu dever...
b. Essa porção nos fez imaginar um lugar isolado, solitário, apenas freqüentado por alguns animais e vegetais, onde procuram com algumas dificuldades manter sua sobrevivência.
c. Mas então lhe chega à frente o seu último inimigo, o mais cruel dos obstáculos, na forma de velhice, onde ele luta para não perder as posições conquistadas.
d. No mundo atual não há mais condições de se viver para si, o mundo caminha para pontos de convergência, onde um indivíduo tem que ajudar o outro para sua própria sobrevivência e para que possa vencer.

(Essas frases foram extraídas de *Caderno de pesquisa, 23*, Fundação Carlos Chagas, dez. 1977.)

V

REDAÇÃO

(PUC — SP) **Instruções**

1. Leia atentamente os textos a seguir.
2. Extraia deles o tema de sua redação.
3. Crie um título coerente com o seu texto.
4. Passe a limpo, a tinta, sua redação (...).

Disse-lhe Pilatos: E que é a verdade?

(João, 18, 38)

No espelho de fogo da verdade
A alegria sorri a quem a busca

(Friedrich Schiller)

A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

(Carlos Drummond de Andrade)

Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia
ou Sobre a nudez forte da fantasia o manto diáfano da verdade.

(José Saramago)

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

As duas mais célebres adaptações cinematográficas dos romances de Jorge Amado: *Gabriela* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Em ambas, o papel principal é vivido por Sonia Braga, que passou a simbolizar a mulher morena e sensual dos romances do autor.

■ 3. Classifique as orações introduzidas pela conjunção **como** (causal, comparativa ou conformativa):

a. ***Como noticiaram os jornais***, os preços estão estáveis.
b. ***Como não houve aumento de preço***, a inflação se estabilizou.
c. A inflação brasileira ficou estável ***como nos países do primeiro mundo***.

■ 4. Faça uma revisão dos três tipos de orações subordinadas (substantiva, adjetiva, adverbial) e classifique as orações em destaque nos períodos que seguem, todos de autoria de Carlos Drummond de Andrade:

a. Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

b. Não fugirei para ilhas *nem serei raptado por serafins.*
c. A vontade de amar, *que me paralisa o trabalho,*
vem de Itabira...

■ 5. Que tipo de oração predomina nos três primeiros versos do poema "Quadrilha"?

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

IV

REDAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: A EXEMPLIFICAÇÃO

A exemplificação é outro processo que pode ser utilizado para desenvolver o parágrafo dissertativo. Nesse procedimento, geralmente o autor do texto:

a) busca comprovar uma afirmativa pessoal;
b) procura confirmar uma teoria;
c) ilustra uma regra ou um princípio.

Com a exemplificação, uma idéia geral fica mais clara para o leitor, já que normalmente utiliza ocorrências que podem ser comprovadas. Por isso, é um procedimento utilizado com muita freqüência em textos de caráter didático.

O autor do parágrafo seguinte utiliza esse processo:

> Nosso século é o da aceleração tecnológica e científica, que se operou e continua a se operar em ritmos antes inconcebíveis. Foram necessários milhares de anos para passar do barco a remo à caravela ou da energia eólica ao motor de explosão; e em algumas décadas se passou do dirigível ao avião, da hélice ao foguete interplanetário. Em algumas dezenas de anos, assistiu-se ao triunfo das teorias revolucionárias de Einstein e a seu questionamento.

ECO, Umberto. Reflexões para o futuro. Revista Vê a 25 anos. São Paulo, Abril, 1993. p. 112.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Escolha uma das seguintes afirmativas, de caráter geral, e desenvolva-a utilizando o processo de exemplificação, contando com sua experiência e informação.

a. A democracia pode produzir resultados inteiramente perversos se não houver um mínimo de conexão entre o que os eleitores aprovam e o que é executado em seguida. *(Folha de S.Paulo)*

b. Há dolorosas e insuportáveis discriminações contra a mulher, que a impedem de assumir sua cidadania plena.

c. (Cesgranrio) No Brasil, a educação **não** vem sendo considerada uma questão prioritária. O aluno, muitos anos na escola, convive com variados problemas. Que sugestões você tem a apresentar? Defenda e justifique suas propostas.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

Flagrantes de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa revelam uma extraordinária semelhança entre os dois maiores poetas da língua portuguesa no século XX. À esquerda, Pessoa em Lisboa na década de 20; à direita, Drummond em Belo Horizonte na década de 30.

V

REDAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO POR COMPARAÇÃO

Essa técnica de desenvolvimento da idéia-núcleo ocorre quando o autor do texto compara seres, fatos, idéias, realçando as semelhanças ou diferenças entre eles.

A técnica da comparação pode se desenvolver em dois sentidos:

a) Por semelhança — em que se estabelecem paralelos entre fatos, idéias ou seres:

> Não há nenhuma diferença entre a dama de sociedade e o pajé botocudo. Ambos anunciam seu "status" social através do volume de sofrimento que infligem à natureza para se enfeitar.
>
> Uma dessas damas que se apresentavam em público com uma pele de onça, sapatos de couro de jacaré e bolsa de tartaruga estaria dizendo que, para se vestir naquele dia, foi necessário um grande sacrifício da natureza. Ou seja, que ela vale muito mais que um jacaré, uma onça e uma tartaruga juntos. Ela se sente valorizada tanto quanto o chefe indígena que matou três araras para compor seu exuberante cocar e cinco caitetus para fazer um colar de dentes.
>
> (Rogério C. de Cerqueira Leite — adaptado)

b) Por contraste — em que se realçam as diferenças entre fatos, seres ou idéias:

> Aceita a existência em outras civilizações de várias ideologias do amor, acrescento que existem diferenças fundamentais entre elas e a do Ocidente. A principal me parece ser a seguinte: no Oriente o amor foi pensado dentro de uma tradição religiosa; não foi um pensamento autônomo e sim uma derivação desta ou daquela doutrina. No Ocidente, ao contrário, desde o princípio a filosofia do amor foi concebida e pensada fora da religião oficial e, às vezes, frente a ela.
>
> (PAZ, Octavio. *A dupla chama — Amor e erotismo*. São Paulo, 1993. p. 38.)

E X E R C Í C I O

Faça uma pesquisa sobre o preconceito racial nos Estados Unidos e no Brasil. Faça uma enumeração das semelhanças e das diferenças.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Desenvolva o tema proposto num vestibular da Fuvest por comparação (confronto ou semelhança).

Seria simplista achar que a tática de combate das minorias é apenas um magma de imbecilidade. Quando uma sociedade está em guerra permanente, ela não permite as falsas sofisticações.

Os que participam da guerra (nos EUA) acabam saindo embrutecidos. Ao contrário do Brasil, onde as discriminações mais arraigadas e extremas se disfarçam na retórica aparentemente sofisticada, mas falsa, da aceitação mútua e de uma confraternização humanista, as minorias americanas embrutecem o próprio discurso para tornarem visível o confronto.

No Brasil, os conflitos são invisíveis. O pior inimigo é o invisível. Nos EUA, negro é negro, homossexual é homossexual, mulher é mulher e, por mais estúpida que possa parecer, essa é a única forma de não deixarem a guerra, que está sempre presente, ser vista como coisa do passado.

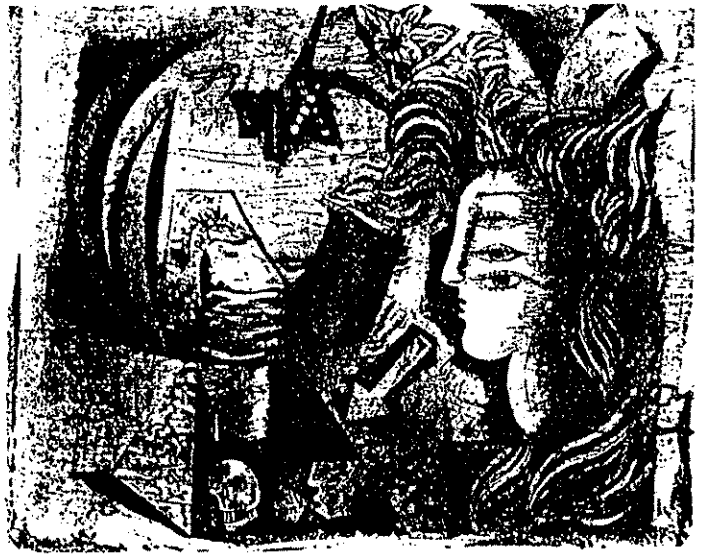
(*Folha de S.Paulo*, 3 maio 1992.)

O texto trata das diferenças entre os Estados Unidos e o Brasil no que se refere a relacionamento da sociedade com as minorias.

Faça uma dissertação sobre os problemas levantados, sem fugir do assunto.

Você tem liberdade para concordar com o autor, discordar dele ou ainda assumir sua própria posição. O importante é que discuta os problemas propostos com argumentos que permitam avaliar e sustentar a posição tomada.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼



As ilustrações de Eduardo Sued para *Invenção de Orfeu* traduzem a atmosfera onírica e surreal da poesia de Jorge de Lima e de Murilo Mendes.

E X E R C Í C I O

Reescreva as frases de acordo com a norma culta:
a. É esta a rua que morei na minha infância.
b. São professores que confio.
c. São propostas que discordo.
d. Como achar em até 10 segundos o imóvel usado que você sempre sonhou a vida inteira. (Folha de S.Paulo)
e. O show que assisti foi espetacular.

V
REDAÇÃO
O DESENVOLVIMENTO POR DEFINIÇÃO

A definição de um dos termos — geralmente o mais importante — da idéia-núcleo também é um recurso bastante utilizado no desenvolvimento do parágrafo dissertativo. Observe:

> Registra Aurélio Buarque de Holanda, em seu conhecidíssimo *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* que a palavra "cultura", em seu uso corrente, significa "saber, estudo, elegância, esmero", ela evoca os domínios da filosofia, das ciências e das belas-artes.
>
> Nesse sentido, "ser culto" é uma condição que engloba vários atributos: ter razão, ter bom gosto ou, numa palavra, como diz o nosso dicionário, "saber, ter conhecimento, estar informado". (Antonio Augusto Arantes)

O desenvolvimento da idéia-núcleo através da definição geralmente vem acompanhado de outros procedimentos, como a exemplificação, a enumeração ou a comparação por analogia ou confronto.

Observe como o autor do texto seguinte utiliza o processo do confronto a partir de uma definição:

> O sentido da privatização pode ser perfeitamente contraditório de um político para outro. Os neoliberais, como sabido, referem-se com essa palavra à renúncia pelo Estado de qualquer iniciativa empresarial, enquanto a esquerda costuma usar o vocábulo em sentido pejorativo, para indicar o domínio do aparelho estatal por grupos privados. (COMPARATO, Fábio Konder. *Folha de S.Paulo*. 28 fev. 1995.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Desenvolva o tema que segue, utilizando o processo de definição, acompanhado de outros recursos que você achar adequados (enumeração, exemplificação, comparação por contraste etc.).

(Unicamp — adaptado)

Na coletânea abaixo você encontrará algumas considerações sobre os avanços e possíveis aplicações da Engenharia Genética. Leia-as e, tomando-as como ponto de partida, redija uma **dissertação**, isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos na questão.

1. "Por Engenharia Genética entende-se o emprego de tecnologia que permite alteração das características genéticas dos organismos vivos, através da fragmentação e recombinação de moléculas de DNA." (Conceito adaptado de: *Genética molecular e de microorganismos — Os fundamentos da Engenharia Genética*, org. por Sérgio Olavo Pinto da Costa. São Paulo, Editora Manole, 1987.)

2. "(...) isso só pôde acontecer depois que a ciência desvendou o papel desempenhado pelo DNA no jogo da hereditariedade. Pois o DNA é que detém dentro de si o código genético que orienta as células na tarefa de fabricar as proteínas — as substâncias que dão as características de todos os seres (...). Os cientistas aprenderam a identificar, isolar, remover e substituir determinados genes (...) Assim, o gene responsável pela fabricação de insulina na célula humana é passado para o DNA de uma bactéria, onde continua produzindo a mesma insulina como se nada tivesse acontecido. E a bactéria transmite essa nova característica de geração a geração. (...) A importância da Engenharia Genética para a Medicina foi reconhecida desde o primeiro momento. Afinal, se existem mais de três mil doenças hereditárias, capazes de causar deformações aberrantes ou mesmo matar, muitas delas poderiam ser literalmente eliminadas no nascedouro, removendo-se do embrião o gene responsável pela moléstia ou, ao contrário, acrescentando-se o gene cuja ausência produz a enfermidade." (Revista *Superinteressante*, 1987.)

3. "Causou sensação (...) a afirmação de um professor italiano, Bruneto Chiarelli, que leciona Antropologia em Florença, sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé. Ele chegou a insinuar que experiências nesse sentido estariam em curso nos Estados Unidos. O *chimpanzomem* resultante desse acasalamento, advertiu o professor, poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes. Trata-se, porém, de um grande mal-entendido. Primeiro, porque o *chimpanzomem*, supondo que ele pudesse vir à luz, não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta; seria um híbrido, como a mula, filha do jumento com a égua, sem nada a ver com a Engenharia Genética. Segundo, porque, em Engenharia Genética, nada indica a possibilidade da criação de seres exóticos. É inviável, por exemplo, colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA híbrido numa célula que viesse a produzir uma sereia." (Revista *Superinteressante*, 1, 1987.)

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

Vinicius de Mor
dedicou grande
parte de sua vid
música, tornanc
seu trabalho
poético conheci
do grande públ
Teve diversos
parceiros, como
Tom Jobim e
Toquinho, e
preocupou-se e
produzir discos
destinados ao
público infantil.

V

REDAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: DADOS ESTATÍSTICOS

Outro procedimento a que se pode recorrer num texto dissertativo é a utilização de dados estatísticos.

Muitas vezes, os dados são mais esclarecedores e convincentes do que qualquer argumento. Um exemplo:

> Algo que me surpreende é quão pouco a crise da Aids afetou, relativamente falando, as nossas práticas sexuais. Se hoje à noite a televisão transmitisse a notícia de que a alface provoca morte, suspeito que nenhum cidadão do planeta comeria alface outra vez. Muitos de nós sabemos que a Aids mata. Mesmo assim, nos Estados Unidos uma pesquisa revelou que somente cerca de 50% dos homens e mulheres mudaram seus hábitos sexuais. Que testamento para o impulso humano em direção ao sexo! (FISHER, Helen. Reflexões para o futuro. *Veja 25 anos*. São Paulo, Abril, 1993.)

É importante salientar que esse tipo de argumentação requer uma pesquisa cuidadosa para não se incorrer em erros grosseiros.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Baseando-se nos textos e nos dados estatísticos que fornecemos abaixo, redija um texto dissertativo emitindo sua opinião sobre a legalização do aborto no Brasil.

a) A maioria dos brasileiros — 53% — é a favor da descriminalização e regulamentação do aborto. Mas 45% da população é radicalmente contra a interrupção da gravidez em qualquer situação, inclusive nas duas autorizadas pelo atual Código Penal: estupro e para salvar a vida da gestante.

b) A possibilidade de uma criança nascer defeituosa não serve como argumento para a realização do aborto para a maioria dos entrevistados. Em países como Itália, Suíça e Estados Unidos este tipo de aborto é permitido. "Há um descompasso muito grande entre as leis e a evolução da medicina", afirma Thomaz Gollop, diretor do Instituto de Medicina Fetal e Genética Humana de São Paulo.

c) No Brasil há 8 mil interrupções ilegais de gravidez por dia.

d) Cerca de 3 milhões de abortos ilegais são feitos por ano no país.

e) 4 mulheres morrem por dia no país por problemas decorrentes do aborto.

f) 1 500 dólares é o preço médio cobrado por aborto clandestino.

g) A maior incidência do aborto ocorre com adolescentes. Segundo o Ministério da Saúde, anualmente nascem cerca de 4 milhões de pessoas, 20% filhos de mães adolescentes. (Todos os dados e textos foram extraídos de *O Estado de S Paulo*, 16 jan. 1995.)

IV

REDAÇÃO

(Covest — Universidade Federal de Pernambuco)

Objetivo: elaborar uma dissertação, demonstrando originalidade e organização das idéias com correção, coerência e coesão.

Os textos abaixo servirão de base para que você desenvolva a sua redação. Leia-os atentamente.

Texto 1

"O ministro da Educação, Murílio Hingel, explicou que o ingresso no terceiro grau pode ser feito a partir da avaliação do desempenho do candidato no segundo grau." (Revista *Istoé*, 14 dez. 1994, a propósito de Projeto de Lei sobre seleção dos candidatos ao ensino superior.)

Texto 2

"Caso seja aprovada a proposta de extinção dos vestibulares apresentada pelo ministro da Educação, substituindo tais exames pela apresentação de boletins com notas brilhantes, veremos uma quantidade sem precedentes de alunos nota dez, acompanhada de uma onda de subornos inimagináveis de professores e pessoal ligado à educação..." (Cartas, *Jornal do Commercio*, 12 dez. 1994.)

Texto 3

"A universidade é para formar elites. É um processo de elitização. Não elite de dinheiro ou posição social. Mas elites de competência (...). E por democratizar a instituição universitária não queremos significar abrir-lhes os portões para toda a gente. Universidade é para fornecer pessoal de alto gabarito, de alto padrão de competência." (Afrânio Coutinho, Opinião, *Diário de Pernambuco*.)

Texto 4

"Este ano, o vestibular das Federais bateu recorde de inscrição. Mais de 33 mil "feras" entraram na briga pela conquista de uma das 4 520 vagas oferecidas pelas duas instituições, em 67 cursos." (*Diário de Pernambuco*, 13 dez. 1994.)

Texto 5

"Jovem deputada paulista, recém-eleita, tem nova e revolucionária sugestão para o ingresso nas universidades públicas: só terão acesso os que apresentarem atestado de pobreza ou cujos pais (ou responsáveis) receberem apenas o salário mínimo." (*Folha de S.Paulo*, 24 out. 1994.)

Tomando como referencial as informações contidas nos textos, desenvolva uma dissertação com o seguinte título: *Universidade pública: para quem?*

entanto, concordou com a idéia de *muita gente*, contida na palavra *grupo*. Esse é um caso de silepse de número.

Pode ocorrer também a silepse de pessoa:

Os brasileiros ***ganhamos*** mal.

O sujeito *os brasileiros* exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural: *ganham*. Mas o autor se inclui entre os brasileiros e emprega a primeira pessoa.

EXERCÍCIOS

■ 1. Escreva um período em que ocorra uma silepse de número, utilizando a expressão *a turma* como sujeito.

■ 2. Explique a ocorrência da silepse de pessoa na frase: Os paulistanos ***somos*** muito apressados.

V

REDAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: ORDENAÇÃO CRONOLÓGICA

Freqüentemente, sentimos necessidade de situar os fatos que narramos no tempo. Ao fazermos uma dissertação, essa ordenação no tempo também se faz necessária para esclarecer alguns argumentos. Dependendo da natureza do tema que está sendo abordado, esse recurso pode ser muito valioso.

Por exemplo:

A guerra do bem

A história é pródiga em exemplos de tragédias ou grandes acontecimentos que impulsionaram a humanidade. Um dos saltos tecnológicos ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Foi neste período (1939-1945) que o mundo conheceu todo o potencial da energia nuclear que culminou com a explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto de 1945. "Os estudos que levaram à criação da bomba propiciaram o conhecimento da constituição do núcleo atômico", afirma o físico Armando Turtelli Jr. da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Anos mais tarde, o mundo voltaria a experimentar outro salto, desta vez provocado pela chegada do homem à Lua. Para voar tão alto, os cientistas precisaram vencer vários obstáculos e enigmas. Um deles, por exemplo, foi encontrar uma substância especial para revestir os foguetes. "O ambiente no espaço é agressivo e há muita radiação. Para que um foguete não fosse danificado, era necessário encontrar uma substância inerte, que não reagisse com nada", explica o engenheiro eletrônico Cesar Ghizoni. Os cientistas chegaram ao tefal, que hoje reveste panelas e frigideiras e impede que o ovo frito grude no fundo.

Para resolver a difícil equação que buscava um material leve e resistente, capaz de projetar um enorme foguete ao espaço, os cientistas chegaram à fibra de carbono. Hoje, esse mesmo material é usado na fabricação de simplórias raquetes de tênis ou em próteses ortopédicas. Toda esta complexa sofisticação que envolve a luta contra a Aids, felizmente, no seu final, pode resultar em uma simples pílula disponível em qualquer farmácia, capaz de fortalecer o sistema imunológico.

(Revista *IstoÉ*, 15 fev. 1995.)

EXERCÍCIO

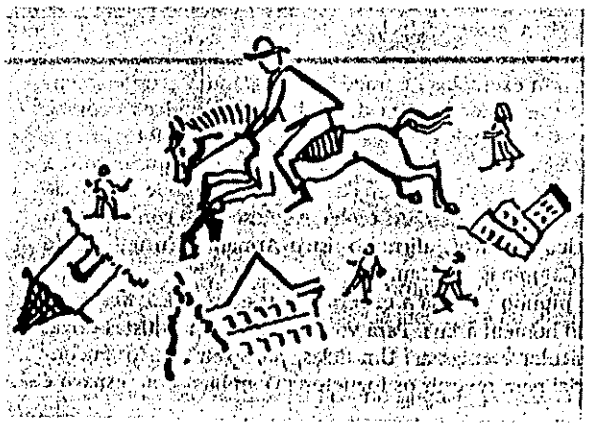
Pesquise em arquivos, jornais, revistas, livros, enciclopédias dados cronológicos sobre:

a. a moda através dos tempos;
b. o rock e suas várias manifestações no Brasil;
c. a história da música popular brasileira.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Delimite um dos temas acima e, baseando-se nos dados que coletou, redija o seu texto dissertativo por meio da ordenação cronológica.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼



A figura do cavaleiro está presente em toda literatura regionalista. Em Guimarães Rosa, ele surge como protagonista de muitas de suas "estórias". Nas três imagens aqui reproduzidas temos três visões diferentes do cavaleiro da prosa roseana: ao lado, desenho de Luis Jardim; no alto da página seguinte, à esquerda, desenho de Poty; e, à direita, pintura de Djanira.

IV
RECURSOS DE ESTILO

As regras de concordância não são rígidas. Muitas vezes, podemos alterá-las em função do que queremos enfatizar. Veja dois casos:

1) Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por *com*, o verbo deverá ir para o plural. No entanto, poderá ficar no singular quando se deseja enfatizar o primeiro elemento.

João, com o colega, ***assumiu*** a responsabilidade pelo que fez.

2) O mesmo ocorre com o verbo *ser* quando o sujeito no singular não se refere a pessoa e o predicativo está no plural. Pela regra, o verbo deverá ficar no plural. Exemplo:

Sua vida ***foram*** só tristezas.

Pode-se, no entanto, efetuar a concordância com o sujeito, quando se quer enfatizá-lo:

Sua vida ***foi*** só tristezas.

E X E R C Í C I O

Que diferença de sentido pode-se notar entre as frases de cada par:

a. A vida são as lutas do dia-a-dia.
   A vida é as lutas do dia-a-dia.
b. O prefeito, com seu advogado, impediram a realização do projeto.
   O prefeito, com seu colega, impediu a realização do projeto.

V
REDAÇÃO
O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: CITAÇÃO

Quando expomos nossas idéias, refletimos sobre determinados assuntos, surgem às vezes lembranças de autores que lemos, de conversas que tivemos com outras pessoas. A nossa experiência é um acúmulo de situações vividas em momentos diversos, que, com certeza, nos influenciam muito. É natural, portanto, que nossos argumentos tenham como ponto de partida algo já dito por outra pessoa. Nesse caso, uma citação bem colocada pode tornar-se um recurso útil na exposição de nossas opiniões.

Leia um texto de Luiz Carlos Lisboa sobre o sofrimento e observe quantas citações ele utiliza:

Oscar Wilde dizia poder simpatizar com tudo, exceto com o sofrimento. Shelley lembrava que alguns homens aprendiam sofrendo o que ensinavam através de meras palavras. Wordsworth, poeta e sábio, afirmava que o sofrimento era permanente e obscuro, participando da natureza do infinito. Montaigne, finalmente, asseverava que o homem temeroso de sofrer antecipava essas formas de dor que é temer alguma coisa.

Essas quatro visões desse antiqüíssimo tema, se não atenuam em nada o padecimentos do mundo, ao menos lançam luz sobre a possibilidade de discuti o sofrimento em vários planos diferentes. Com Wilde estamos todos nós: pode mos simpatizar com o sofredor, jamais com o sofrimento. *Lição de coisas*

E X E R C Í C I O

Procure especialistas ou leia artigos sobre futebol. Faça uma seleção de frases que voc poderia utilizar numa dissertação.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

(Unicamp — adaptado) O entusiasmo pelo futebol é um comportamento característico de grande parte da sociedade brasileira. Tomando por base os elementos fornecidos pelos textos a seguir, selecione as informações e argumentos que, do seu ponto de vista, contribuem para uma melhor análise da *relação entre esse esporte e a vida social*. Redija, em seguida, uma *dissertação*, isto é, um texto em que você deverá expor e comentar, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos na questão. Você poderá ainda utilizar, ao elaborar seu texto, outras informações que julgar pertinentes.

O grande empreendimento do futebol não é uma máquina lúdica[2]: o resultado deverá ser sempre o lucro. (SOARES, Luiz Eduardo. Futebol e ideologia. In: *Estruturalismo e análise de estratégias simbólicas*. Rio de Janeiro, Centro João XXIII, 1974.)

Conforme já decretou a elite (...) o futebol é o ópio do povo brasileiro, espécie de suor azedo de um sistema social sem salvação. (MATTA, Roberto da. Os milagres do futebol. In *Explorações*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.)

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼

Ao lado, duas obras de João Cabral da década de 50, com Nordeste como tem — *Morte e vida severina* e *O Cão se plumas* — e duas obras de sua produção recente, da década de 80 — *Agrestes* e *Crime na Calle Relator*. Nessa últimas, o poeta fal da Andaluzia, regiã da Espanha onde viveu alguns anos na condição de diplomata brasileir

E X E R C Í C I O

Identifique e classifique as silepses (gênero, número e pessoa) nas frases:

a. Todos cumprimentamos o orador.
b. Toda a gangue ficou escondida da polícia e de repente assaltaram a padaria.
c. O besta do João não me disse nada.
d. Vi uma criança fazendo muita algazarra no pátio. Ninguém podia com ele.
e. A gente continua a falar mal da TV e na verdade temos motivos para isso. *(O Estado de S. Paulo)*

V
REDAÇÃO
O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO: CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

Em vez de expor nossas idéias a partir de uma citação, como vimos na unidade anterior, podemos proceder da maneira oposta, isto é, demonstrar falsidade da argumentação de alguém. Esse procedimento, a que chamamos de contra-argumentação, consiste em refutar argumentos alheios. Utilizado com critério, pode ser bastante útil para elaborar textos dissertativos. Veja um exemplo:

O sociólogo alemão Dieter Prokop é de opinião que a televisão atende a exigências psíquicas do telespectador, advindas do trabalho realizado fora de casa, onde existe uma crescente cobrança, uma crescente exigência psíquica, principalmente no trabalho repetitivo e mecanizado. O trabalhador, então, precisa distender-se, desligar-se quando chega em casa. (...)

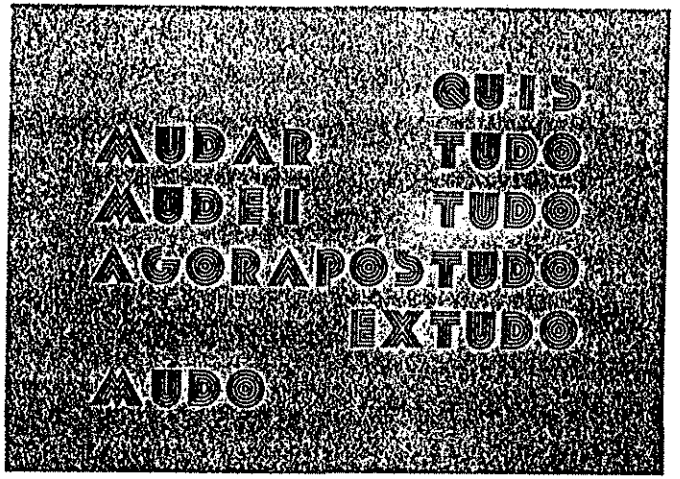
Efetivamente a televisão não funciona somente como distensão ou desligamento entre o trabalhador e seu trabalho mecânico e repetitivo. Ao contrário, ela prolonga o ritmo da fábrica, do banco, da empresa, só que de uma outra forma, pois, mesmo durante o tempo de repouso, ou enquanto assiste à TV, o sujeito mantém seu ritmo de produção. No lazer, ele adapta suas viagens e passatempos ao princípio do desempenho: é necessário render, produzir, dar conta dos desafios. Esses são os princípios que os indivíduos estabelecem, até jogando futebol, praticando *cooper*, dirigindo nas estradas, mesmo de férias. Há sempre a busca do melhor rendimento e da melhor produtividade. O relógio continua marcando seus passos e cronometrando sua vida; a novela das oito, no hotel da praia, continua a ser um compromisso obrigatório, mais importante que o relaxamento total que deveria acompanhar as férias. Ansiedade e sensação de estar sempre funcionando são as neuroses permanentes que garantem ao trabalhador a impressão de "estar vivo". Viver significa produzir e apresentar resultados em todos os sentidos. (VIEIRA, Ciro Marcondes. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna, 1988. p. 22-3.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Escreva um texto dissertativo sobre o seguinte tema:

Televisão e lazer. Justifique seu ponto de vista por meio da contra-argumentação. Ao desenvolver sua redação, além de expor suas opiniões, poderá levar em conta os argumentos expostos no texto que acabou de ler.

▼ EM OUTRAS PALAVRAS ▼



Pós-tudo, poema de Augusto de Campos, de 1984

QUESTÕES DE VESTIBULARES

■ *Literatura* ■ 1. (UFRS)

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna:

O é um poeta contemporâneo cuja trajetória dá testemunho de inquietação e criatividade, indo da poesia abstrata e experimental de *A luta corporal* à vigorosa e inventiva abordagem do cotidiano e da memória em *Poema sujo*, passando pela experiência concretista.

a. Augusto de Campos.
b. Décio Pignatari.
c. Manuel Bandeira.
d. Affonso Romano de Sant'Anna.
e. Ferreira Gullar.

■ *Literatura* ■ 2. (Unicamp)

A leitura atenta do poema de Mário Quintana, transcrito a seguir, permite que se identifiquem, de maneira clara, referências a dois momentos diferentes: o presente e o passado.

Pesquisa

Na gostosa penumbra da Biblioteca Pública,
leio velhos jornais
e
dos anúncios prescritos
das novidades caducas
dos poetas mortos há tanto tempo que parecem de
[novo
estreantes
das ferocíssimas campanhas políticas do ano
[de 1910
— brotam como balões meus sábados azuis,
as horas bebidas aos goles
(num copo azul),
e as ruas de poeira e sol onde ballam sozinhos
os meus sapatos de colegial.

(Apontamentos de história sobrenatural)

a. Transcreva palavras ou expressões do poema que remetem a esses dois momentos.

■ 2. Utilizando pleonasmo, reescreva as frases seguintes:

a. É difícil compreender a situação política deste país.
b. É urgente pagar o aluguel da casa.
c. É extremamente necessário discutir essas questões.
d. Este horário não nos convém.

■ 3. Nos versos que seguem há um hipérbato. Reescreva-os na ordem direta.

O prado as flores brancas e vermelhas
Está suavemente apresentando. (Camões)

■ 4. Explique por que ocorre o anacoluto em: "Aquela mina de ouro, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos". (José Lins do Rego)

IV
REDAÇÃO
A DISSERTAÇÃO: REVISÃO GERAL

Desde a unidade 2 deste livro estamos estudando a dissertação. Vimos vários procedimentos que podem ser empregados para desenvolver seu ponto de vista sobre um determinado assunto. Essa lista de procedimentos não é rígida nem única. Com o auxílio de sua imaginação e seu raciocínio, você poderá criar outros recursos igualmente válidos ou até mais eficientes.

Apresentamos abaixo um resumo dos elementos básicos da dissertação vistos neste livro:

I. **Introdução**

Deve conter os objetivos do texto, delimitação do assunto e o plano de desenvolvimento.

II. **Desenvolvimento**

Alguns procedimentos:

enumeração	causa e conseqüência
exemplificação	comparação
definição	dados estatísticos
ordenação cronológica	citação
contra-argumentação	e outros

III. **Conclusão**

Deve conter de forma sucinta o objetivo proposto na introdução, acrescido da argumentação básica empregada no desenvolvimento.

E X E R C Í C I O

Leia a carta que o médico infectologista Vicente Amato Neto enviou à *Folha de S.Paulo*:

Na luta contra a Aids defrontam-se os rigorosos, que exigem respeito aos princípios preventivos básicos e corretos, contra os complacentes. Aqueles exaltam o valor do relacionamento sexual responsável, o combate efetivo à toxicomania e a adequada seleção de doadores de sangue. Os outros preconizam coisas mais agradáveis, como por exemplo o emprego desbragado e a doação gratuita de camisinhas, a distribuição de seringas com agulhas a drogados e a perigosa, além de problemática, lavagem delas com água sanitária. Agora, os permissivos, que não estão obtendo qualquer vitória, pois a doença afigura-se cada vez mais difundida, ganharam novo aliado: o Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), que concordou com o fornecimento de seringas e agulhas, sem ônus, aos viciados. Portanto, esse órgão público associou ilegalidade à complacência.

Você concorda com a medida do Confen de distribuir gratuitamente agulhas e seringas a viciados? Enumere argumentos que justifiquem seu ponto de vista.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

(Unicamp — adaptado)

Escreva um texto dissertativo defendendo sua opinião sobre esta medida do Confen: a doação de agulhas e seringas a drogados.

Ao desenvolver sua redação, você deverá também levar em consideração a coletânea abaixo:

1. Graças a uma legislação liberal, a maior cidade suíça (Zurique) criou uma área especial — Letten, uma estação de trens desativada — onde é possível comprar e usar heroína em plena luz do dia. (...) Desde 1992, quando os *junkies*[1] se mudaram da Platzpitz, uma praça no centro da cidade, para Letten, o consumo não pára de crescer — um fato atestado pelas 15 000 seringas descartáveis distribuídas diariamente na velha estação. A única vantagem é que a distribuição reduziu o ritmo de disseminação da Aids. (O pico à luz do dia. Revista *Veja*, 7 set. 1994.)

2. Em nosso país, exige-se o diploma para que alguém aplique injeção endovenosa, porque pessoas não treinadas criam perigos para si ou para outros, ao realizar inoculações. Fornecer agulhas e seringas a pessoas não habilitadas para seu uso é como dar um carro a menores de idade, ou uma arma a quem não sabe utilizá-la. Isso é pelo menos indesejável para a sociedade, além de ser ilegal. No caso, a ilegalidade se tornaria incontrolável, pois o distribuidor dos medicamentos e agulhas seria o próprio Estado.

A proposta de um programa como esse não leva em conta a realidade, causando desperdício de recursos já precários. Tais propostas são feitas por pessoas que nunca viram, de fato, como funciona uma "roda"[2], provavelmente dirigentes sem formação médica e sem assessoria adequada (sociológica etc.). Não é difícil adivinhar que se trata de um plano que só beneficia vendedores de agulhas e seringas e burocratas de escritório, não tendo qualquer conseqüência para a epidemia da Aids. (Adaptado de AMATO NETO, Vicente & PASTERNAK, Jacyr. A doação de seringas e agulhas a drogados. *O Estado de S. Paulo*, 5 set. 1994.)

[1] *junkies*: termo inglês que significa drogados.
[2] *roda*: prática, comum entre drogados, que consiste no uso

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE